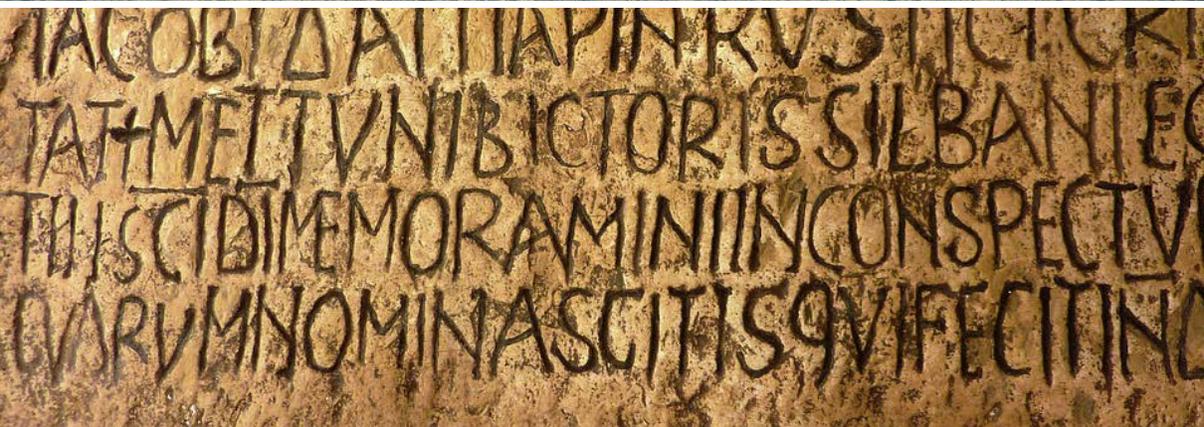


Willy Paredes Soares

A ESTILÍSTICA LATINA E A PROSA CICERONIANA

EJ Editora
UFPB



**A ESTILÍSTICA LATINA
E A PROSA CICERONIANA**



Reitor
Vice-Reitora
Pró-Reitor PRPG

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

VALDINEY VELOSO GOUVEIA
LIANA FILGUEIRA ALBUQUERQUE
GUILHERME ATAÍDE DIAS



Editora
UFPB
Diretor
Coordenadora de editoração
Revisora gráfica
Revisor de pré-impressão
Chefe de produção

EDITORA UFPB

REINALDO FARIAS PAIVA DE LUCENA
SÂMELLA ARRUDA ARAÚJO
ALICE BRITO
WELLINGTON COSTA OLIVEIRA
JOSÉ AUGUSTO DOS SANTOS FILHO

Conselho editorial

Adailson Pereira de Souza (Ciências Agrárias)
Eliana Vasconcelos da Silva Esrael (Linguística, Letras e Artes)
Fabiana Sena da Silva (Interdisciplinar)
Gisele Rocha Côrtes (Ciências Sociais Aplicadas)
Ilda Antonieta Salata Toscano (Ciências Exatas e da Terra)
Luana Rodrigues de Almeida (Ciências da Saúde)
Maria de Lourdes Barreto Gomes (Engenharias)
Maria Patrícia Lopes Goldfarb (Ciências Humanas)
Maria Regina Vasconcelos Barbosa (Ciências Biológicas)

Conselho científico

Maria Aurora Cuevas-Cerveró (Universidad Complutense Madrid/ES)
José Miguel de Abreu (UC/PT)
Joan Manuel Rodríguez Díaz (Universidade Técnica de Manabí/EC)
José Manuel Peixoto Caldas (USP/SP)
Letícia Palazzi Perez (Unesp/Marília/SP)
Anete Roese (PUC Minas/MG)
Rosângela Rodrigues Borges (UNIFAL/MG)
Silvana Aparecida Borsetti Gregorio Vidotti (Unesp/Marília/SP)
Leilah Santiago Bufrem (UFPR/PR)
Marta Maria Leone Lima (UNEB/BA)
Lia Machado Fiuza Fialho (UECE/CE)
Valdonilson Barbosa dos Santos (UFCEG/PB)

Editora filiada à:



Willy Paredes Soares

A ESTILÍSTICA LATINA E A PROSA CICERONIANA

João Pessoa
Editora UFPB
2020

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	INFINITIVO	18
	2.1 Infinitivo: Formação e Tempos	33
	2.2 Infinitivo: usos	50
	2.3 Infinitivo Subjetivo	52
	2.4 Infinitivo Objetivo	57
	2.5 Accusatiuus cum Infinitiuo	62
	2.6 Nominatiuus cum Infinitiuo	69
3	INFINITIVO E ESTILO CICERONIANO	73
4	PARTICÍPIO	126
	4.1 Particípio e tempos	133
	4.2 Particípio presente ativo	144
	4.3 Morfologia	146
	4.4 Particípio Futuro Ativo	155
	4.5 Particípio Futuro Passivo (Gerundivo)	164
	4.6 Particípio Passado	170
5	PARTICÍPIO E ESTILO CICERONIANO	177
6	CONCLUSÃO	215
7	REFERÊNCIAS	221

Agradecimento ao Prof. Dr. José Rodrigues Seabra Filho
pela partilha de conhecimento e pela dedicação.

Ao mestre José Alves Dionísio (in memoriam)

1 Introdução

Os textos da Antiguidade Clássica exercem contínua influência sobre os mais diversos campos do conhecimento ocidental, sobretudo, na área de humanidades. É evidente o pensamento greco-latino na Filosofia, nas Artes, na Psicologia, no Direito, entre outros em que se pode verificar acertadamente a sua contribuição intelectual para o desenvolvimento humanístico no Ocidente. Nas Letras, essa influência não seria diferente; inúmeros são os modelos de composição literária retomados da Antiguidade, transmitidos principalmente através dos textos latinos, quer diretamente através de estudos dos originais latinos, quer por meio da evolução do Latim em línguas neolatinas como Português, Francês, Italiano, etc. Em ambos os casos, é perceptível que essa contribuição, que foi em grande parte legada aos romanos pelos gregos através da retomada de seus modelos literários, chega-nos mais diretamente da língua latina, principalmente por ser tanto a língua que origina o Português, quanto uma língua amplamente difundida nas ciências em geral. No âmbito linguístico, são inegáveis as semelhanças ainda conservadas entre o Latim e o Português, não apenas por este ser derivado daquele

mas também pela terminologia gramatical usada na descrição de ambas as línguas, como as formas nominais dos verbos, infinitivo e particípio, que serão abordadas ao longo do livro com amplitude analítica, etimológica, morfológica, objetivando a hermenêutica de textos ciceronianos que se utilizam dessas formas nominais como recurso estruturativo-organizacional e visam a uma argumentação consistente, característica marcante de Cícero tanto em sua obra retórica quanto em seus textos filosóficos.

Na primeira parte do livro, o infinitivo latino é explicitado partindo de uma proposição etimológica que é importante para a compreensão de suas mais diferentes formas, no *infectum* ou no *perfectum*, seguido por explicitação morfológica com quadros demonstrativos de suas flexões a fim de que haja um panorama de possíveis formas de infinitivo que podem ser encontradas em textos latinos. A língua portuguesa, proveniente da latina, é utilizada sucessivas vezes como parâmetro comparativo, por um lado para que sejam observados resquícios das formas do infinitivo latino, por outro para que se possa compreender conceitos preservados na descrição da língua

vernácula pelos gramáticos contemporâneos. Geralmente o infinitivo na língua portuguesa é conceituado como uma forma nominal que não exprime nem modo nem tempo, que seria o infinitivo nomeado de impessoal, ou seja, ausente da possibilidade de ser associado a um agente de ação verbal; por outro lado há na língua vernácula o infinitivo nomeado de pessoal, também chamado de futuro do subjuntivo, por associar à forma de infinitivo desinências número-pessoais, o que viria a contradizer a própria definição de infinitivo proposto pelas gramáticas da língua portuguesa. Visando a esclarecer tais inconsistências classificatórias remissivas, inicia-se o estudo do infinitivo latino por uma explanação geral do que viria a ser especificamente o infinitivo, no sentido específico do termo, de sua definição mais remota, partindo de gramáticos gregos até os latinos da Idade Média.

Das diversas definições usadas para descrever, o infinitivo latino, sua ampla maioria situa-o como uma palavra que transita entre o nome e o verbo, já que ora é usado como substantivo, assumindo suas funções sintáticas, ora como um verbo, geralmente exprimindo uma ação e constituindo o cerne de uma oração. Autores como Varrão,

Servius, Diomedes, Isidoro, Donatus, Audax assumem posições bem semelhantes quanto à sua definição, conduzindo ao pensamento de que ao longo dos séculos, os estudiosos da língua latina preservam uma tradição de retomada de conceitos anteriores à sua época, pois as reflexões linguísticas posteriores pouco acrescentam às precedentes; esta reminiscência é observada mesmo em gramáticas da língua portuguesa que em suma maioria retomam conceitos sobre o infinitivo apresentados por autores latinos. Em geral, o infinitivo é apresentado a partir de princípios etimológicos como uma palavra composta por prefixo negativo *in-* acrescido à palavra *finitus*, sendo algo que não se pode determinar; no que se refere a um verbo, seria um tipo de forma verbal que não determina pessoas ou agentes, o que é incomum à natureza do verbo que em suas variadas flexões apresenta desinências número-pessoais, capazes de identificar seus agentes, fato que não acontece com a forma nominal de infinitivo, gerando especificidades referentes a seu estudo; no que se refere à sua função nominal, além de desempenhar sintaticamente funções referentes aos substantivos, também constitui o que em língua portuguesa é denominado de oração

reduzida de infinitivo, em que um verbo em forma infinita desempenha função sintática semelhante à de um nome substantivo. Além disso, é uma forma verbal que apresenta claramente desinências idênticas às usadas nos nomes substantivos, como o *-i* do caso dativo, frequentemente observado no infinitivo passivo que têm o tema terminado em consoante, e como o *-u* do caso acusativo ou do dativo da quarta declinação nominal, comumente verificado no tema do infinitivo futuro ativo.

Os modos verbais latinos são classificados em indicativo, subjuntivo, optativo e infinitivo, o que não só denota a esta forma nominal ampla importância para a língua latina em relação ao seu frequente uso, como também indica necessidade de um estudo sistemático e que contemple suas mais variadas formas, sejam simples ou compostas. Em se comparando à língua portuguesa, que apresenta apenas uma forma de infinitivo para cada uma das três conjugações verbais, a língua latina possui um sistema bem mais completo e complexo referente a esta forma nominal, já que apresenta dez formas de infinitivo para cada uma das quatro conjugações verbais. Dentre estas formas infinitivas, quatro são do *infectum*, nos tempos

do presente e do futuro, vozes ativa e passiva; duas formas são do *perfectum*, no tempo do perfeito, vozes ativa e passiva; quatro formas são perifrásticas: o infinitivo perfeito ativo, o infinitivo perfeito passivo, o infinitivo presente ativo e o infinitivo presente passivo. Ao lado dessas particularidades de múltiplas classificações morfológicas há outras de ordem sintática e que dizem respeito ao uso do infinitivo em estruturas relativamente comuns no Latim clássico, como o *accusatiuus cum infinitiuo* e o *nominatiuus cum infinitiuo*, sendo a primeiro muito frequente na prosa ciceroniana; há ainda duas outras estruturas que têm seus resquícios ainda presentes na língua portuguesa, são o infinitivo subjetivo e o infinitivo objetivo, muito comum nas orações subordinadas substantivas reduzidas.

Visando a uma abordagem analítica do infinitivo desvinculada de interpretações contemporâneas, optou-se pela verificação do uso do infinitivo nos textos de Cícero. Sendo assim, todos os exemplos usados foram extraídos das obras desse autor, a saber: *Tusculanae Disputationes*, *Epistulae ad Familiares*, *De Natura Deorum*, *In C. Verrem*, *In L. Catilinam*, *De Re Publica*, *Brutus*, *Pro T. Annio Milone*, *Ad*

Atticum, De Diuinatione, Philippica, De Finibus, De Officiis, De Amicitia, De Oratore, Academica. Bipartição significativa desses exemplos faz-se presente ao longo da análise linguística: primeiramente os trechos são usados para exemplificar o uso do infinitivo abordado, priorizando o seu aspecto morfológico; em seguida os trechos são utilizados e sistematizados com vistas à sua estrutura argumentativa, enfatizando o aspecto semântico-textual de que o autor Cícero lança mão para garantir sua argumentação. É importante perceber que a estruturação argumentativa dos textos ciceronianos possui caráter bastante peculiar, em que cada sentença e cada parágrafo são cuidadosamente articulados e dispostos de acordo com a pretensão argumentativa do autor que é um profundo conhecedor da língua latina e que sabe usá-la adequadamente de acordo com seus anseios, o que lhe é garantido através da multiplicidade flexiva do Latim. Tal pluralidade de estrutura linguística é demonstrada através de esquemas organizativos em que se pretende garantir a visualização dos planos argumentativos do autor e são sucedidos por explanações linguísticas vinculadas diretamente ao aspecto semântico-argumentativo.

Na segunda parte do livro, há explicações acerca dos participios latinos, considerando-se primeiramente suas relações etimológicas, seguidas das morfológicas. Evidencia-se que esta forma nominal comunga de natureza híbrida, já que tem aspectos nominais de adjetivo, apresentando declinações como este, e aspectos verbais, conjugando-se como os verbos, em muitos casos, regendo e sendo regidos por complementos verbais, em que se valem de sua transitividade. O participio em Latim é descrito linguisticamente em relativa sequência cronológica; demonstra-se que o termo participio é uma tradução direta do verbo grego *μετέχω* (participar) do qual deriva o substantivo *μετοχή* (participação, participio), tendo sua significação preservada em Latim pela palavra *participium* que possui os mesmos atributos que a língua grega; verifica-se ainda que muitas das relações de ambivalência significativa dos participios latinos são preservadas em língua portuguesa que conservou dentre alguns aspectos a desinência de gênero feminino *-a* e de número plural *-s* da declinação nominal latina. Acerca da natureza verbal do participio latino vale salientar que alguns gramáticos a consideram meramente munida de aspecto e modo, e

desprovida de tempo, este portanto estaria mais diretamente relacionado à correlação entre as sentenças e a sua sequência coordenativa ou subordinativa, o que conduz aos devidos esclarecimentos significativos das correlações oracionais temporais, condicionais, causais, concessivas, modais e relativas do particípio latino.

Os aspectos semânticos relativos às correlações entre orações no período também podem estar associados aos tempos participiais intrínsecos a cada estrutura. Ao todo os particípios apresentam quatro tempos: particípio presente ativo, marcado morfologicamente pelo uso da terminação *-ns*, no caso nominativo singular, e pelo radical terminado em *nt-*, nos demais casos (tempo bastante usado textualmente em prosa ou em verso, quer no período clássico quer no pós-clássico, tanto que as línguas neolatinas conservam fortemente suas marcas, como se observa em em palavras terminadas em *-nte* como “presidente, estudante” e outras); particípio futuro ativo, marcado geralmente pela desinência *-urus* na forma masculina, como em *futurus* (verbo *esse*) que origina em língua vernácula o substantivo “futuro”, este tempo semanticamente indica por vezes uma intenção de fazer

algo ou uma ação prestes a se realizar; particípio futuro passivo ou gerundivo, marcado morfologicamente pela desinência *-ndus* na forma masculina, por vezes acompanhado do verbo auxiliar *esse*, indica geralmente uma relação de obrigação de realização da ação ou o futuro; particípio passado, assim como o particípio presente, também é de uso frequente nos textos em geral, principalmente nas conjugações perifrásticas do *perfectum*, indica de modo geral uma ação acabada ou uma ação anterior à outra também no passado, como requer aos verbos no *perfectum*.

Concernente à observação das formas participiais no livro, usou-se basicamente a mesma sequência analítica que fora utilizada para o infinitivo na primeira parte. Em primeiro lugar, os exemplos relativos a cada forma e/ou tempo de particípio usado foram extraídos dos textos de Cícero supracitados; em sequência, fragmentos das obras desse autor foram traduzidos e devidamente estruturados com o intuito de verificar o uso dos participios no âmbito da argumentação, visando não apenas a uma análise sintática mas, sobretudo, à verificação do efeito da forma

nominal participial na composição do texto e dos recursos argumentativos inseridos no contexto de cada obra citada.

2 Infinitivo

O infinitivo latino geralmente é designado como forma verbal que participa tanto da natureza do verbo quanto da natureza do substantivo, pois pode apresentar-se assumindo funções nominais² de sujeito, de predicativo e de complemento verbal. Como afirma Springhetti:

Infinitivus vel infinitus – forma verbalis determinata quidem tempore (*legere, legisse*) et diatesi (*legere, legi*), at indefinita numero et persona; apta ad exprimendum simpliciter processum seu actionem verbalem abstractam. Potest pro substantivo poni ideoque determinari ut complementum; praeterea, eam sequi possunt complementa et adverbia, quae sequuntur etiam formas finitas³ (*Latinitas Perennis*, p.302).

Infinitivo ou infinito – forma do verbo determinada certamente por tempo (*legere, legisse*)⁴ e por diátese⁵ (*legere, legi*)⁶, mas

² As demais funções sintáticas são exercidas pela variação do infinitivo denominada gerúndio: acusativo do gerúndio (com preposição que rege acusativo), ablativo do gerúndio, dativo do gerúndio, genitivo do gerúndio.

³ Citações de textos latinos, em geral, serão apresentadas seguidas de suas traduções no *corpus* do texto, visando a melhor compreensão da discussão sugerida. Os originais usados estão devidamente citados nas referências bibliográficas, os quais foram preservados em todos os aspectos sugeridos pelo editor.

⁴ Ler, ter lido.

⁵ Voz verbal.

indefinida em número e pessoa; adequada para exprimir simplesmente processo ou ação verbal abstrata. Pode ser posta em lugar de substantivo e, por isso, ser determinada como complemento; além disso, podem segui-la complementos e advérbios, que seguem também formas finitas.

A mesma relação de indefinição de pessoa e de número, no modo infinitivo, é também descrita por Diomedes:

Infinitivus, qui et perpetuus numeris et personis, ideo dictus infinitivus ex eo, quod parum definitas habet personas et numeros. Idem enim sermo de tribus personis et duobus numeris usurpatur (*Ars Grammatica* I, 340)

Infinitivo, que tanto é inteiro em número quanto em pessoa, por isto dito infinitivo, a partir do que pouco definidas tem as pessoas e os números. Pois igualmente das três pessoas e dos dois números apropria-se.

No aspecto semântico, o infinitivo seria *et perpetuus numeris et personis* (tanto inteiro em número quanto em pessoa), ou seja, difere dos demais modos verbais, pois não

⁶ Ler, ser lido.

apresenta, por exemplo, variações de desinências modais, sendo portanto *perpetuus* (inteiro, durável) e de certa forma eterno no que tange à sua instituição formal.

Assim, os autores lançam mão de argumentos semelhantes para a explicitação das formas apresentadas pelos verbos no infinitivo, pois claramente partem de observações análogas e ponderam de forma similar. Observadas as devidas inversões estruturais próprias da língua latina, ambos usam os mesmos termos para se referirem às ausências de desinências número-pessoais no modo infinitivo, já que para Springhetti o infinitivo se apresenta como forma *indefinita numero et persona* (indefinida em número e pessoa), e para Diomedes o infinitivo *parum definitas habet personas et numeros* (muito pouco tem as pessoas determinadas e os números).

Muitos gramáticos latinos também descrevem o infinitivo com as mesmas características levantadas por Springhetti e por Diomedes, como Servius:

Infinitus dicitur modus, quia non definit personas, sed omnes tres uno modo profert, id est legere (*Servius in Donati artem minorem*, IV, 411-12).

Diz-se modo infinitivo, porque não determina as pessoas, mas todas as três mostra de um único modo, por exemplo 'ler'.

De modo mais sucinto mas não diferente do que foi apresentado pelos autores supracitados, Servius também afirma que o infinitivo é assim denominado *quia non definit personas* (porque não determina as pessoas), como no exemplo sugerido *legere* (ler), o verbo não apresenta desinências número-pessoais como explicitaram autores anteriores. Diante de tais definições, fica explícita a tentativa de descrição pelo viés etimológico por parte dos autores, uma vez que o modo infinitivo é apresentado como um modo *in-finitus*, ou seja, (não finito, não determinado), no que tange à determinação da pessoa e do número de agente da ação verbal.

O modo infinitivo exerce funções substantivas, como afirma Springhetti, que são perceptíveis também em língua portuguesa, sobretudo, em estruturas que corriqueiramente são classificadas como orações reduzidas de infinitivo. Por exemplo: “Viver não é necessário; o que é necessário é criar” (Fernando Pessoa). O infinitivo verbal ‘viver’ na estrutura exerce a função nominativa (sujeito) do verbo ‘ser’ da oração principal ‘é necessário’. Para a

gramática normativa portuguesa, o infinitivo ‘viver’ seria uma forma sintética de estrutura analítica ‘que se viva’, a qual representaria uma oração substantiva subjetiva; portanto, ‘viver’ seria sua forma reduzida, já que em sua estrutura não se apresenta a conjunção integrante ‘que’ característica de orações subjetivas, ou seja, que desempenham função nominativa. A partir de tais comparações, vê-se que o infinitivo verbal ‘viver’ pode ser substituído com acerto por sua forma substantiva equivalente ‘vida’; assim teríamos: ‘Vida não é necessário’, permanecendo as características do infinitivo, pois o predicativo ‘necessário’ conserva sua forma neutra, sem que haja a concordância de gênero entre o sujeito e seu predicativo, fato que corrobora a permanência da característica do infinitivo que participa das naturezas verbal e nominal nas línguas latina e portuguesa.

Tanto na língua latina quanto na portuguesa, as palavras flexionadas podem ser agrupadas em duas categorias: nomes e verbos. Os nomes apresentam suas desinências de gênero (masculino, feminino e neutro⁷) e de número (singular e plural); os verbos apresentam

⁷ Usual em latim, mas que apresenta vários resquícios em português, por exemplo: em pronomes: isto, isso, aquilo.

desinências de modo (indicativo, subjuntivo, imperativo e infinitivo), de tempo (passado, presente e futuro), de número (singular e plural) e de pessoa (1ª, 2ª e 3ª). No entanto, entre essas duas grandes categorias há palavras que problematizam sua devida classificação, já que apresentam uma mesma raiz verbal para ambas, por exemplo, dança (substantivo) e dançar (verbo). Para Paul Perrochat (1932, XI) “estas palavras estão no limite entre o nome e o verbo, tendendo a serem lançadas em um ou em outro sistema”. Uma possível solução distintiva para tal problemática é sugerida pelo autor através da declinação das palavras, o nome admitiria a desinência do genitivo, e o verbo admitiria a do acusativo.

No aspecto morfológico, a solução parece viável para o modo verbal infinitivo, por exemplo, pois este não apresenta a desinência do genitivo, apenas a forma de nominativo *amare* e de acusativo *amare*, em seu presente ativo. No entanto, se estendermos às palavras que indicam ação tal possibilidade de classificação, verificaremos que o gerúndio se utiliza da desinência de genitivo da segunda declinação neutra *-i, amandi*. Assim, não parece adequada a distinção classificativa sugerida por Paul Perrochat para se

verificar a distinção entre palavras que indicam ação, ora nome ora verbo, através apenas do uso da desinência de genitivo.

Partindo de tais pressupostos, é extremamente tênue a sutileza distintiva entre um nome de ação e um verbo no infinitivo em latim. Vendryes *apud* Paul Perrochat (1932, XII), diante da problemática, afirma “os infinitivos são propriamente nomes de ação, mas nem todos os nomes de ação são infinitivos”. É perceptível que essa afirmação de Vendryes leva em consideração os aspectos semânticos do infinitivo latino, pois há nomes substantivos que expressam conteúdos nocionais de ação semelhante aos designados pelos infinitivos verbais em latim.

Para Isidoro (I, IX, 2-5), os verbos latinos classificam-se em quatro partes: “*Verborum species sunt formae, modi, coniungationes, et genera [et tempora]*” (As espécies de verbos são formas, modos, conjugações e gêneros [e tempos]). Os modos são organizados de acordo com suas significações *quemadmodum sint in suis significationibus*, situando-se entre eles o Infinitivo. Classifica-se a estrutura modal latina em:

Indicativus enim modus dicitur, quia significationem habet indicantis⁸, ut 'lego'. Imperativus, quia sonum habet imperantis, ut 'lege'. Optativus, quia per ipsum aliquid agere optamus, ut 'utinam legerem'. Coniunctivus, quia ei coniungitur aliquid, ut locutio plena sit. Nam quando dicis 'cum clamem', pendet sensus; quod si dicam 'cum clamem quare putas quod taceam?' Plenus est sensus. Infinitivus [modus] dicitur eo, quod tempora definiens⁹ personam verbi non definit, ut 'clamare', 'clamasse'. Cui si adiungas personam: 'clamare, debeo, debes, debet', fit quasi finitum (*Etymologiarum siue Originum* I, IX, 2-5).

Diz-se, pois, modo indicativo, porque tem a significação de indicar, como 'leio'.

Imperativo, porque tem o som de imperar, como "lê". Optativo, porque pela própria coisa optamos fazer, como 'oxalá eu lesse'. Conjuntivo, porque algo se une¹⁰ a ele, de modo que seja completa a elocução. Pois quando dizes 'desde que eu grite', o sentido é incerto; porque caso eu diga 'desde que eu grite por qual razão pensas que eu cale?' Completo é o sentido. Infinitivo [modo] diz-se sobre aquilo que, determinando o tempo, não determina a pessoa do verbo, como 'gritar', 'ter gritado'. A que se juntas a pessoa: 'gritar, devo, deves, deve', torna-se por assim dizer finito.

⁸ Genitivo do particípio presente de *indico*.

⁹ Nominativo do particípio presente de *definio*.

¹⁰ *Coniunctivus* e *coniungitur* possuem o mesmo radical que indica ligação, união, conjunção.

A explicitação acerca dos modos verbais em Isidoro é semelhante a que apresenta Donatus em sua *Ars Minor*, como se observa em:

Modi qui sunt? Indicatiuus, ut lego; imperatiuus, ut lege; optatiuus, ut utinam legerem; coniunctiuus, ut cum legam; infinitiuus, ut legere; impersonalis, ut legitur (*Ars Minor* IV, 591).

Quais são os modos? Indicativo, como 'leio'; imperativo, como 'lê'; optativo, como 'oxalá eu lesse'; conjuntivo, como 'desde que eu leia'; infinitivo, como 'ler'; impessoal, como 'lê-se'.

Tanto em Isidoro quanto em Donatus, que em dois casos se valem dos mesmos exemplos, os modos verbais são descritos semelhantemente aos modos nas gramáticas normativas da língua portuguesa, pois em sua maioria trazem o indicativo como o modo que sugere certeza, ausência de dúvida de realização da ação, ou seja, *significationem habet indicantis* (tem a significação de indicar), como *lego* (leio), ação que certamente acontece no momento da elocução, apresentando um aspecto *infectum*¹¹

¹¹ Não feito; em processo de execução.

e um tempo presente, sendo assim, ausente de incertezas de sua realização.

O modo optativo, como etimologicamente é explicitado, refere-se a *optatio* (opção, escolha), *quia optamos* (porque optamos) por determinada realização de ação. Geralmente, a oração optativa é introduzida pela conjunção *utinam* (oxalá que, tomara que) como exemplificado em *utinam legerem* (oxalá eu lesse).

No aspecto sintático, o conjuntivo – subjuntivo como modernamente é denominado – é o modo que geralmente é usado na oração subordinada, tanto em Latim quanto em Português, e na maioria das vezes complementa uma ideia introduzida pela oração principal, em que em grande parte das sentenças há a presença do modo indicativo; por isso Isidoro afirma acertadamente que o *coniunctiuus* (conjuntivo) *coniungitur* (une-se), o que pode ser verificado através do radical das palavras *coniunctiuus* e *coniungitur*, uma vez que ambas apresentam o mesmo radical que especifica essa relação de conjunção, união, já que etimologicamente são provenientes de *coniungo* cujo radical *coniung-* define bem esse aspecto de união, ligação, casamento, e está presente tanto no substantivo que

nomeia o modo verbal *coniunctiuus* quanto no verbo conjugado *coniungitur*, fato que é pouco perceptível através de sua versão para a língua portuguesa que geralmente faz uso de radicais diferentes ‘conjuntivo’ e ‘une-se’, os quais, no entanto, semanticamente preservam o conteúdo significativo de ‘união’. Assim, é notório que se pode verificar relação de complementaridade ou de interdependência entre as sentenças de uma oração principal, com verbo no indicativo, e de uma oração subordinada, com verbo que se une e/ou se liga à anterior com verbo no *coniunctiuus* como o próprio termo que nomeia este modo afirma. No aspecto semântico, o *coniunctiuus* apresenta *pendet sensus* (sentido incerto) diferindo assim do *indicatiuus*; como explicita Isidoro *cum clamem* (desde que grite) ou como afirma Donatus *cum legam* (desde que eu leia), não há certeza acerca da execução da ação de gritar ou de ler, que se apresentam apenas no plano especulativo e possível.

Por sua vez, o modo infinitivo é apresentado por Isidoro com características semelhantes ao que afirmou Springhetti¹², já que tal modo é definido por ambos como

¹² Latinitas Perennis, p.302

sendo determinado por tempo *tempora definiens* (que define tempos), *forma uerbalis determinata quidem tempore* (forma do verbo determinada certamente por tempo), os exemplos utilizados pelos autores elucidam parcialmente o que eles entendem por tempo no modo infinitivo. Na verdade, tal entendimento se refere a uma diferenciação entre os aspectos *infectum* e *perfectum*, como se verifica em *clamare* (gritar) e *legere* (ler) que se referem ao infinitivo *infectum*; *clamasse* (ter gritado) e *legisse* (ter lido) que se referem ao infinitivo *perfectum*. Além da noção de aspecto, Springhetti percebe que é possível a distinção *et diatesi* (também por diátese) no modo infinitivo, como se observa em *legere* (ler), voz ativa *infectum* e *legi* (ser lido) voz passiva *infectum*. Ainda acrescenta que o modo infinitivo é forma *indefinita numero et persona* (indefinida em número e pessoa), afirmação que vai de encontro às ideias sugeridas por Isidoro, pois este afirma que é possível tornar o infinitivo em finito (*fit quasi finitum*), caso se acrescente ao infinitivo uma pessoa do discurso (*cui si adiungas personam*). Certamente, tais proposições tornam complexas uma definição clara acerca do modo infinitivo, pois as pessoas verbais de que fala o autor não se referem ao verbo

neste modo, mas sim aos verbos auxiliares que se flexionam e acrescentam à perífrase verbal a noção número-pessoal, como é sugerido em *debeo, debes, debet clamare* (devo, deves, deve gritar). Mesmo no Período Medieval, as gramáticas seguem fundamentos semelhantes aos apresentados por autores da Antiguidade Clássica, as descrições se apresentam de modo análogo e pouco é acrescentado acerca de uma reflexão linguística mais ampla e esclarecedora; o que se percebe em Isidoro, por exemplo, é perceptível também em Audax:

Infinitus cur dicitur? quia non explet sensum nisi adiecta alia particula uerbi, ut puta legere: pendet enim sensus: adicis uolo uis uult et implet sensum, legere uolo, legere uis, legere uult. Inpersonalis cur dicitur? quia, nisi persona ex pronomibus adiecta fuerit, certam agentis personam non definit, ut legitur. (*Excerpta de Scauro et Palladio*, XVII, 344)

Por que se diz infinitivo? Porque não completa o sentido a não ser com outra partícula junta ao verbo, por exemplo ‘julga ler’, pois o sentido é incerto: acrescentas ‘quero, queres, quer’ e enches o sentido ‘quero ler, queres ler, quer ler’. Por que se diz impessoal? Porque, a não ser que a pessoa tenha sido acrescentada de pronomes, não define determinada pessoa como agente, por exemplo ‘lê-se’.

Tal explicação se mostra desprovida de determinação ao termo que se pretende explicitar, como questiona o próprio autor *infinitus cur dicitur?* (Por que se diz infinitivo?). Se a interrogação se refere ao modo infinitivo, a explicação, introduzida por *quia*, não centraliza seu foco explicativo nesse modo, pois parte da premissa das partículas que acompanham o infinitivo *nisi adiecta alia particula uerbi* (a não ser com outra partícula junta ao verbo), a qual pode ser entendida, no trecho, como verbo auxiliar, que forma uma perífrase verbal e conseqüentemente traz em si conteúdos nocionais modo-temporais e número-pessoais. Assim, a exemplificação usada em *legere uolo, legere uis, legere uult* (quero ler, queres ler, quer ler) pouco esclarece acerca do entendimento de o infinitivo não completar um sentido *quia non explet sensum* (porque não completa o sentido). Qual seria esse *sensum* sugerido pelo autor? Pode-se afirmar que não há clareza descritiva sobre o modo infinitivo em Audax, pois a especulação levantada é desvinculada do objeto de análise sugerida. Além disso, há problemas de diátese, o que torna menos sugestiva a tentativa de explicação do autor, ao sugerir que o exemplo

legitur (lê-se) é marcado pela impessoalidade, afirmando que a pessoa é tão-somente identificável pelo uso do pronome – *nisi persona ex pronomibus adiecta fuerit* (a não ser que a pessoa tenha sido acrescida de pronome) – em função nominativa. Como o autor tenta explicitar o modo infinitivo, deveria citar como exemplo de forma passiva o verbo *legere*, usado no trecho, que seria *legi* (ser lido) e a partir dele explicar a impessoalidade do modo infinitivo também em sua voz passiva, tanto no *infectum* quanto no *perfectum*. É necessário, para uma ampla compreensão do modo infinitivo, que haja uma explicitação acerca de sua formação, formas e tempos (*infectum* e *perfectum*) bem como a observação das sentenças em que o infinitivo é empregado, visando a compreensão de sua função sintática, que é geralmente identificada como transitória – ora nome ora verbo – como se verifica a seguir.

2.1 Infinitivo: Formação e Tempos

O infinitivo latino apresenta uma grande série de formações iniciais para a voz ativa e para a passiva, como explicita A. Meillet (1966, p.356): “Como *infinitivos*, o latim tem inicialmente uma série de formações, diferentes para o ativo e para o passivo-depoente e que não tem marca claramente reconhecível de flexão casual¹³.”¹⁴. No que se refere às desinências de que faz uso o infinitivo, o autor afirma que, para a voz ativa tanto no *infectum* quanto no *perfectum*, há em grande parte dos verbos o uso da mesma desinência, ou seja, *-se* que se junta ao radical verbal. Muitas vezes essa desinência sofre alterações fonéticas, sobretudo, quando entra em contato com as consoantes finais dos temas verbais principalmente no *infectum*, por exemplo:

Es-se > esse “ser” (conservação da desinência *-se*);

Vel-se > uelle “desejar” (assimilação total progressiva);

¹³ *Comme infinitifs, le latin a d’abord une série de formations, différentes pour l’actif et pour le passif-déponent et qui n’ont aucune marque nettement reconnaissable de flexion casuelle.*

¹⁴ Os trechos originais de línguas modernas serão apresentados nas notas de rodapé.

Fer-*se* > ferre “levar” (assimilação total progressiva¹⁵);

Dice-*se* > dicere “dizer” (rotacismo¹⁶);

Cape-*se* > capere “pegar” (rotacismo);

Ama-*se* > amare “amar” (rotacismo).

No *perfectum*, geralmente a desinência -*se* do infinitivo se conserva, sobretudo, em verbos cujos radicais terminam em -*se*-, por exemplo:

Voluis-*se* > uoluisse “ter desejado”

Tulis-*se* > tulisse “ter levado”

Dixis-*se* > dixisse “ter dito”

Cepis-*se* > cepisse “ter pego”

Amauis-*se* > amauisse “ter amado”

No *infectum* passivo, há geralmente no infinitivo o uso das desinências -*i* (que se junta ao radical de verbos terminados em consoantes) e -*ri* (que se junta ao radical de verbos terminados em vogal). Exemplo:

Ferr-*i* > ferri “ser levado”

Dic-*i* > dici “ser dito”

Ag-*i* > agi “ser levado”

¹⁵ Em *uelle* e *ferre*, o fonema /s/ é assimilado totalmente pelo precedente.

¹⁶ Alteração fonética de uma sibilante sonora /s/ em /r/.

Cap-*i* > capi “ser pego”

Ama-*ri* > amari “ser amado”

Audi-*ri* > audiri “ser ouvido”

É importante ressaltar que se encontra em A. Meillet¹⁷ (1966, p.357) a desinência *-i*, acrescida ao radical/tema dos verbos terminados em consoante, como proveniente do caso dativo e da qual os nomes se utilizam em sua declinação, como se verifica em *leg-i* > *legi* (dativo singular de *lex* ‘lei’), *tempor-i* > *tempori* (dativo singular de *tempus* ‘tempo’), *ciu-i* > *ciui* (dativo singular de *ciuis* ‘cidadão’). Sendo assim, é importante frisar que a observação de A. Meillet corrobora a afirmação dos autores supracitados¹⁸ acerca da natureza nominal do modo infinitivo, não apenas no que tange ao aspecto semântico-significativo, mas também à própria natureza morfológica de que se utiliza em sua flexão no *infectum* passivo. Portanto, não há como negar sua relação direta com um nome substantivo, quando se estabelece uma comparação direta entre os modelos mencionados, como *ag-i* (infinitivo

¹⁷ *L’-ī final rappelle le datif singulier du type ped-ī; et comme le datif est un des cas le plus souvent employés dans les noms d’action qui jouent en védique le rôle d’infinitifs, il est probable que les infinitifs en -ī du latin sont d’anciens datifs, de thèmes racines dans le cas de ag-ī.*

¹⁸ Springhetti e Paul Perrochat.

infectum passivo) e *leg-i* (dativo feminino singular, 3ª declinação).

No futuro *infectum*, as formas são provenientes do supino, especificamente do acusativo ou do dativo do substantivo verbal em *-us*, assim apresentam a vogal *-u-* em seu tema como em *amat-u-rus* > *amaturus*, *amat-u-m* > *amatum*. Essas formas verbais são compostas por verbos auxiliares que formam uma perífrase verbal neste tempo, por exemplo:

Futuro Ativo

Amat-u-rum esse > *amaturum esse* “haver de amar”

Capt-u-rum esse > *capturum esse* “haver de pegar”

Futuro Passivo

Amat-u-m iri > *amatum iri* “haver de ser amado”

Capt-u-m iri > *captum iri* “haver de ser pego”

Para Franz Blatt (1952, p.203) “O infinitivo futuro (infinitivo de algo vindouro) designa o que é futuro em relação ao verbo finito¹⁹”, sendo assim, sua significação temporal está diretamente ligada ao verbo finito na sentença em que se apresenta e pode também expressar

¹⁹ L'infinitif futur (*inf. rei instantis*) désigne ce qui est futur par rapport au verbe fini.

ação que, em determinado tempo do passado, é posterior à ação desempenhada por verbo finito, apresentando por vezes ideia hipotética. Acrescenta-se ainda, do ponto de vista etimológico, a formação desse tempo verbal para a compreensão da natureza do modo infinitivo: como observado no *infectum* passivo, o infinitivo futuro também apresenta características nominais no tocante ao uso das desinências dos nomes de temas em *-u* da quarta declinação latina. Assim, podem-se estabelecer as devidas comparações entre o infinitivo futuro e os nomes da quarta declinação, sobretudo, nos casos acusativo e dativo, como se verifica em *amat-u-rum esse > amaturum esse* ‘haver de amar’ (infinitivo futuro ativo), *amat-u-m iri > amatum iri* ‘haver de ser amado’ (infinitivo futuro passivo), *grad-u-m > gradum* (acusativo singular de *gradus* “passo”), *man-u-i > manui* (dativo singular de *manus* “mão”).

Desse modo, é perceptível o uso de *-u-* após o radical do infinitivo futuro em ambas as vozes, ativa e passiva, como depois dos radicais dos substantivos da quarta declinação de temas em *-u*, o que corrobora a natureza transitória do modo infinitivo ora como nome de ação ora como verbo.

O Latim, portanto, apresenta dez formas de infinitivo. No *infectum*, há os tempos do presente e do futuro, vozes ativa e passiva; no *perfectum*, há apenas o perfeito, vozes ativa e passiva; na conjugação perifrástica, há quatro formas compostas.

Infinitivos – 1ª Conjugação

<i>Infectum</i>			
Presente		Futuro	
Ativo	Passivo	Ativo	Passivo
<i>Amare</i> amar	<i>Amari</i> ser amado	<i>Amaturum esse</i> haver de amar	<i>Amatum iri</i> haver de ser amado

<i>Perfectum</i>	
Perfeito	
Ativo	Passivo
<i>Amavisse</i> ter/haver amado	<i>Amatum esse</i> ou <i>amatum fuisse</i> ter/haver sido amado

Infinitivos – 2ª Conjugação

<i>Infectum</i>			
Presente		Futuro	
Ativo	Passivo	Ativo	Passivo
<i>Vidēre</i>	<i>Vidēri</i>	<i>Visurum esse</i>	<i>Visum iri</i>
Ver	ser visto	haver de ver	haver de ser visto

<i>Perfectum</i>	
Perfeito	
Ativo	Passivo
<i>Vidisse</i>	<i>Visum esse</i>
ter/haver visto	ter/haver sido visto

Infinitivos – 3ª Conjugação

<i>Infectum</i>			
Presente		Futuro	
Ativo	Passivo	Ativo	Passivo
<i>Legere</i>	<i>Legi</i>	<i>Lecturum esse</i>	<i>Lectum iri</i>
Ler	ser lido	haver de ler	haver de ser lido

<i>Perfectum</i>	
Perfeito	
Ativo	Passivo
<i>Legisse</i>	<i>Lectum esse</i>
ter/haver lido	ter/haver sido lido

Infinitivos – 4ª Conjugação

<i>Infectum</i>			
Presente		Futuro	
Ativo	Passivo	Ativo	Passivo
<i>Audire</i> ouvir	<i>Audiri</i> ser ouvido	<i>Auditurum esse</i> haver de ouvir	<i>Auditum iri</i> haver de ser ouvido

<i>Perfectum</i>	
Perfeito	
Ativo	Passivo
<i>Audiuisse</i> ter/haver ouvido	<i>Auditum esse</i> ter/haver sido ouvido

É importante frisar que os verbos depoentes – verbos que, conjugados apenas na forma passiva, geralmente possuem significado ativo como *loquor* (falo) ou

por vezes reflexivo como *nitor* (esforço-me) ou neutro como *morior* (morro) – não apresentam o infinitivo passivo, uma vez que morfologicamente já se utilizam de desinências passivas na conjugação dos tempos ativos, como acontece também com esse infinitivo. Exemplo:

Infinitivo – verbos depoentes

1ª conjugação

<i>Infectum</i>	
Presente	Futuro
<i>Imitari</i> Imitar	<i>Imitaturum esse</i> haver de imitar

<i>Perfectum</i>
Perfeito
<i>Imitatum esse</i> haver imitado

2ª conjugação

<i>Infectum</i>	
Presente	Futuro
<i>Vereri</i> respeitar	<i>Veriturum esse</i> haver de respeitar

<i>Perfectum</i>
Perfeito
<i>Veritum esse</i> haver respeitado

3ª conjugação

<i>Infectum</i>	
Presente	Futuro
<i>Vti</i> Usar	<i>Vsurum esse</i> haver de usar

<i>Perfectum</i>
Perfeito
<i>Vsum esse</i> haver usado

4ª conjugação

<i>Infectum</i>	
Presente	Futuro
<i>Blandiri</i> Afagar	<i>Blanditurum esse</i> haver de afagar

<i>Perfectum</i>
Perfeito
<i>Blanditum esse</i> haver afagado

Há, na língua latina, os verbos chamados semidepoentes, pois nos tempos do *perfectum* seguem a forma passiva como os verbos depoentes, e nos tempos do *inflectum* seguem as formas ativas. Três fazem parte da 2ª conjugação: *audeo* “ousar”, *gaudeo* “alegrar-se” e *soleo* “costumar”; um faz parte da 3ª conjugação: *fido* “confiar”.

Semidepoentes - 2ª conjugação

<i>Inflectum</i>	
Presente	Futuro
<i>Audere</i> ousar	<i>Ausurum esse</i> haver de ousar

<i>Perfectum</i>
Perfeito
<i>Ausum esse</i> haver ousado

<i>Infectum</i>	
Presente	Futuro
<i>Gaudere</i> alegrar-se	<i>Gauisurum esse</i> haver de alegrar-se

<i>Perfectum</i>
Perfeito
<i>Gauisum esse</i> haver-se alegrado

<i>Infectum</i>	
Presente	Futuro
<i>Solère</i> costumar	<i>Soliturum esse</i> haver de costumar

<i>Perfectum</i>
Perfeito
<i>Solitum esse</i> haver costumado

Semidepoentes - 3ª conjugação

<i>Infectum</i>	
Presente	Futuro
<i>Fidere</i> confiar	<i>Fisurum esse</i> haver de confiar

<i>Perfectum</i>
Perfeito
<i>Fisum esse</i> haver confiado

Conjugação perifrástica

Infinitivo perfeito ativo
<i>Amaturum fuisse</i> Haver de ter amado

Infinitivo perfeito passivo
<i>Amandum fuisse</i> Haver de ter sido amado

Infinitivo presente ativo
<i>Amaturum esse</i> Haver de amar

Infinitivo presente passivo
<i>Amandum esse</i> Haver de ser amado

O infinitivo perfeito da conjugação perifrástica ativa é constituído pelo participio futuro do verbo principal no acusativo *amaturum* mais o infinitivo perfeito do verbo auxiliar *fuisse*; o infinitivo perfeito da conjugação perifrástica passiva é constituído pelo gerundivo do verbo principal no acusativo *amandum* mais o infinitivo perfeito do verbo auxiliar *fuisse*; o infinitivo presente da conjugação perifrástica ativa é constituído pelo participio futuro do verbo principal no acusativo *amaturum* mais o infinitivo presente do verbo auxiliar *esse*; o infinitivo presente da conjugação perifrástica passiva é constituído pelo gerundivo do verbo principal no acusativo *amandum* mais o infinitivo do verbo auxiliar *esse*. É importante salientar que na conjugação perifrástica do infinitivo não há a subclassificação em *infectum* ou *perfectum* como é comum às demais formas verbais.

2.2 Infinitivo: usos

O modo infinitivo, quando empregado em sentenças, geralmente desempenha função sintática de nominativo (função subjetiva ou predicativa) ou de acusativo (função objetiva); há também construções particulares que se valem do uso do infinitivo, como os chamados *accusatiuus cum infinitiuo* (acusativo com infinitivo) e *nominatiuus cum infinitiuo* (nominativo com infinitivo). Como explicita Faria (1995, p.401): “A natureza substantiva do infinitivo se patenteia em seu emprego como sujeito, como objeto direto ou como predicativo, equivalendo a um nominativo ou acusativo.”.

É necessária a explicitação de tais construções com infinitivo a fim de que posteriormente seja abordado o uso desse modo verbal em estruturas textuais mais amplas, como os textos em prosa do escritor latino Cícero, uma vez que serão evidenciados o estilo e o pensamento do autor ao se valer do infinitivo na construção de seus textos, sobretudo, os textos filosóficos.

Para exemplificar os conceitos observados em relação ao uso do modo infinitivo, serão evidenciados trechos das obras de Cícero, já que há a necessidade de

observação comportamental desse modo verbal nos textos do autor.

2.3 Infinitivo Subjetivo

O infinitivo latino pode funcionar como sujeito de uma oração, tendo um valor bastante próximo de um nome substantivo. Tal função subjetiva do infinitivo permaneceu em língua portuguesa, como se observa em “Navegar é preciso” (Fernando Pessoa), em que o verbo “navegar” desempenha função subjetiva em relação ao verbo ser “é” da oração principal “é preciso”. Essa estruturação sintática é remanescente do latim, como pode ser verificado nos exemplos seguintes:

Loquor enim de docto homine et erudito, cui uiuere est cogitare
(*Tusculanae Disputationes* V, 111).

Falo pois sobre o douto e erudito homem, a quem viver é pensar.

Si enim bene sentire recteque facere satis est ad bene beateque uiuendum (*Epistulae ad Familiares* VI, 1).

Se pois sentir bem e agir corretamente é suficiente para viver bem e com felicidade.

Est enim et philosophi et pontificis et Cottae de dis immortalibus habere non errantem et uagam ut Academici, sed ut nostri stabilem certamque sententiam (*De Natura Deorum* II, 2).

É possível haver tanto do filósofo, quanto do pontífice, como de Cota, sobre os deuses imortais, uma sentença não inconstante e vaga como a do Acadêmico, mas estável e certa como a dos nossos.

Qui uero deos esse dixerunt, tanta sunt in uarietate et dissensione, ut eorum infinitum sit enumerare sententias (*De Natura Deorum* I, 2).

Os que verdadeiramente disseram existirem os deuses estão em tanta variedade e discórdia que lhes seja infinito enumerar as suas sentenças.

Os exemplos citados elucidam com clareza o infinitivo desempenhando a função nominativa, em que há a utilização do verbo *esse* (ser) com a função de verbo de ligação, pois em geral estabelece uma relação direta entre o infinitivo nominativo e seu especificador.

No primeiro exemplo *uiuere est cogitare* (viver é pensar) os dois infinitivos empregados *uiuere* e *cogitare*

possuem função nominativa, *uiuere* de sujeito do verbo *est* (é) e *cogitare* de predicativo do sujeito. No segundo, *sentire recteque facere satis est ad bene beateque uiuendum* (sentir bem e agir corretamente é suficiente para viver bem) *sentire* e *facere* desempenham a função nominativa de sujeito do verbo *est*, introduzindo o predicado que se refere aos infinitivos. Em seguida *est enim... habere... sententiam* (é possível... haver... uma sentença) o infinitivo *habere* possui função de nominativo sujeito do verbo de ligação *est* que inicia o período; por fim, *infinitum sit enumerare sententias* (seja infinito enumerar as sentenças), como no exemplo anterior, o infinitivo *enumerare* desempenha função nominativa de sujeito em relação ao verbo da oração principal, introduzida pelo verbo *sit* de ligação.

Além dos infinitivos com função nominativa que estão diretamente relacionados a orações principais cujos núcleos são verbos de ligação, como nos exemplos supracitados, há também os que se relacionam com verbos em orações principais denominados impessoais²⁰, como se verifica em:

²⁰ Verbos mais frequentes: *conducit, conuenit, decet, dedecet, delectat, expedit, fallit, fugit, interest, iuuat, latet, libet, licet, oportet, paenitet, piget, placet, praestat, praeterit, pudet, refert, taedet.*

Sed non licet me isto tanto bono, iudices, uti, non licet (*In C. Verrem* II, 5, 154).

Mas não me é permitido usar essa coisa tão boa, juízes, não é permitido.

Hos ego uideo consul et de re publica sententiam rogo, et quos ferro trucidari oportebat, eos nondum uoce uolnero (*In Catilinam* I, 4).

A esses eu cõsul vejo-os e rogo um parecer sobre a república, e era necessário trucidá-los com ferro, ainda não os ofendo com a voz.

Em ambos os casos, observa-se o uso de verbos unipessoais como núcleo da oração principal, *sed non licet... uti* (mas não é permitido... usar), em que o infinitivo *uti* exerce função nominativa de sujeito do verbo unipessoal *licet*; no segundo caso, *quos ferro trucidari oportebat* (era necessário trucidá-los com ferro), o infinitivo *uti* desempenha função nominativa de sujeito em relação ao verbo unipessoal *oportebat*.

Geralmente, nas gramáticas da língua portuguesa, sobretudo, as que não levam em consideração a evolução natural da língua, há problemas na classificação entre

verbos unipessoais e impessoais. Sendo assim, é importante frisar que os verbos são denominados impessoais quando não têm sujeito expresso, como os verbos que indicam fenômenos naturais ou mesmo o verbo “haver” indicando existência; por sua vez, os verbos unipessoais são aqueles que não se flexionam em todas as pessoas do discurso, mas têm sujeito expresso geralmente por oração subordinada subjetiva, introduzida por conjunção integrante ou em sua forma reduzida, como se verificou nos exemplos citados.

2.4 Infinitivo Objetivo

Muitas vezes o infinitivo latino pode desempenhar a função de complemento verbal, ou seja, função acusativa em relação ao verbo ao qual está diretamente relacionado, pois funciona como seu complemento direto. Na língua portuguesa, há também tal possibilidade, verificada em orações substantivas classificadas em reduzidas de infinitivo, como “Diz apenas o que quer ouvir e que está estampado no seu rosto” (Machado de Assis) o infinitivo verbal “ouvir” é claramente identificável como complemento acusativo do verbo “quer” que o antecede. Semelhantemente à sentença de Machado de Assis, que se utiliza do verbo “querer”, é muito comum no latim que os verbos²¹ das orações principais que expressam vontade, intenção, esforço, possibilidade, obrigação, início, fim, tenham complementos acusativos na forma infinitiva. Como se verifica em:

²¹ Verbos mais frequentes: *absisto, aggredior, audio, cesso, cogito, conor, constituo, consuesco, coepi, cupio, debeo, decerno, desino, desisto, disco, dubito, exordio, mitto, nescio, neglego, nego, incipio, insto, intento, ingredior, intermitto, ordior, obliuiscor, pergo, perseuero, persisto, queo, soleo, statuo, studio supersedeo, uolo.*

Non queo reliqua scribere (*Epistulae ad Familiares* XIV, 1, 5).

Não posso escrever *coisas* restantes.

Huic incipio sententiae diffidere interdum et humani generis imbecillitatem fragilitatemque extimescere (*Tusculanae Disputationes* V, 3).

Início por desconfiar desta sentença algumas vezes e por temer a debilidade e a fragilidade do gênero humano.

Nos autem nec subito coepimus philosophari nec mediocrem a primo tempore aetatis in eo studio operam curamque consumpsimus (*De Natura Deorum* I, 6).

Nós porém nem de súbito começamos a filosofar nem desde o primeiro momento da infância empregamos trabalho e cuidado medíocre neste estudo.

A exemplificação elucida claramente a função acusativa desempenhada pelos infinitivos nas sentenças latinas:

No primeiro exemplo, *non queo... scribere* (não posso... escrever), o verbo *queo* é complementado pelo infinitivo acusativo *scribere*; no segundo, *incipio... diffidere...*

et... extimescere (início... por desconfiar... e... por temer) mesmo sendo um período longo e havendo inversão sintática acentuada, é possível identificar com clareza que o verbo *incipio* é complementado por dois infinitivos acusativos seguintes *diffidere* e *extimescere*. A relação sintática entre as formas verbais é mais nitidamente perceptível em latim, uma vez que os infinitivos acusativos apresentam suas formas ativas e são ligados pela conjunção *et* (e), que por sua vez não se confunde na sentença com a enclítica *-que* (e) que correlaciona os dois nomes acusativos *imbecillitatem fragilitatemque* (a debilidade e a fragilidade) complementos diretos do infinitivo *extimescere*; no terceiro exemplo, *nec subito coepimus philosophari* (nem de súbito começamos a filosofar), percebe-se através de uma estruturação sintática mais simples da sentença que o verbo *coepimus* é complementado pelo acusativo do verbo deponente *philosophor*, em sua forma infinitiva *philosophari*.

Ao longo da obra de Cícero, há inúmeras passagens em que o autor se utiliza do infinitivo objetivo, ora em estruturas mais complexas, conforme se percebeu no segundo exemplo anterior, ora em estruturas mais simples, em que o infinitivo se mostra ao lado do verbo

complementado, como também se pode observar nos trechos seguintes:

Non modo eam coloribus eisdem, quibus fuerat, renouare neglexit, sed ne id quidem curauit (*De Re Publica* V, 2).

Não apenas negligenciou renová-la com as mesmas cores com as quais estivera, mas nem sequer cuidou disso.

Omitto innumerabilis uiros, quorum singuli saluti huic ciuitati fuerunt, et quia sunt haud procul ab aetatis huius memoria, commemorare eos desino (*De Re Publica* I, 1).

Omito inumeráveis homens, cada um dos quais foram a salvação para esta cidade, e porque não estão longe da memória desta geração, deixo de mencioná-los.

Quales sint, uarium est, esse nemo negat (*De Natura Deorum* II, 13).

Quais sejam é algo variado, *mas* ninguém nega haver.

Dentre as três passagens acima, há inúmeras semelhanças sintáticas, uma vez que os infinitivos acusativos estão antepostos aos verbos que regem complementos. No primeiro exemplo, *renouare neglexit*

(negligenciou renovar), o infinitivo *renouare* é usado como complemento direto de *neglexit*. Nos dois exemplos seguintes, há bastante similaridade estrutural, pois entre os verbos flexionados e seus complementos infinitivos existem nomes que desempenham funções díspares, como *eos*, acusativo do infinitivo *commemorare* que por sua vez é complemento acusativo do verbo *desino*; e *nemo*, nominativo de *negat*, que é complementado diretamente pelo infinitivo *esse*.

2.5 *Accusatiuus cum Infinitiuo*

Accusatiuus cum infinitiuo é um tipo de construção linguística que marcadamente está presente no Latim, sobretudo, no período que antecede a Era cristã. Mas a partir desta a língua inicia um processo de transformações, passando paulatinamente do sintetismo ao analitismo, fato perceptível sobremaneira nas línguas neolatinas, em que se amplia o uso de conectivos entre as orações e de formas verbais flexionadas em detrimento de verbos nominais como o infinitivo latino.

Textos da era cristã exemplificam bem o caráter analítico que a língua latina passa a ter, sobretudo, no que diz respeito ao uso de conjunções subordinativas para estabelecer a conexão entre as orações no período subordinado, como se verifica em *Egeriae* (I, 2): *Consuetudo est, ut fiat hic oratio ab his qui ueniunt, quando de eo loco primitus uidetur mons Dei* (É costume que se faça aqui uma oração por aqueles que chegam, quando deste lugar primeiramente se vê o monte de Deus). A autora faz uso do conectivo *ut* para estabelecer a ligação entre a oração principal *Consuetudo est* e a oração subordinada com função nominativa, introduzida pelo conectivo, *ut fiat hic*

oratio ab his. Verifica-se a tendência ao analitismo em detrimento ao sintetismo, pois a autora tem preferência por estruturas desenvolvidas através do uso de conjunções e verbos flexionados, no lugar do uso de formas infinitivas, por exemplo. O correspondente sintético dessa estrutura seria *Consuetudo est facere* (É costume fazer), com o infinitivo *facere* assumindo sua função sintática de nominativo, como seria mais comum em autores anteriores à Era cristã. Não se pode afirmar que o uso de conectivos como *ut* entre as orações é um fenômeno de nossa Era, pois muitos autores se valem deles, mesmo em textos em prosa, como é o caso de *De Bello Gallico* (IV, 21, 2): *Huic mandat ut exploratis omnibus rebus ad se quam primum reuertatur* (Ordena-lhe que, exploradas todas as coisas, torne-se a ele o quanto antes), em que se observa a conjunção *ut* sendo usada como integrante, estabelecendo a conexão entre a oração principal *Huic mandat* e sua subordinada com função acusativa *ut ad se quam primum reuertatur*.

Na língua portuguesa, há a frequência de uso tanto de construções sintéticas, com as chamadas orações reduzidas, quanto de analíticas, com as orações que se valem de conjunções integrantes semelhantes aos exemplos

anteriores de *Egeriae* e de *De Bello Gallico*. Em uma língua analítica como a portuguesa o uso de conectivos, como conjunções integrantes ou subordinativas e pronomes relativos, entre as orações é bem mais frequente, porém há sempre grande número de construções sintéticas que não utilizam tais conectivos, denominadas de estruturas reduzidas. No Latim, a construção de *accusatiuus cum infinitivo* é muito frequente, sobretudo, na prosa ciceroniana que geralmente não faz uso de conectivos como *ut* entre a oração principal e a subordinada, e sim lança mão recorrentemente de uma estrutura sintética de verbo + acusativo + infinitivo verbal, como se observa em:

Post Rhodius Hieronymus dolore vacare summum bonum dixit
(*Tusculanae Disputationes* II, 15).

Depois Jerônimo de Rodes disse ser vazio de dor o sumo bem.

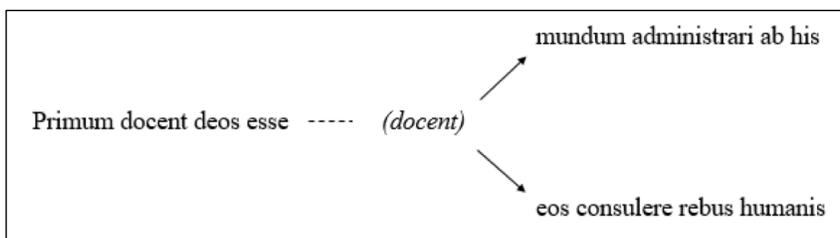
O trecho apresenta estruturação sintática de *accusatiuus cum infinitivo* em sentença sintagmática com certa simplicidade, o verbo *dixit* (perfectum) é complementado por *summum bonum* (acusativo) que é seguido por *uacare* (infinitivo ativo). Em gramáticas da

língua portuguesa, é muito comum encontrar trechos semelhantes ao apresentado acima com classificação problemática, sobretudo, no que diz respeito ao complemento verbal, já que os gramáticos portugueses atribuem dupla função sintática para um objeto direto/acusativo, quando este é seguido por infinitivo como o apresentado no trecho, assim é comum observar que “o sumo bem”, em uma sentença “disse o sumo bem ser vazio de dor”, é duplamente classificado como complemento verbal do verbo “dizer” e como sujeito do verbo *uacare* “ser vazio”. Compreende-se, pois, que tal classificação é um tanto quanto equivocada, já que desconsidera a estrutura sintática da sentença em sua totalidade. Assim, uma classificação mais coerente seria considerar *uacare* como complemento verbal de *dixit* e *summum bonum* como sujeito de *uacare*. Tal construção é bastante recorrente em Cícero, como se pode verificar em:

Primum docent esse deos, deinde quales sint, tum mundum ab his administrari, postremo consulere eos rebus humanis (*De Natura Deorum* II, 3).

Primeiramente ensinam os deuses existirem, em seguida quais sejam, além disso o mundo ser governado por eles, finalmente eles se ocuparem das coisas humanas.

A sentença apresenta uma sequência de *accusatiuus cum infinitivo* que está associada ao verbo *docent* (presente infectum) e que é complementado pelas estruturas deslocadas ao longo do período, respectivamente, *deos* (acusativo) *esse* (infinitivo ativo); *mundum* (acusativo) *administrari* (infinitivo passivo); e *eos* (acusativo) *consulere* (infinitivo ativo). Em se organizando o trecho em ordem direta, é possível melhor visualização do que se afirma:



Alteri didicisse se gaudeant (*De Natura Deorum* I, 5).

Outros alegram-se de ter aprendido.

Os pronomes pessoais também são comumente usados no acusativo como complementos dos verbos da oração principal, como o exemplo seguinte:

Minime miramur te tuis ut egregium artificem praeclaris operibus laetari (*Epistulae ad Familiares*, VII, 1, 1).

De maneira nenhuma admiramos tu, como egrégio artífice, te alegrares com tuas obras notáveis.

O verbo *miramur* (infectum presente) é complementado pelo pronome pessoal oblíquo *te* (acusativo) que por sua vez é seguido pelo verbo *laetari* (infinitivo passivo) que se encontra no final da sentença. Mesmo com uma inversão significativa na estruturação do período, fato que é atribuído ao estilo do autor, o *accusatiuus cum infinitivo* é prontamente identificado através de uma leitura mais atenta do período, como em:

Quin etiam Xenocraten ferunt, nobilem in primis philosophum, cum quaeretur ex eo, quid adsequerentur eius discipuli, respondisse, ut id sua sponte facerent, quod cogerentur facere legibus (*De Re Publica* I, 3).

E ainda disseram Xenócrates – nobre filósofo entre os primeiros, quando se procurava saber dele o que seus discípulos alcançavam – ter respondido que (*os discípulos*) faziam por vontade própria aquilo que eram obrigados a fazer através das leis.

As orações que trazem a ideia-núcleo são identificáveis e se organizam em torno dos verbos *ferunt* e *respondisse*, que são intercalados por ideias acessórias em torno do acusativo *Xenocraten*, primeiramente, e por uma sequência de orações que priorizam o esclarecimento do trecho, em seguida. Assim, pode-se afirmar que tal trecho se apresenta organizado em torno de *ferunt* (infectum presente) complementado por *Xenocraten* (acusativo) seguido por *respondisse* (infinitivo perfectum).

Ainda existe outro tipo de composição semelhante ao *accusatiuus cum infinitiuo*, mas de uso menos recorrente em latim: o *nominatiuus cum infinitivo*, que será abordado no item seguinte.

2.6 *Nominatiuus cum Infinitiuo*

O *nominatiuus cum infinitiuo*, apesar de ser de uso menos frequente em latim, possui estrutura bastante semelhante com o *accusatiuus cum infinitiuo*, pois se estrutura basicamente em verbo na voz passiva + nominativo + infinitivo. Vale salientar que, caso haja nomes predicativos referentes ao nominativo, na oração infinitiva os nomes e pronomes concordam em gênero, em número e em caso, seguindo os mesmos preceitos de concordância do sintagma nominal latino. São exemplos de *nominatiuus cum infinitiuo* os trechos abaixo:

Itaque ei mihi uidentur fortunate beateque uixisse (*Brutus* II, 9).

Assim eles me parecem ter vivido *de maneira* afortunada e feliz.

O verbo²² *uidentur* (infectum presente passivo) tem como sujeito o pronome *ei* (nominativo plural) que é seguido pelo verbo *uixisse* (infinitivo perfectum), o que

²² Verbos mais frequentes na voz passiva: *audiri, cogi, dici, doceri, existimari, iueniri, iuberi, iudicari, negari, nuntiari, prohiberi, putari, reperiri, uideri, uetari*.

demonstra a estruturação sintagmática de *nominatiuus cum infinitiuo*. Em construções semelhantes, seguem os trechos abaixo:

Scutorum, gladiatorum, frenorum, pilorumque etiam multitudo deprehendi posse indicabatur (*Pro T. Annio Milone* XXIV, 64).

Dos escudos, das espadas, dos freios e também dos dardos mostrava-se o povo poder ser surpreendido.

Bibulus nondum audiebatur esse in Syria (*Ad Atticum* V, 18,1).

Ainda não se ouvia Bíbulo estar na Síria.

No primeiro exemplo, *indicabatur* (infectum passado passivo) tem como sujeito *multitudo* (nominativo) que é seguido pela perífrase verbal *posse* (infinitivo ativo) e *deprehendi* (infinitivo passivo); no segundo exemplo, *audiebatur* (infectum passado passivo) tem como sujeito *Bibulus* (nominativo) que é seguido por *esse* (infinitivo ativo). Ambos apresentam estrutura de *nominatiuus cum infinitiuo*. Alguns períodos são mais rebuscados estilisticamente, porém há elementos gramaticais que

norteiam o entendimento com maior precisão, sobretudo, quando se consideram elementos em tornos dos quais se constroem esses períodos, como pode ser observado em:

Docet enim ratio mathematicorum, quam istis notam esse oportebat, quanta humilitate luna feratur terram paene contingens, quantum absit a proxima Mercuri stella, multo autem longius a Veneris, deinde alio intervallo distet a sole, cuius lumine collustrari putatur (*De Diuinatione* II, 91).

Pois o cálculo dos matemáticos, que por esses era necessário ser conhecido, ensina a quão pequena distância a lua se lance quase tocando²³ a terra, o quanto esteja afastada da próxima estrela, a de Mercúrio, mas muito mais longe de Vênus, depois com outro intervalo diste do sol por cujo brilho pensa-se ser iluminada.

É importante observar que a escolha de certas estruturas não se dá de modo aleatório, principalmente em Cícero, pois ao fazer a escolha pelo uso do *nominatiuus cum infinitiuo*, o autor deixa claro a quais termos faz menção no trecho, em que há vários verbos flexionados, porém apenas dois deles estão na voz passiva; isso deixa claro para o leitor que há o mesmo sujeito para ambos os verbos, ou

²³ Particípio presente de *contingo* (que toca).

seja, *luna*. Desse modo, fica clara a intenção do autor em fazer uso do *nominatiuus cum infinitiuo* em que *putatur* (infectum passivo) tem como sujeito *luna* (nominativo) que é seguido por *collustrari* (infinitivo passivo).

3 Infinitivo e Estilo Ciceroniano

O estilo de escrita ciceroniano é marcado por construções sintáticas bastante peculiares; não é incomum identificar em sua prosa períodos com elaboração ímpar, típicos de uma escrita bem organizada e distribuída em períodos precisos, de modo que é raro se observarem repetições sintáticas. Tal fato não se refere apenas a inversões sintagmáticas, mas também ao grau significativo que elas ganham em seus textos, fato que demonstra a intenção do autor em pôr em prática o registro de seu pensamento, na maioria das vezes indicando, através de recursos linguísticos usados, os passos a serem seguidos para melhor compreensão textual.

Inúmeras são as possibilidades de estudo acerca da estilística ciceroniana, porém, nesta seção, observar-se-á como o autor se vale do uso do infinitivo latino com vistas a garantir tanto melhor apreensão discursiva quanto ampla argumentação. Considerar-se-á não apenas o aspecto sintático de sua composição textual, mas também o semântico, tendo em vista que a prosa do autor apresenta construções precisas sintaticamente, mas que não são meramente alegóricas, quanto à estética de sua criação

verbal. É o que se poderia denominar de uma causa, a poética textual, em prol de sua consequência primordial, a argumentação. Assim, serão apresentados trechos de obras que possam elucidar com bastante amplitude o uso do infinitivo latino, visando a esclarecer tanto a construção sintática, por meio da estruturação textual, quanto o seu caráter semântico, tendo em vista um todo significativo.

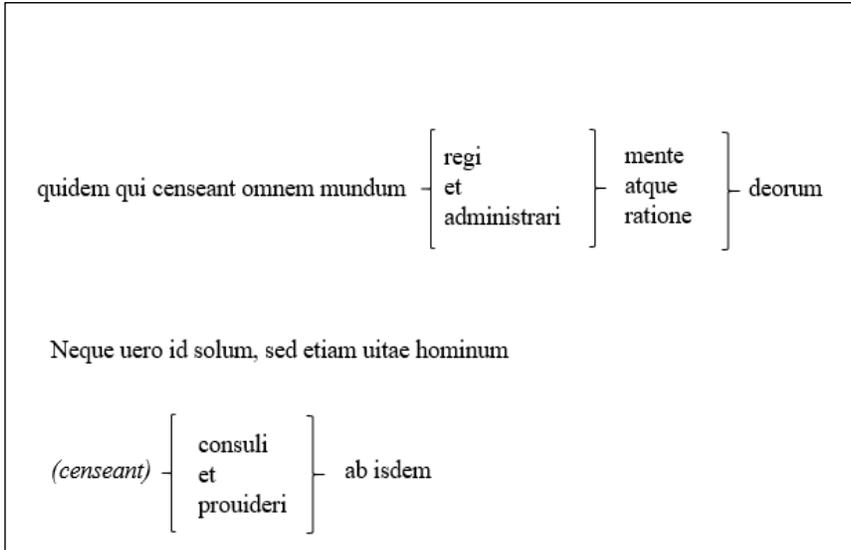
O uso do infinitivo latino em sua diversidade significativa pode ser observado nos trechos seguintes:

Sunt autem alii philosophi, et hi quidem magni atque nobiles, qui deorum mente atque ratione omnem mundum administrari et regi censeant, neque uero id solum, sed etiam ab isdem hominum uitae consuli et prouideri (*De Natura Deorum* I, 4).

Porém existem outros filósofos, e esses decerto grandes e nobres, que estimem todo o mundo ser governado e regido pela mente e razão dos deuses, e em verdade não só apenas isso mas até as vidas dos homens serem cuidadas e providas pelos mesmos *deuses*.

Tendo em vista melhor compreensão textual e explanação das formas nominais do infinitivo, os trechos

citados serão estruturados em esquemas, conforme o que segue:



Acerca da discussão sobre a existência, a forma, a percepção, a atribuição dos deuses sobre a vida humana e a reverência dos humanos para com os deuses, percebe-se, no início da obra *De Natura Deorum*, o uso de sequências de infinitivos passivos na construção da argumentação de que há muitos filósofos que defendem a existência das divindades que regem e governam o mundo por sua mente e razão, e a partir da qual o mundo e todos os seres seriam munidos por certo tipo de inteligência vindoura dos deuses.

O cerne do argumento está diretamente relacionado aos infinitivos *regi* e *administrari*, pois os filósofos *censeant* (pensam) *omnem mundum* (todo o mundo) *regi et administrari* (ser governado e regido) pela mente dos deuses, além disso também *censeant* as vidas dos homens *consuli et prouideri* (serem cuidadas e providas) pelos mesmos deuses. É importante observar a construção do período, em que o autor utiliza apenas um verbo na oração principal *censeant* a que todos os infinitivos passivos *regi*, *administrari*, *consuli*, *prouideri* estão relacionados, conforme se observa no esquema estrutural supracitado. Há indicações acerca da sintaxe do período também associada ao uso das conjunções aditivas *et* e *atque*; já que há mais de seis palavras que são conectadas por essas conjunções, faz-se a opção de conectar os infinitivos passivos através da conjunção “*et*” *regi et administrari... consuli et prouideri*, pois estão relacionadas ao verbo *censeant*. Como o primeiro par de infinitivos é antecedido por ablativos *mente atque ratione*, o conectivo usado é *atque*, pois esses ablativos são regidos pelo primeiro par de infinitivos; evita-se assim uma possível ambiguidade em

relação ao entendimento do trecho no âmbito do uso de conectivos.

Há outra passagem em que são utilizados infinitivos passivos e em que um dos dialogantes, Veleio, partidário da escola epicurista, critica sobremaneira as ideias iniciais a respeito das divindades, apresentadas por Balbo, partidário do estoicismo:

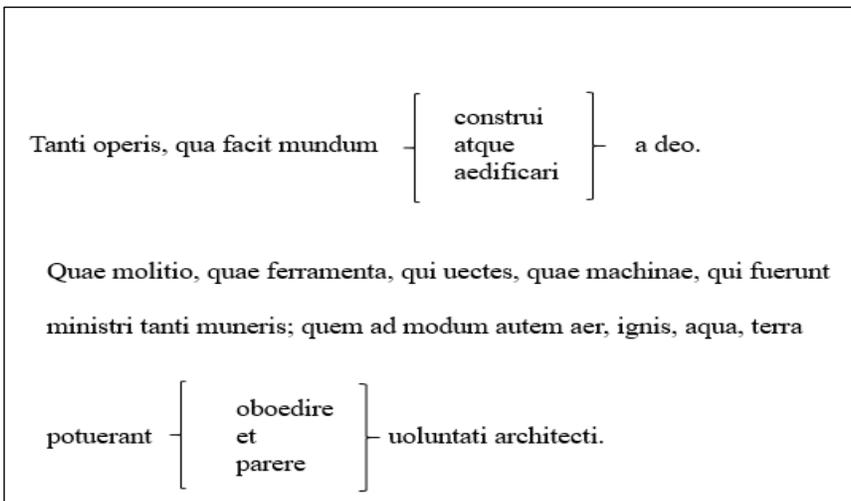
Quibus enim oculis animi intueri potuit uester Plato fabricam illam tanti operis, qua construi a deo atque aedificari mundum facit; quae molitio, quae ferramenta, qui uectes, quae machinae, qui ministri tanti muneris fuerunt; quem ad modum autem oboedire et parere uoluntati architecti aer, ignis, aqua, terra potuerunt (*De Natura Deorum* I, 19).

Com que olhos da alma pôde, pois, vosso Platão observar aquela construção de tantos trabalhos, através da qual faz o mundo ser construído e edificado por um deus. Qual esforço, quais instrumentos, quais máquinas, quais foram os ajudantes de tantos trabalhos; de que modo, porém, o ar, o fogo, a água, a terra puderam obedecer e produzir a vontade do artífice.

A crítica se baseia na concepção de um demiurgo que concebeu e organizou o mundo, que é atemporal, porque nunca foi nem será, mas sempre é, que está fora do tempo,

já que não foi criado como as demais divindades olímpicas; ideias apresentadas, sobretudo, no *Timeu*, de Platão, e que são retomadas pelo personagem Balbo para sustentar sua tese, que é veementemente criticada pelo epicurista Veleio.

Estruturando o trecho, temos:



Os argumentos se constroem em torno de dois pares de infinitivos. Primeiramente, a crítica é direcionada ao modo como Platão, em seu *Timeu*, descreve a organização do mundo por meio de sólidos geométricos que são associados aos elementos naturais; como o autor conseguira perceber tal fato, *quibus oculis animi* (com que olhos da alma) e observar a construção do mundo, a qual

está associada diretamente a um deus e sintaticamente aos dois infinitivos passivos *construi atque aedificari* (ser construído e edificado), empregados no argumento, e que são regidos pelo verbo *facit* (faz), em uma estrutura de *accusatiuus cum infinitiuo*, já que *facit* tem como complemento o acusativo *mundum* (mundo) que é seguido pelos infinitivos passivos, que, por sua vez, tem como termo agente *a deo* (por um deus). Em seguida, há uma sequência enumerativa que tem por função apresentar lacunas na argumentação apresentada anteriormente, excetuando o predicado nominal de *fuerunt* (foram), o argumento gira em torno dos infinitivos que o sucedem *oboedire et parere* (obedecer e produzir) que desempenha a função de infinitivo acusativo do verbo *potuerunt* (puderam). É importante observar que os conectivos *et* e *atque* não tem tamanha especificidade significativa como o que se verificou no trecho I, 4, apenas o autor optou, no último exemplo, por estabelecer a ligação dos infinitivos passivos com *atque* e dos ativos com *et*.

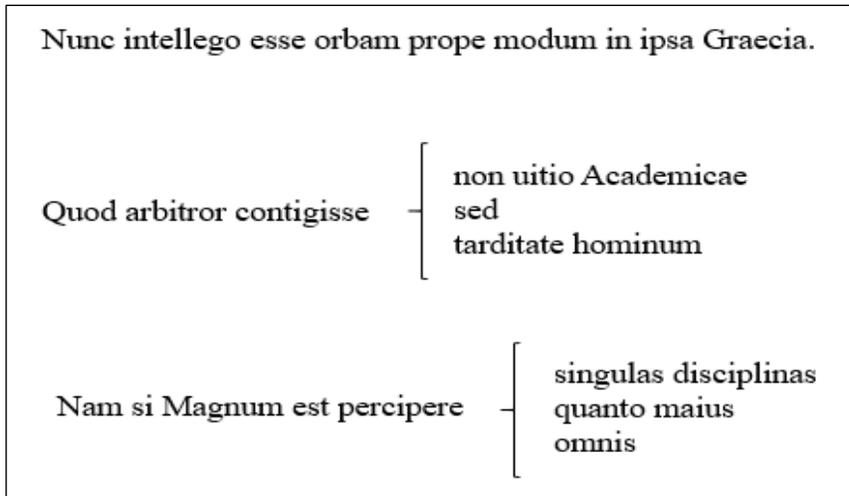
Inúmeras são as possibilidades de construção sintática a partir de uso de verbos no infinitivo, como se verifica em:

Nunc prope modum orbam esse in ipsa Graecia intellego. Quod non Academiae uitio, sed tarditate hominum arbitror contigisse. Nam si singulas disciplinas percipere magnum est, quanto maius omnis (*De Natura Deorum* I, 11).

Agora entendo *este método*²⁴ ter sido quase abandonado na própria Grécia, pois penso ter sido atingido não pelo vício da Academia, mas pela lentidão dos homens. Pois se compreender a cada disciplina é grandioso, quanto mais a todas.

Dentre os vários argumentos citados pelo autor na obra, há o de lançar a obscuridade, como o próprio Cícero afirma, sobre todas as questões ou até mesmo duvidar daquilo que está preestabelecido, sobretudo, a respeito das concepções de deuses que são apresentadas pelos filósofos. *Haec ratio disserendi* (esse método de questionar), há muito abandonado na própria Grécia, é resgatado pelo autor para tentar rediscutir ou reestabelecer conceitos que ainda não eram claros na filosofia latina. Diante disso, verifica-se que Cícero opta por estruturar sua argumentação da seguinte forma:

²⁴ Haec ratio.



É perceptível a ironia que se faz presente, principalmente ao se estabelecer uma comparação entre a busca pelo conhecimento na Grécia e em Roma, fato que pode ser identificado também na estrutura argumentativa ao se usar o infinitivo perfectum *contigisse* (ter atingido) como acusativo que é regido por *arbitror* (penso). Por sua vez *contigisse* rege ablativos com adições negativas, interligados por *non... sed* (não... mas), o que garante ao sintagma que completa o infinitivo *contigisse* o cerne argumentativo; não só a Academia cedeu à ausência de um pensamento crítico e de uma busca incessante sobre questões que movem a essência humana, mas também o homem, principalmente o romano, é movido pela lentidão

tarditate hominum (lentidão dos homens) e afastamento dos assuntos filosóficos. Além disso, a oração seguinte reforça a concepção de que é necessária maior observação de assuntos que envolvem o conhecimento humano, é iniciada pela conjunção condicional *si* (se) que possui mais um tom indicativo do que uma real possibilidade de escolha, já que a sugestão é dada para que se apresentem todas as teorias a respeito da natureza divina. O infinitivo ativo *percipere* (compreender) é usado como sujeito da oração principal *magnum est* (é grandioso) que reforça o argumento sobre o que realmente é importante ou *magnum* de ser compreendido; por isso o período é finalizado pelo término do argumento, que é regido pelo infinitivo *percipere*, ou seja, a ideia central de que se deve compreender *singulas disciplinas... quanto maius omnis* (a cada disciplina... quanto mais a todas).

Há outro trecho que é interessante de ser observado, devido ao caráter argumentativo:

Antiocho enim Stoici cum Peripateticis re concinere uidentur, uerbis discrepare; quo de libro, Balbe, uelim scire, quid sentias.” “Egone” inquit ille “miror Antiochum, hominem in primis acutum, non uidisse interesse plurimum inter Stoicos,

qui honesta a commodis non nomine, sed genere toto diiungerent (*De Natura Deorum* I, 16).

“Com Antíoco os estoicos, pois, com os peripatéticos parecem concordar em pensamento com Antíoco, *parecem* discordar em palavras. Sobre tal livro, Balbo, desejo saber o que pensas”. Ele disse: “Eu me admiro de Antíoco, um homem antes de tudo astuto, não ter visto haver muitas coisas entre os estoicos, que diferenciassem as honestas das cômodas não pelo nome, mas pelo gênero todo.”

Há no trecho o momento em que todos os dialogantes se reúnem para apresentar as principais ideias de suas escolas filosóficas sobre os deuses. Estariam presentes os três principais participantes das três principais escolas: Veleio, Balbo e Cota representavam, respectivamente, o epicurismo, o estoicismo, a Academia. No entanto, o acadêmico Antíoco teria enviado um livro em que não se demonstravam ideias divergentes entre os acadêmicos e os estoicos, o que é questionado em seguida, pois não haveria apenas discordância de palavras, mas também de pensamentos.

Logo é necessário observar a construção sintático-argumentativa para compreender a relação entre os argumentos e o uso dos infinitivos e dos sintagmas:

Enim Stoici cum Peripateticis uidentur	{	concinere re Antiocho discrepare uerbis
De quo libro, Balbe, uelim scire, quid sententias. Ille inquit: egone miror Antiochum, hominem in primis acutum non uidisse interesse plurimum inter		
Stoicis qui diiugerent	{	honestam a commodis non nomine sed toto genere

Os dois primeiros infinitivos ativos *concinere* e *discrepare* (concordar e discordar) são usados como complementos de verbo *uidentur* (parecem), o que levanta a primeira questão a respeito dos conceitos presentes à discussão: as escolas concordam em pensamentos *concinere re* e discordam apenas na forma como eles são apresentados *discrepare uerbis*? Os complementos dos infinitivos *re* – traduzido como pensamento, mas que possui abrangente significação como coisa, discurso, etc. – e *uerbis*

(palavras) parecem evidenciar a aproximação conceitual entre as escolas filosóficas; no entanto, o sintagma seguinte construído como complemento do verbo *diuigerent* (diferenciassem), ou seja, o acusativo neutro plural *honestas* seguido de *a commodis* (as coisas honestas das cômodas) explicita o argumento levantado pelos infinitivos anteriores *concinere* e *discrepare*, já que torna evidente que não há aproximação entre os pensamentos filosóficos sugeridos, e que estão bastante distantes um do outro *non nomine* (não pelo nome) apenas, mas também *toto genere* (pelo gênero todo) das questões que envolvem essas escolas.

Por vezes os argumentos apresentados seguem uma estruturação sintática mais elaborada, uma vez que tanto a ideia em questão quanto sua apresentação discursiva estão diretamente relacionadas; assim o autor demonstra peculiaridades estilísticas em alguns trechos, quer seja por razão temáticas, tornando explícita uma preocupação acentuada com a temática, quer seja por empregar mais zelo em sua estruturação sintática, demonstrando que o pensamento além de bem organizado também merece maior atenção discursiva, como se verifica em:

Quattuor enim naturas, ex quibus omnia constare censet, diuinas esse uult; quas et nasci et extinguere perspicuum est et sensu omni carere[...] Iam de Platonis inconstantia longum est dicere, qui in *Timeo* patrem huius mundi nominari neget posse, in *Legum* autem libris, quid sit omnino deus, anquiri oportere non censeat (*De Natura Deorum* I, 29-30).

*Empédocles*²⁵ quer, pois, haver quatro naturezas divinas a partir das quais julga todas as coisas serem compostas, as quais é claro tanto terem nascido quanto morrido como serem privadas de todo sentido[...] Já demorado é falar sobre a inconstância de Platão, que no *Timeu* nega poder-se nomear o pai deste mundo, porém nos livros das *Leis* não considera ser preciso investigar o que absolutamente seja um deus.

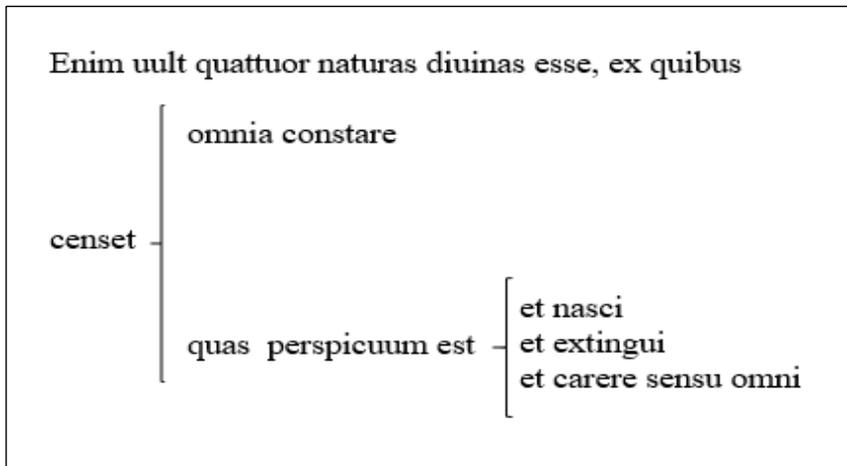
Muitos filósofos associaram aos astros a divindade, o que se pode criticar, pois seria uma atribuição de imortalidade a elementos mortais que tiveram início e certamente terão fim, seguindo a lógica da natureza; outros atribuíam divindade à alma humana, que também seria passível de crítica, já que haveria tanto uma divisão da divindade, através da separação de sua alma, quanto a alma estaria suscetível à infelicidade, mesmo que momentânea dos seres humanos, portadores de uma parte da alma

²⁵ Empedocles.

divina. Seguindo o raciocínio de apresentação das ideias dos filósofos sobre a natureza dos deuses, Empédocles teria proposto que existem quatro naturezas divinas *quattuor naturas diuinas* a partir das quais todas as coisas seriam compostas, mesmo havendo seres com características diferentes ou mesmo ausentes de sentido e que nascem e morrem, sendo assim, tais ideias passíveis de crítica, pois se questiona qual seria então a essência divina, neste caso, já que não permanece diante da morte dos seres. Além disso, percebe-se a inconstância de Platão *inconstantia Platonis* que ora nega que se precise investigar sobre deuses, ora nomeia a divindade, no *Timeu*, de demiurgo, tentando diferenciá-la dos demais deuses olímpicos, mas que também havia nomeado pelo mesmo termo os artesãos, na *República*²⁶, como bem critica o epicurista Veleio.

Tais questões são bastante sutis, dado o caráter subjetivo do argumento e dos elementos que se pretendem explicitar, como prudência, formas sem corpo, vontade, alma das divindades; sendo assim, a estrutura sintática acompanha em complexidade a argumentação apresentada:

²⁶ Título em grego *Politeia*.



A primeira construção faz uso de acusativo com infinitivo, pois *uult* (quer) é complementado por *quattuor naturas diuinas esse* (quatro naturezas divinas haver); em seguida, *ex quibus* (a partir das quais) anafórico que introduz a subordinada, que se refere a *naturas diuinas*, e que introduz uma construção com infinitivos bastante singular, como se pode observar na estrutura. O verbo principal *censet* (julga) é complementado, em primeiro lugar, por acusativo com infinitivo *omnia constare* (todas as coisas serem compostas); em seguida, o mesmo verbo *censet* é complementado pelo acusativo *quas* (as quais) com uma sequência de infinitivos coordenados *et nasci et extingui et carere* (tanto serem nascidos quanto morrido

como serem privadas) que se referem a *quas*. Vale salientar que não é à toa que a coordenação dos infinitivos é realizada pela preposição *et*, já que há duas finalidades atribuídas a essa preposição, tanto coordenar os infinitivos, quanto informar que o ablativo *sensu omni* (todo sentido) se refere apenas ao último infinitivo da sequência *carere*, tanto é assim que sintaticamente o último *et* é posto antes do ablativo que é seguido pelo infinitivo, realizando bem a distinção do complemento argumentativo de infinitivo.

Por sua vez, o término do trecho apresenta a seguinte estrutura:

qui	{	neget in Timaeo patrem huius mundi posse nominari, autem non censeat in libris Legum oportere anquiri quid omnino deus sit.
-----	---	---

A oração principal *longum est* (é demorado) rege o infinitivo subjetivo *dicere* (falar) que, por sua vez, rege o ablativo de assunto *inconstantia* (inconstância) determinado pelo genitivo *Platonis* (de Platão) que é

retomado pelo anafórico *qui* (que), apresentando-se como nominativo de duas orações que estão coordenadas pela conjunção adversativa *autem* (porém) e que apresentam certo paralelismo sintático em sua estruturação: tanto *neget* (nega) quanto *censeat* (considera) são seguidos por ablativos que indicam os nomes das obras *Timaeo* (Timeu) e *libris* (livros) *Legum* (das Leis), ambos os verbos são complementados por dois infinitivos cada, sendo os primeiros infinitivos ativos *posse* e *oportere* (poder e ser preciso) seguidos de dois infinitivos passivos *nominari* e *anquiri* (nomear e investigar-se), há a finalização da ideia platônica através da oração *quid omnino deus sit* (o que absolutamente seja um deus).

Há trechos em que se utilizam infinitivos perfeitos na apresentação dos argumentos, como os seguintes:

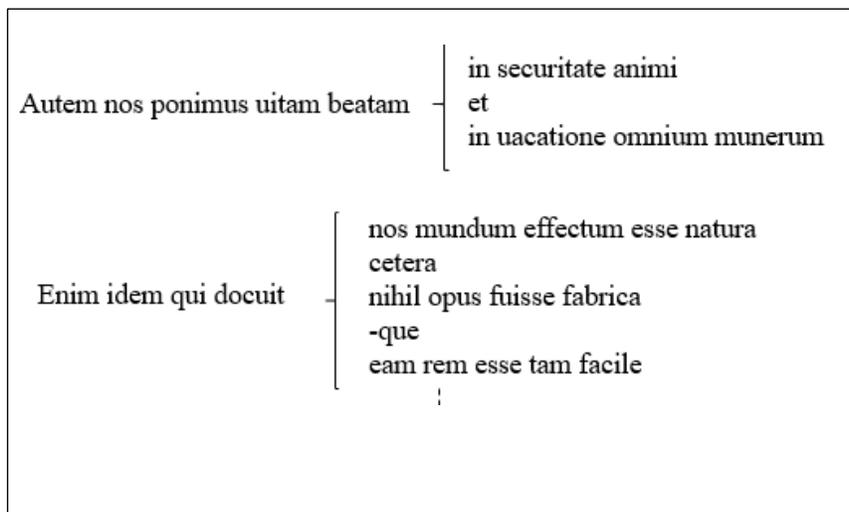
Nos autem beatam uitam in animi securitate et in omnium uacatione munerum ponimus. Docuit enim nos idem, qui cetera, natura effectum esse mundum, nihil opus fuisse fabrica, tamque eam rem esse facilem, quam uos effici negetis sine diuina posse sollertia (*De Natura Deorum* I, 53).

Nós, porém, pomos a vida beata na tranquilidade da alma e na isenção de todas as ocupações. O mesmo portanto que nos

ensinou outras coisas, *ensinou* o mundo ter sido feito pela natureza, nenhuma obra ter existido por fabricação e tão fácil ser aquela coisa que vós negaríeis poder ser efetuada sem uma divina habilidade.

As críticas apresentadas ao personagem Balbo por Veleio referem-se à concepção estoica de que os deuses agem e tudo fazem, sendo assim, aquele personagem põe entre os deuses de sua escola filosófica o próprio mundo, ao afirmar que este é provido de vontade, razão e princípios vitais inteligentes. No entanto, o epicurista Veleio questiona Balbo a respeito de sua teoria e aquele apresenta proposições contrárias às concepções deste, já que pensa que não há nada de beato e tranquilo em um deus que vive em constante movimento, como seria o mundo, que executa movimentos de rotação e translação. Veleio por sua vez defende que o princípio vital na divindade está exatamente na ausência de perturbação, ou mais especificamente na total tranquilidade da alma, o que Epicuro denominava de ataraxia.

A partir da estrutura seguinte, é possível observar o modelo argumentativo empregado por Veleio:



A primeira oração estrutura-se em torno do acusativo *uitam beatam* (vida beata) que é regido por sintagmas em paralelismo sintático: duplo ablativo *securitate et uacatione* (tranquilidade e isenção) que estão ligados diretamente ao conceito epicurista de ataraxia da divindade, que são especificados por duplo genitivo *animi... ominium munerum* (da alma... de todas as ocupações), determinando sobremaneira como seria a tranquilidade e a isenção da perturbação dos deuses. Seguindo os passos da primeira oração, o autor estabelece um paralelismo sintático semelhantemente na segunda oração que tem por núcleo o verbo *docuit* (ensinou) ao qual estão direta e

coordenadamente ligadas três orações infinitivas, duas no *perfectum* e uma no *infectum*, respectivamente. A primeira oração infinitiva *perfectum* passiva *mundum effectum esse natura* (o mundo ter sido feito pela natureza) tem função acusativa e é regida por *docuit*. Tal estrutura infinitiva apresenta um dos nortes da filosofia de Epicuro, nos ditos da personagem Veleio, à qual estão associados os demais conceitos que seguem como o presente na segunda oração infinitiva *perfectum* passiva *nihil opus fuisse fabrica* (nenhuma obra ter existido por fabricação), que também exerce função acusativa em relação ao verbo *docuit* e que evidencia a tentativa de sobrepor a teoria epicurista acerca de uma divindade a que a natureza não se anteporia. À segunda oração infinitiva correlaciona-se, através da enclítica *-que* (e), aditivamente a terceira oração infinitiva *eam rem esse tam facile* (é tão fácil aquela coisa), que produz certo tom irônico e desprovido de objetividade argumentativa propositalmente, pois estaria associado à ausência persuasiva da teoria estoica de que a própria natureza seria um deus, tanto que o acusativo presente *eam rem* precisa ser retomado na oração relativa seguinte *uos negetis quam posse effici sine diuina sollertia* (que vós

negaríeis poder ser efetuada sem uma divina habilidade), estando o anafórico *quam* (que) diretamente relacionado ao acusativo *eam rem*, visando a maior especificação de qual seria aquela coisa tão fácil e que, segundo Veleio, não pode ser realizada sem a presença de uma inteligência divina. Tal sequência de orações infinitivas, seguida de uma relativa com função especificativa tem por finalidade discursiva a demonstração da sequência de ensinamentos de Epicuro, segundo a personagem Veleio.

Apesar de o livro I apresentar em sua grande parte os argumentos de Veleio sobre os ideais epicuristas de divindade, há vários trechos, já que a obra apresenta estrutura dialogal, em que o processo dialético do que viria a compor o livro II da obra está bastante evidente, como se verifica em:

Ista enim a uobis quasi dictata redduntur, quae Epicurus oscitans hallucinatus est, cum quidem gloriaretur, ut uidemus in scriptis, se magistrum habuisse nullum. Quod et non praedicanti tamen facile equidem crederem, sicut mali aedificii domino glorianti se architectum non habuisse (*De Natura Deorum* I, 72).

Essas coisas, pois, são repetidas por vós como foram ditas, com que Epicuro bocejando sonhou, pois certamente se vangloriava, como vemos nos escritos, não ter tido nenhum mestre. O que também facilmente ao que proclama eu não acreditasse certamente, assim como ao dono que se gloria de uma má construção de não ter tido um arquiteto.

O personagem Balbo critica a filosofia epicurista através de uma estrutura mais simples, se comparada ao trecho anterior. Como se observa paulatinamente, o desenvolvimento temático está diretamente associado à elaboração sintática proposta pelo autor. Sendo assim, o trecho se vale de uma crítica mais direcionada, ausente de conteúdos subjetivos, como o apresentado em I, 53; então a estrutura argumentativa se mostra menos rebuscada, conforme se verifica em:

Enim ista redduntur	{	Quase dictata a uobis Quae Epicurus oscitans halucinatus est Ut uidemus in scriptis	{	se habuisse nullum magistrum
et non praedicanti quod tamen facile crederem equidem sicut glorianti se domino mali aedificii non habuisse architectum				

Essas coisas *ista* a que se refere a personagem Balbo são os argumentos apresentados por Veleio de que os deuses não têm corpos, mas quase-corpos, nem têm sangue, mas quase-sangue, já que para os epicuristas, conforme Veleio argumentou, os deuses estão constantemente recebendo e perdendo átomos que lhes formariam o que seria o corpo e o sangue, não estando ausentes de movimentos e, ao mesmo tempo, em constante ação corpórea interna, porém na mais completa ausência de perturbação.

Como as críticas se apresentam de forma mais direta, a estrutura sintática do trecho se mostra mais simples e fundamenta-se em torno dos infinitivos perfeitos do mesmo verbo *habuisse* (ter tido). A oração principal *redduntur* (são repetidas) é complementada por três ideias que fundamentam a filosofia epicurista, segundo Balbo, e que parece ser seguida por seus adeptos como se não houvesse reflexão ou contestação alguma, seguindo sempre a mesma ordem de apresentação, já que se repetem *quase dictata* (como foram ditas), *ut uideamus in scriptis* (como vemos nos escritos), mas que representam com o que Epicuro *halucinatus est* (sonhou). Essas críticas se

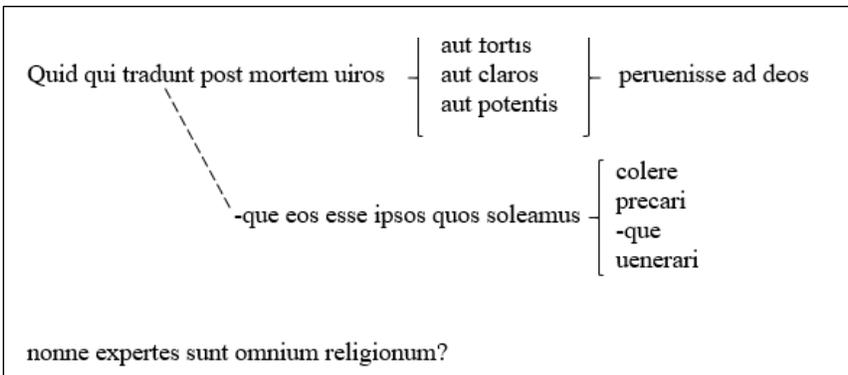
concluem com o uso do infinitivo perfectum *habuisse* que completa objetivamente a locução *halucinatus est*, já que Epicuro, retomado pelo pronome *se*, vangloria-se de não ter tido *nullum magistrum* (nenhum mestre). Do mesmo modo se fundamenta a oração que conclui o trecho *sicut glorianti se domino mali aedificii non habuisse architectum* (assim como ao dono que se gloria de uma má construção de não ter tido um arquiteto), em que o pronome *se*, que se refere a *domino*, relaciona-se com o particípio presente ablativo *glorianti* e tem como complemento o infinitivo *habuisse*. A relação comparativa entre Epicuro e *domino mali aedificii* (dono de uma má construção) é perceptível não apenas pelo uso do conectivo *sicut*, mas principalmente pela estruturação sintática em torno dos infinitivos perfeitos *habuisse*, sendo assim considerada tão falha a teoria epicurista quanto uma casa mal projetada.

Ainda na crítica fundamentada ao epicurismo de Veleio, Balbo constrói o seguinte argumento:

Quid, qui aut fortis aut claros aut potentis uiros tradunt post mortem ad deos peruenisse eosque esse ipsos, quos nos colere, precari uenerarique soleamus, nonne expertes sunt religionum omnium? (*De Natura Deorum* I, 119)

Por que aqueles que ensinam que depois da morte os homens ou fortes ou ilustres ou poderosos chegaram até os deuses, e que os mesmos que nós costumamos cultuar, invocar e venerar, não são desprovidos de toda *religio*?

Segundo o estoico, *qui* (aqueles) os epicuristas põem alguns mortais no número dos deuses, fato que tornaria incoerentes alguns pontos do pensamento de Epicuro. Como seriam mortais e *post mortem* (depois da morte) se tornariam imortais? Poderia um ser passar de uma vida repleta de preocupações como a humana a uma vida na mais plena ausência de perturbação como epicuristas afirmavam serem os deuses? Tais indagações são demonstradas como pontos falhos na teoria de Veleio sobre as divindades e podem ser estruturadas sintaticamente da seguinte forma:



O uso dos infinitivos tem um papel relevante na argumentação, o verbo *tradunt* (ensinam) da oração principal é complementado primeiramente por acusativo *uiros* (homens) que está determinado por uma sequência de adjetivos *fortis, claros, potentes* (fortes, ilustres, poderosos) coordenados por conjunções alternativas *aut* (ou), formando uma estrutura de acusativo com infinitivo, quando se associa à ideia que fecha o primeiro argumento, ou seja, *peruenisse* (chegaram) *ad deos* (até os deuses), formando o que a personagem estoica considera como falha argumentativa do epicurista; em seguida é empregada uma estrutura sintática semelhante à primeira, já que o verbo *tradunt* é complementado por acusativo com infinitivo *eos esse ipsos* (eles serem os mesmos), sendo *eos* pronome que se refere a *uiros*, os quais são retomados semântica e anaforicamente pelo pronome relativo *quos* (que) presente na oração adjetiva *quos soleamus* (que costumamos), tendo por complemento a sequência de infinitivos acusativos *colere, precari, uenerari* (cultuar, invocar, venerar) que finaliza o argumento, demonstrando que talvez sejam cultuados, invocados e venerados homens que não deveriam estar entre os deuses.

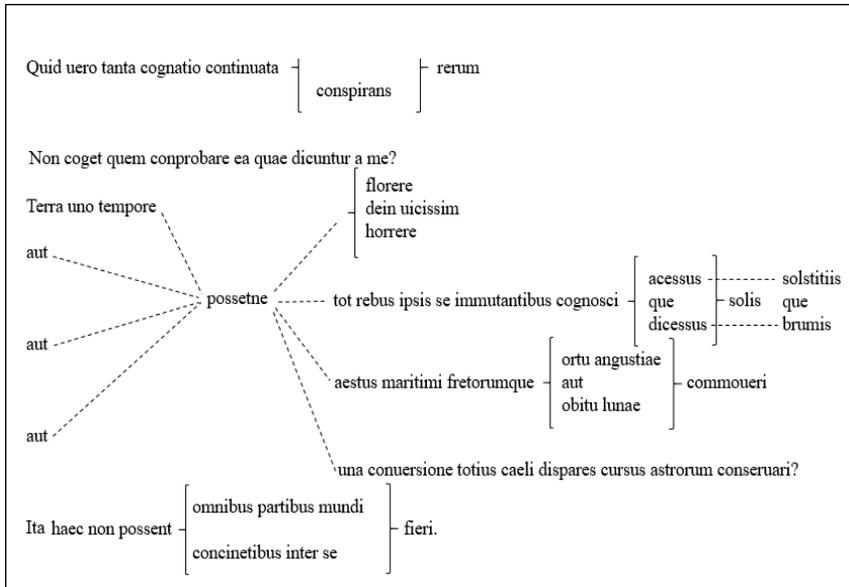
Para o estoico Balbo, tanto o mundo quanto a natureza e os seus movimentos uniformes são fruto de uma mente superior capaz de estabelecer uma contínua harmonia entre os elementos:

Quid uero tanta rerum consentiens, conspirans, continuata cognatio quem non coget ea, quae dicuntur a me, conprobare? Possetne uno tempore florere, dein uicissim horrere terra, aut tot rebus ipsis se inmutantibus solis accessus discessusque solstitiis brumisque cognosci. Aut aestus maritimi fretorumque angustiae ortu aut obitu lunae commoueri, aut una totius caeli conuersione cursus astrorum dispares conseruari? Haec ita fieri omnibus inter se concinentibus mundi partibus profecto non possent (*De Natura Deorum* II, 19).

Por que certamente tamanha semelhança contínua, consentida, concordada, entre as coisas, não levará alguém a comprovar o que foi dito por mim? Por acaso poderia a terra em um só momento florescer, depois inversamente definhar, ou em todas essas coisas que se transformam, serem conhecidas a aproximação e o afastamento do Sol nos solstícios de verão e de inverno; ou serem movidas as agitações do mar e dos estreitos pelo breve nascimento ou distanciamento da lua, ou em uma única rotação de todo o céu serem conservados os diversos cursos dos astros? Assim essas coisas não poderiam

certamente ocorrer em todas as partes do mundo harmonizadas entre si.

Certamente, tal argumento sobre a divindade que rege a ordem universal é, na obra, um dos mais elaborados sintaticamente, quer na coordenação dos infinitivos, quer no uso das conjunções e suas respectivas relações significativas, quer na especificação de termos que se mostram subjetivos. Tanto com uma exímia argumentação quanto com elaboração rebuscada de pensamento, Balbo demonstra seus ideais estoicos e tece críticas bem fundamentadas, como se pode verificar através da seguinte organização discursiva do trecho apresentado:



Múltiplas podem ser as organizações sintagmáticas do trecho, sobretudo, no que se refere ao uso de infinitivos que assumem papel relevante na conclusão de cada argumento. Se no mundo há sabedoria e razão, como quer Balbo, esse fato *non coget conprobare* (não levará a comprovar) *ea quae dicuntur* (aquelas coisas que são ditas) por ele, questiona o estoico, e com intuito de responder tal indagação de modo enfático, constrói múltipla estrutura em torno do verbo *posset* (pudesse), um subjuntivo infectum passado, muito bem empregado para garantir uma

suposição, mas que apresenta ampla persuasão nas orações que se seguem.

A primeira oração tem como sujeito de *posset* o substantivo *terra* (terra) que *uno tempore* (em um só momento) nos ditos de Balbo pode *florere* (florescer) *dein uicissim* (depois inversamente) *horrere* (definhar), ambos os infinitivos ativos *florere* e *horrere* marcam bem a ordem organizativa da natureza que tem tempo hábil para fazer nascer e para fazer morrer, por exemplo, os vegetais, o que está diretamente ligado às estações do ano e a uma mente e uma razão divinas. Em seguida, observa-se uma sequência de conjunções coordenativas alternativas *aut... aut... aut* (ou... ou... ou) que têm como verbo *posset*, que é complementado por mais três orações que têm por núcleo infinitivos passivos *cognosci... commoueri... conseruari* (serem conhecidas... serem movidas... serem conservados). Sendo assim, a primeira oração alternativa de núcleo *posset* rege, após o sintagma adverbial *tot rebus ipsis* (em todas essas coisas), o infinitivo acusativo passivo *cognosci* que apresenta como complemento acusativo *acessus* e *dicessus* (aproximação e afastamento), do qual é importante se observar a correlação sintática, sobretudo, realizada pelo

uso da enclítica *-que* (e), ligando esses acusativos *accessus discessusque* a seus especificadores, respectivamente, *solstitiis brumisque* (nos solstícios de verão e de inverno), o que torna o argumento especificativo através de sua organização sintática, como se verifica na estrutura acima. Ao verbo *posset*, em sua terceira estrutura, liga-se o acusativo *aestus* (as agitações) que é determinado por duas construções paralelas sintaticamente: primeiramente, dois genitivos correlacionados pela enclítica aditiva *maritimi fretorumque* (do mar e dos estreitos); em seguida, dois ablativos correlacionados por conjunção alternativa *ortu aut obitu* (nascimento ou distanciamento). Tais estruturas complementam-se sintática e semanticamente para validar o argumento de que os elementos da natureza estão diretamente relacionados e são regidos por uma mente e uma razão divina, já que o afastamento ou distanciamento interferem diretamente nas variações marítimas. Sendo assim, o infinitivo passivo *commoueri* (serem movidas) fecha o pensamento relativo à terceira estrutura e demonstra correlação semântica com os vocábulos do período, que priorizam a verificação de mudanças de estado na natureza dos mares condicionada aos corpos celestes

como a lua. A quarta estrutura associada ao verbo *posset* também é concluída por infinitivo passivo *conseruari* (serem conservados) que tem por nominativo *disparēs cursus* (os diversos cursos) *astrorum* (dos astros), que demonstra o viés argumentativo do estoico Balbo sobre a organização do cosmos no âmbito de sua conservação de ordem, fato que poderia ser realizado apenas por uma mente racional maior. A conclusão dos argumentos anteriores é iniciada por *ita* (assim) e faz uso do mesmo verbo principal das orações anteriores *possent* que tem por nominativo o neutro *haec* (essas coisas), que corrobora a retomada proposta por *ita*, ou seja, tudo que foi falado anteriormente sobre a organização e interação entre os elementos naturais, do menor ao maior. Assim, o verbo *possent* rege o infinitivo passivo *feri* (ocorrer), afirmando a personagem que *omnis partibus mundi* (em todas as partes do mundo) tais coisas *non possent fieri* a não ser que fossem conservadas por uma única e múltipla divindade munida de mente e de razão.

Tal sustentação argumentativa mostra-se em maior amplitude principalmente através do uso da sequência de infinitivos proposta pela personagem Balbo, como foi

demonstrado. *Conprobare*: referente à comprovação anterior e uma nova que iria se iniciar; *florere* e *horrere*, par oposto que demonstra o ciclo a que a ordem natural está inclinada; *cognosci*, faz alusão ao conhecimento de observação da personagem; *commoueri*, retoma a oscilação de movimento do par de infinitivos, mas possui caráter mais especificador, pois se refere ao movimento dos mares; *conseruari*, referente ao ciclo permanente da natureza; e *fieri*, conclusão dos argumentos através de observação de ocorrência e repetição cíclica.

Balbo continua sua argumentação em torno da clara evidência da existência dos deuses; demonstra por exemplificação física que os argumentos se tornariam irrefutáveis, como se verifica em:

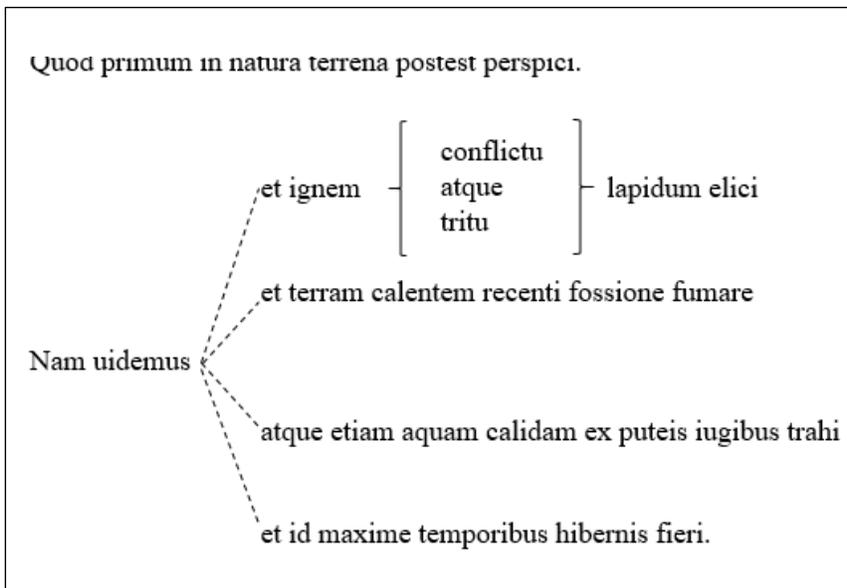
Quod primum in terrena natura perspici potest. Nam et lapidum conflictu atque tritu elici ignem uidemus et recenti fossione terram fumare calentem, atque etiam ex puteis iugibus aquam calidam trahi, et id maxime fieri temporibus hibernis (*De Natura Deorum* II, 25).

O que primeiramente pode ser visto na natureza terrena. Vemos, pois, tanto o fogo ser produzido do encontro e do atrito das pedras, quanto a terra ardente fumer em uma recente

escavação e também de poços perenes ser extraída água quente, como vemos isto ocorrer, sobretudo, nos invernos.

Além dos ciclos naturais demonstrados pela personagem, há a necessidade de ratificar que a mente e razão divina existente está presente em toda a natureza; mesmo na mais oposta relação se confirma o elemento vital ao funcionamento e permanência da vida, como o calor presente em tudo que é vivo. Verifica-se então fisicamente que a ausência do *ignem* (calor) está diretamente associada à ausência da essência tanto vital quanto divina, fato que se dá desde a mínima relação intracelular no corpo humano até a troca de calor perceptíveis, ao término do inverno, entre o que estava congelado e os primeiros raios de sol mais fortes, responsáveis pelo equilíbrio e retomada do ciclo de germinação das plantas.

Toda essa demonstração da importância do *ignem* para a manutenção da vida é também perceptível através da estruturação do pensamento calcados em paralelismos sintáticos do trecho, como se pode observar em:



Todas as partes do mundo se sustentam *primum* (primeiramente) pelo *ignem*, conforme a personagem, em sua primeira oração de acusativo objetivo, em que *potest* (pode) é completado pelo infinitivo passivo acusativo *perspicī* (ser visto), antecipando a sequência de infinitivos coordenados que elucidariam a argumentação. Explicando a afirmação precedente, inicia-se a oração principal pela conjunção *nam* (pois) que tem como núcleo o verbo *uidemus* (vemos), regente dos infinitivos coordenativos, que são organizados em estruturas simétricas e paralelas,

tanto em sua macroestrutura, ou seja, no que se refere ao verbo *uidemus*, quanto em sua microestrutura, no que se refere à estrutura interna da oração subordinada infinitiva.

No âmbito macroestrutural as orações infinitivas, que têm como núcleos os verbos no infinitivo *elici... fumare... trahi... fieri* (ser produzido... fumar... ser extraída... ocorrer), estão coordenadas pelas conjunções aditivas *et... et... atque... et* (tanto... quanto... e também... como) e todas desempenham, juntamente com o nome precedente, a função sintática de acusativo do verbo *uidemus*. No âmbito microestrutural há um paralelismo evidente, o que demonstra a organização de pensamento do autor, já que todos os infinitivos são antecidos por vocábulos no acusativo, respectivamente *ignem... terram calentem... aquam calidam... id* (fogo... terra ardente... água quente... isto) e todos os acusativos estão relacionados com sintagmas no ablativo que especificam o argumento com mais detalhe, simultaneamente, *conflictu atque tritu... recenti fossione... puteis iugibus... temporibus hibernis* (do encontro e do atrito... em recente escavação... de poços perenes... nos invernos). Desse modo, observa-se a estrutura argumentativa em torno do que se pode ver

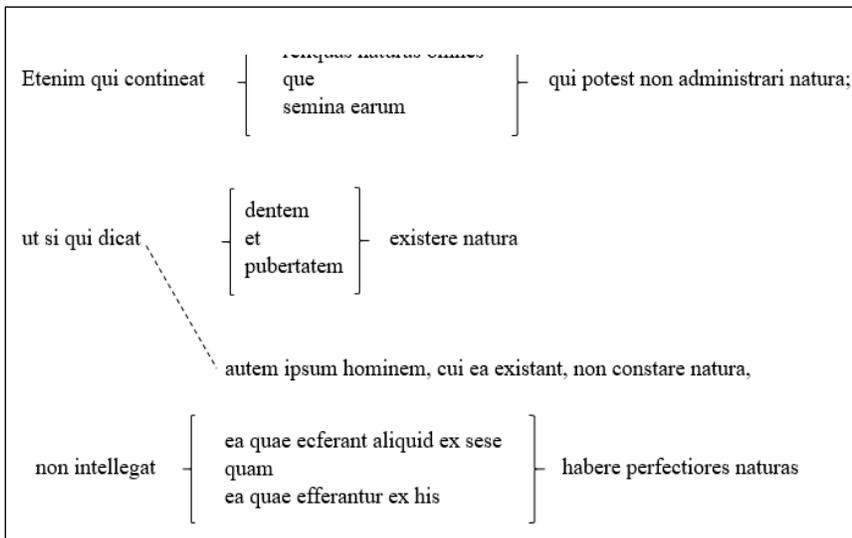
uidemus claramente, pois a natureza mostra sua relação de vida através do *ignem*. Além disso, pode-se verificar o sequenciamento argumentativo presente na ordem de apresentação dos infinitivos: *elici*, relativo à produção do fogo através do uso de outros elementos da natureza, mostrando que ele sempre está presente; *fumare*, corroborativo do infinitivo anterior, pois o *ignem* é evidente nas camadas íntimas da terra, o que revela que o próprio mundo é um ser vivo como afirmara anteriormente a personagem; *trahi*, relativo à perpetuação do *ignem* mesmo na água; e *fieri*, retomada e término do argumento que o fogo envolve, está presente e é verificável em todos os seres vivos, o que seria possível apenas através de uma mente provida de razão como a que apresenta a divindade.

Diante do ideal de que nada é proveniente do acaso, como afirmaria o epicurista Veleio, Balbo afirma que não há nenhuma causalidade, e sim ordem e certa semelhança com a arte, pois existe na natureza do mundo uma continuidade cíclica e eterna, e que todos os elementos estão interligados tanto entre si quanto com a divindade racional, como se observa em:

Etenim qui reliquas naturas omnes earumque semina contineat, qui potest ipse non natura administrari; ut, si qui dentes et pubertatem natura dicat existere, ipsum autem hominem cui ea existant non constare natura, non intellegat ea quae eferant aliquid ex sese perfectiores habere naturas quam ea quae ex his efferantur (*De Natura Deorum* II, 86).

Pois aquele que contém todas as naturezas restantes e suas sementes, aquele que pode não ser regido pela natureza, por exemplo se aquele que dissesse os dentes e a barba nascerem da natureza, mas o próprio homem, em que essas coisas nascem, não depender da natureza, não compreende, aquilo que produz algo a partir de si, ter naturezas mais perfeitas do que aquilo que é produzido dessas.

A partir de tal raciocínio, verifica-se uma organização discursiva em torno de orações infinitivas que finalizam os argumentos cuja oração principal é o mundo, que é visto pela personagem Balbo como uma divindade que produz os elementos a partir de si, como se pode observar na seguinte estrutura:



Inicia-se com uma conjunção conclusiva *etenim* (pois), que está associada à finalização com certa evidência do argumento inicial da personagem, já que o relativo *qui* (aquele que) refere-se ao mundo, citado no trecho anterior, sendo nominativo de *contineat* (contém) que rege duas estruturas com função acusativa, coordenadas pela enclítica *-que* (e), respectivamente *reliquis naturas* (todas as naturezas restantes) e *semina* (sementes), ou seja, o mundo contém em si tanto a sua própria natureza, que é capaz de se autogerir, como uma inteligência única e racional, que apenas a uma divindade poderia estar relacionada, quanto

dessa natureza são provenientes todas as demais naturezas, como se fossem partes que compõem um todo harmônico e também racional, conforme a natureza primeira e divina que rege *naturas omnes*. A segunda oração relativa também tem como referente o mundo que é retomado pelo relativo *qui* e introduz uma estrutura de infinitivo acusativo, já que o infinitivo passivo *administrari* (ser regido) tem função acusativa em relação ao verbo *potest* (pode) e é seguido pelo agente da passiva *natura* (natureza), sendo portanto esta *natura* a que está relacionado o princípio divino, criativo e racional. Sendo assim, o infinitivo passivo presente *administrari* não só fecha a primeira ideia apresentada, mas também é de tamanha importância para o argumento desenvolvido pela personagem Balbo, pois o verbo *administrari*, traduzido por (ser regido), possui várias outras acepções significativas para o entendimento do argumento, tais como auxiliar, ajudar, servir, ocupar-se de, fazendo com que se possa compreender a importância dessa primeira *natura diuina*, que tanto auxilia, quanto serve, como ocupa-se de tantas outras naturezas, e das *semina* que se fazem presentes no mundo. A terceira oração possui estrutura semelhante à segunda, é iniciada por uma

suposição, associada à conjunção condicional *si* (se), e que seria concluída na oração seguinte, iniciada pela conjunção adversativa *autem* (mas). Desse modo, o verbo da oração principal *dicat* (dissesse) é complementado por dois acusativos, juntamente com o infinitivo, coordenados por *et* (e), respectivamente, *dentem* (dente) e *pubertatem* (barba), os quais se classificam sintaticamente como *accusatiuus cum infinitiuo*. O infinitivo *existere* (nascer), por sua vez, é marcado pela presença do prefixo *ex-*, que indica movimento para fora, denotando que *dentem* e *pubertatem* sairiam de uma das *natura* menores aleatoriamente, mas que aquele que a contém, ou seja o homem não seria fruto desse movimento, que realiza movimento para fora, mas que está ligado à mesma primeira *natura* que rege todas as outras, fato facilmente perceptível, se se observar o infinitivo da oração seguinte *constare* (depender) que é atribuído ao homem. Para concluir essa sequência de orações, que tentam demonstrar a finalidade das naturezas para a compreensão do argumento do estoico Balbo, é usada a coordenada adversativa *autem*, que mostra uma oposição de argumentos usados propositalmente e que apresenta estrutura semelhante à oração anterior, já que o

verbo *dicat*, elíptico na oração, rege o acusativo com infinitivo *ipsum hominem non constare* (o próprio homem não depender). Assim, a personagem tenta tornar mais clara sua argumentação, uma vez que *natura* é usada tanto para a natureza regente e divina quanto para a regida e múltipla. Desse modo, tal exemplificação, que gira em torno dos infinitivos *existere* e *constare*, seria uma concretização alegórica em que homem está para a natureza divina, como dente e barba estão para a natureza múltipla.

Conclui-se então o raciocínio com uma estrutura de *accusatiuus cum infinitiuo* semelhante às anteriores, porém com uma peculiaridade, já que estabelece, entre os acusativos utilizados, uma comparação argumentativa, retomando argumentos sugeridos anteriormente e há uma bipartição argumentativa com a qual estrutura suas ideias. Assim, o verbo *intellegat* (compreender) é complementado por acusativos sintaticamente paralelos *ea* (aquilo), que são comparados através da mesma construção sintática *ea quae efferant* (aquilo que produz) e *ea quae efferantur* (aquilo que é produzido), espelhado de tal maneira que se diferencia apenas pelo uso da voz passiva no segundo verbo *efferantur*. Essas estruturas comparativas equivalem

diretamente às naturezas em que a personagem tenta sustentar sua argumentação, pois *ea quae efferant* seria aquela divina e racional que produz *ex sese* (a partir de si), e *ea quae efferantur* aquela múltipla natureza, regida pela primeira e que é produzida *ex his* (dela). O infinitivo *habere* (ter) estabelece o elo dos itens comparados *efferant* e *efferantur*, e assim é complementado pelo acusativo *naturas perfectiores* (naturezas mais perfeitas), fechando-se os argumentos retomados, organizados e fundamentados, sobretudo, em usos abundantes de infinitivos, respectivamente: *administrari, existere, constare, habere*. A esses infinitivos estão associados o mesmo ideal de fundamentação do que se pretende apresentar como argumento, por isso a palavra *natura* é ora condicionada, ora condicionante, sendo ambas as alternativas, quando se mostra ao lado do infinitivo *habere*, pois há uma comparação.

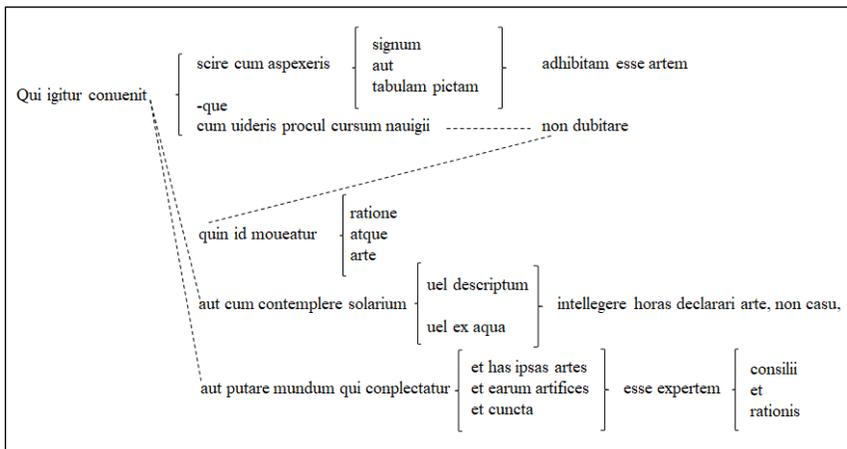
Ainda no seu discurso, a personagem Balbo afirma categoricamente que o mundo é semeador e alimentador de todas as coisas, pois ele também é regido pela natureza divina. Assim, a personagem insiste que todas as partes que constituem o mundo foram realizadas da melhor forma

possível, com prudência e razão, não poderiam ser realizadas de uma melhor maneira, nem no uso, nem no aspecto, que também é o melhor possível, logo não haveria nenhuma possibilidade de o mundo ter sido criado ao acaso, desprovido de senso moderador e de uma divina providência. Compara-se a arte, que não realiza nada sem razão, à natureza, como se observa em:

Qui igitur conuenit, signum aut tabulam pictam cum aspexeris, scire adhibitam esse artem, cumque procul cursum nauigii uideris, non dubitare, quin id ratione atque arte moueatur, aut cum solarium uel descriptum uel ex aqua contemplere, intellegere declarari horas arte, non casu, mundum autem, qui et has ipsas artes et earum artifices et cuncta complectatur consilii et rationis esse expertem putare (*De Natura Deorum* II, 87).

De tal modo então convém saber, quando vires uma estátua ou uma tábua pintada, ter sido empregada uma arte e, quando vires de longe o curso de uma embarcação, não duvidar que ela seja movida por razão e arte, ou, quando contemplaram a clepsidra ou fixa ou de água, compreender as horas serem indicadas com arte, não por acaso, porém *convém* pensar o mundo, que compreende tanto estas mesmas artes quanto seus artífices como tudo, ser desprovido de sentido e de razão.

A partir do trecho, é possível a observação da complexidade elaborativa na argumentação, tanto no que tange aos paralelismos sintáticos dos mais variados sintagmas, quanto no uso dos infinitivos, que têm papel fundamental no fechamento de cada ideia apresentada, conforme se observa no esquema:



Pode a estrutura, para melhor compreensão do pensamento do autor, ser dividida em uma macroestrutura em que se considera o todo organizativo, e múltiplas microestruturas em que se consideram as orações

principais, suas subordinadas infinitivas, orações assindéticas e suas coordenadas sindéticas.

No plano macroestrutural, tem-se o verbo *couenit* (convém) que rege ao longo do trecho quatro orações infinitivas, sendo as duas últimas coordenadas alternativas introduzidas por *aut* (ou), respectivamente *scire, non dubitare* (saber, não duvidar), *intellegere* (compreender), *putare* (pensar). No microestrutural, as orações demonstram uma organização intercalada e com paralelismos sintáticos, ora produzidos com auxílio de conjunções alternativas, ora auxiliadas por conjunções aditivas. Esses paralelismos refletem os casos usados para garantir a compreensão sintagmática, e dão o norte para o leitor organizar o pensamento de modo adequado.

Diante disso, é possível verificar que a primeira oração principal, em que há o verbo *conuenit*, rege duas orações intercaladas temporais que são ligadas pela enclítica - *que* (e), respectivamente *cum aspexeris* (quando vires) e *cum uideris* (quando vires), ambos traduzidos por (ver), mas que apresentam diferenças semânticas, pois o primeiro indica uma percepção atenta de algo, neste caso, *signum aut tabulam pictam* (estátua ou tábua pintada), que

deveria ser visto mais atentamente para se perceber as riquezas de detalhes, possíveis apenas aos olhos mais atentos à arte empregada. Ambas as estruturas alternativas com casos acusativos, por sua vez, são complementos diretos do verbo *aspexeris* e reforçam o argumento da personagem de que se deve ver mais atentamente para verificar a arte empregada tanto na *signum*, quanto na *tabulam pictam*, pois não teriam sido realizados ao acaso assim como o próprio mundo e o universo.

O infinitivo *scire*, complemento acusativo de *conuenit*, é complementado por um infinitivo *perfectum* passivo *adhibitam esse artem* (ter sido empregada arte), que em seu sintagma constitutivo apresenta concordância direta entre o particípio adjetivo *adhibitam* e o nome acusativo *artem*, ligados pelo infinitivo do verbo *esse*. Com isso, a personagem conclui o primeiro pensamento da microestrutura, demonstrando que nada é criado pelo acaso, sendo necessário *scire* que sempre há arte e que ela é sempre *adhibitam* pela razão divina universal. A segunda oração da microestrutura apresenta como complemento acusativo de *conuenit* o infinitivo ativo *dubitare*, que é antecedido pela oração intercalada temporal *cum uideris*

cursum nauigii (quando vires o curso da embarcação). Vale a pena ressaltar que o verbo *uideris* tem conotação um pouco diferente do *aspexeris* da oração temporal anterior, já que demanda, de acordo com o trecho, uma observação menos aguçada, estando o navio em movimento, como afirma a personagem. Assim, tanto o infinitivo *dubitare* quanto o verbo *uideris* são importantes para se chegar à argumentação pretendida pelo autor, uma vez que *dubitare* é antecedido pelo advérbio de negação *non* (não), o que deveria excluir toda possibilidade de dúvida presente na comparação argumentativa do estoico. Tanto quanto a arte empregada na *signum* e na *tabulam pictam*, o navio certamente não poderia ser construído ao acaso, nem sua navegação se daria por força aleatória; estando também nele grande tecnologia para que se realize o movimento desejado no mar, essa tecnologia é proveniente de razão e de grande arte racional como a empregada na criação do mundo pela mente da divindade racional. O infinitivo *dubitare* é complementado pela oração subordinada *quin id moueatur* (que seja movida), que além de ter função acusativa de infinitivo, também retoma, através do pronome *id* (ela), o vocábulo “embarcação” da oração

anterior. O verbo, na voz passiva *moueat* (seja movida), rege dois ablativos com função agente, coordenados aditivamente por *atque* (e), corroborando o argumento pretendido pela personagem, ou seja, que sem razão e sem arte não seria possível muitos dos elementos presentes na múltipla natureza, como a embarcação, a estátua, a pintura; sendo assim é notório que se arte e razão estão presentes na múltipla natureza, a natureza criadora, que gera e organiza a múltipla, tem por essência a razão e a arte.

Na primeira oração alternativa ligada ao verbo *conuenit*, que é complementado pelo acusativo infinitivo *intellegere* (compreender), de modo análogo às duas primeiras orações do trecho, há o uso de uma oração intercalada temporal *cum contemplere solarium* (quando contemplaram a clepsidra) cujo complemento *contemplere* também é constituído como oração inicial do verbo *conuenit*, com dupla alternância iniciadas por *uel... uel* (ou... ou), de modo a não ser confundido com a alternativa da oração principal que é iniciada por *aut* (ou). Através da alternância *uel descriptum uel ex aqua* (ou fixa ou de água) que especificam *solarium*, há uma comparação intencional com o argumento da oração infinitiva acusativa, composta

pelo verbo *intellegere*, que é complementado por estrutura semelhante a que ele complementa, ou seja, *accusatiuus cum infinitiuo* dos termos que o seguem *horas declarari arte* (horas serem indicadas sem arte) e *non casu* (não ao acaso). Na segunda oração alternativa, há duas estruturas infinitivas importantes à conclusão do argumento. Primeiramente, o verbo *conuenit* é complementado por um infinitivo acusativo *putare*, que por sua vez é complementado por acusativo com infinitivo *mundum esse expertem* (mundo ser desprovido). O acusativo *mundum* é retomado pelo relativo *qui* (que), introduzindo a oração adjetiva *qui complectatur* (que compreende) cujo verbo rege uma sequência de acusativos coordenados pela conjunção aditiva *et... et... et* (tanto... quanto... como), fato que adiciona à argumentação uma exemplificação objetiva, já que tudo ligado à arte *ipsas artes... artifices... cuncta* (estas artes... artífices... tudo) é movido, gerado e proveniente da razão. A última construção infinitiva do período *esse expertem* articula os argumentos anteriores, pois nada poderia ser desprovido *consilii et rationis* (de sentido e de razão). Desse modo, percebe-se que os infinitivos presentes ao longo do trecho introduzem ideias que garantem ao

personagem ampla argumentação e sobreposição dos ideais estoicos no diálogo. Assim, sendo é possível encadeá-los para melhor compreensão do pensamento do autor, já que convém *scire... non dubitare... intellegere... putare* que nada é feito sem prévio planejamento racional, seja no plano divino, seja no humano, que é regido pelo divino. É interessante que também se perceba o uso das coordenações aditivas de termos nominais com o intuito de garantir os argumentos reforçados pelos infinitivos, como *ratione et arte; ... et has ipsas artes et earum artifices et cuncta; consilii et rationes*, pois repetem conceitos inerentes ao que se pretende comprovar.

4 Participípio

O participípio é uma forma verbal que participa tanto da natureza do verbo quanto da natureza do adjetivo, pois pode apresentar-se assumindo funções adjetivas, atributo de um nome a que se refere, bem como apresentar flexão temporal²⁷ (presente, passado e futuro) característica típica verbal. Apresenta uma natureza híbrida, ora verbal ora nominal-adjetiva, sendo uma palavra que se declina e que se conjuga. Conforme afirma Varrão:

Praeterea cum sint ab eadem origine uerborum uocabula dissimilia superiorum, quod simul habent casus et tempora, quo uocantur participia (*De Lingua Latina* VIII, 58).

Além disso, visto que existam vocábulos dessemelhantes²⁸ da mesma origem das palavras anteriores porque

²⁷ In uerborum genere quae tempora adsignificant, quod ea erant tria, praeteritum, praesens, futurum, declinatio facienda fuit triplex (Varrão, *De Lingua Latina* VIII, 20). No gênero de palavras que indicam tempos, porque aqueles eram três – pretérito, presente, futuro –, a declinação a ser feita era tripla.

²⁸ O conceito de *similia* (semelhante) e *dissimilia* (dessemelhante) em Varrão (*L.L* VIII, 53-57) está associado aos radicais derivados de palavras, por exemplo, respectivamente, *amare* (amar) > *amator* (amigo, amador), *cantare* (cantar) > *cantator* (palavra inexistente).

simultaneamente tenham casos e tempos, por isso são chamados de participio.

Outros gramáticos antigos adotam concepções semelhantes às de Varrão, como pode-se verificar em Dionísio Trácio:

Μετοχή ἐστὶν λέξις μετέχουσα τῆς τῶν ῥημάτων καὶ τῆς τῶν ὀνομάτων ἰδιότητος. Παρέπεται δὲ αὐτῇ ταύτᾳ ἃ καὶ τῶ ὀνόματι καὶ τῶ ῥήματι δίχα προσώτων τε καὶ ἐγκλίσεων (*Téchne Grammatiké*, 15).

Participio é palavra que participa das propriedades dos verbos e das dos nomes. Esse segue as mesmas *coisas* que *segue* tanto o nome quanto o verbo, exceto as pessoas e os modos.

A definição dos autores é bastante semelhante no que se refere ao participio; como afirma Varrão, essas palavras *uocantur participia* (são chamadas de participio) *quod simul habent casus et tempora* (porque simultaneamente tenham casos e tempos), definição bastante semelhante à de Dionísio Trácio, já que este afirma ser o participio *λέξις μετέχουσα τῆς τῶν ῥημάτων καὶ τῆς τῶν ὀνομάτων ἰδιότητος* (uma palavra que participa das propriedades dos verbos e das dos nomes). O autor grego

faz uso de um mesmo radical para especificar a forma nominal em questão, lança mão do substantivo feminino *μετοχή* (participação, participio) e do participio aoristo feminino do verbo *μετέχω* (participar), o que demonstra já em sua teoria a possibilidade de a palavra *μετοχή* de natureza nominal receber propriedades verbais, verificadas no verbo *μετέχω* em sua forma participial *μετέχουσα* (participante, que participa) e em tempo presente como é possível *τῷ ῥήματι* (a um verbo), quanto estabelece a concordância típica *τῷ ὀνόματι* (ao nome) em gênero, número e caso como acontece entre *μετοχή*, *λέξις* e *μετέχουσα* (participio, palavra e participante). Apresentando assim o participio exemplificado por *μετέχουσα* (participante) *casus et tempora* (caso e tempos) como também afirmou Varrão.

Segue a mesma linha de raciocínio dos autores supracitados sobre o participio o gramático Diomedes:

Participium est pars orationis dicta, quod duarum partium quae sunt eximiae in toto sermone, uerbi et nominis, uim participat (*Diomedis Ars I*, 401).

Particípio é dita uma parte da oração, porque das duas partes que são exímias em toda oração, participa do sentido do verbo e do nome.

Muito semelhante também é a definição acerca do particípio em Prisciano:

Autem participium nomen accepit a confirmatione nominis et uerbi, nihil mirum, cum inueniuntur quaedam nominationes etiam ex abnegatione nascentes, ut neutrum genus, quod nec masculinum est nec femininum, et infinitum uerbum, quod personam non habet. Participium est igitur pars orationis, quae pro uerbo accipitur, ex quo et deriuatur naturaliter, genus et casum habens ad similitudinem nominis et accidentia uerbo absque discretione personarum et modorum (*Ars Prisciani* II, 552).

Porém o particípio recebeu o nome da consolidação do nome e do verbo, nada surpreendente, já que são recebidas algumas denominações também nascentes de negação, como o gênero neutro, que não é masculino nem feminino, e o verbo infinitivo, que não tem pessoa. O particípio é então a parte da oração, que se comporta como verbo, do qual também se deriva naturalmente, tendo gênero e caso à semelhança dos nomes e flexão como verbo sem distinção de pessoas e modos.

Semelhantemente à apresentação de Dionísio Trácio sobre o particípio, Diomedes usa do mesmo recurso explicativo, ou seja, de uma metalinguagem significativa para tal explicitação, já que este autor afirma que o *participium* (particípio) *participat* (participa), lançando mão de um mesmo radical *particip-* tanto para o nome quanto para o verbo, como se verifica no autor grego ao usar o radical *μετέχω* (participar) em *μετοχή* (participação, particípio) e em *μετέχουσα* (participante). Além disso Diomedes verifica que há tamanha importância na natureza copulativa do particípio, pois vale-se *duarum partium eximiae* (de duas partes exímias) nas elocuições: o verbo e o nome, participando do sentido de ambos. O autor identifica que é quase impossível a execução de um discurso desprovido de ambas as classes, nominal e verbal, que o particípio aglutina naturalmente em seus casos e flexões.

Prisciano apresenta ponto de vista semelhante aos autores mencionados, fazendo menção etimológica ao termo *participium*, já que este *accepit nomen confirmatione nominis et uerbi* (recebeu nome da consolidação do nome e do verbo), preferindo assim uma explanação que deixa de lado o viés metalinguístico presente em Dionísio Trácio e

em Diomedes, elucidando mais propriamente o *participium* através do uso de *confirmatione* (consolidação, ratificação), termo proveniente do verbo *confirmo* (consolidar, firmar, afirmar, ratificar), já que no *participio* firmam-se e consolidam-se tanto elementos típicos do comportamento verbal, *pro uerbo accipitur* (comporta-se como verbo) e tem *accidentia uerbo* (flexão como verbo), quanto *genus et casum* (gênero e caso) *ad similitudinem nominis* (à semelhança dos nomes). No entanto, as características verbais do participio não apresentam *discretione personarum et modorum* (distinção de pessoas e modos) assim como também verifica Dionísio Trácio *δίχα προσώτων τε καί ἐγκλίσεων* (exceto as pessoas e os modos).

De um modo geral, as gramáticas da língua portuguesa apresentam definições acerca do participio análogas às gramáticas greco-latinas, não apenas pela língua portuguesa ser neolatina, mas também porque se verifica que ao longo da evolução do latim o participio conservou seu caráter copulativo e basicamente sua característica permanece. Sendo assim, a sua definição gramatical contemporânea converge com a latina, como se pode observar em Celso Cunha: “O participio acumula as

características de verbo com as de adjetivo, podendo, em certos casos, receber como este as desinências -a de feminino e -s de plural” (2001, p. 483).

Tal caracterização do particípio é naturalmente encontrada nas mais variadas formas literárias em língua portuguesa, como no poema de João Cabral de Melo Neto:

Poesia
Ó jardins enfurecidos
Pensamentos palavras sortilégio
Sob uma lua contemplada;
Jardins de minha ausência
Imensa e vegetal;
Ó jardins de um céu
Viciosamente frequentado:
Onde o mistério maior
Do sol da luz da saúde?
(1982, p.14)

As palavras em forma participial “enfurecidos, contempladas, frequentado” assumem as funções descritas por Celso Cunha e também pelos gramáticos latinos Varrão, Diomedes e Prisciano, excetuando o *casus* que é tipicamente latino. Elas aglutinam a função verbal - já que “enfurecidos” pode ser substituído por “que se enfurecem”,

“contemplada” pode ser substituída por “que se contempla”, “frequentado” pode ser substituído por “que se frequenta”, todas estas formas expressam uma ação tipicamente verbal - e a função nominal, já que “enfurecidos, contempladas, frequentado” concordam em gênero e em número com os nomes a que se referem, respectivamente, “jardins, lua, céu”, o que é uma característica típica do nome adjetivo. Assim, é perceptível também em língua portuguesa a permanência da natureza copulativa do particípio.

4.1 Particípio e tempos

O termo *participium*, tradução do grego *μητοχή*²⁹, caracteriza-se por apresentar tanto noções verbais quanto nominais, como foi observado nos trechos anteriores. Assim, o particípio compreende as características nominais dos adjetivos, sobretudo, a declinação em casos, a concordância em gênero e número com o substantivo a que se refere, bem como está inserido no sistema verbal de conjugação, apresentando flexão temporal, variação de vozes, podendo também receber complementos a depender da transitividade do verbo. Acerca das formas de particípio latino, explicita Varrão:

Ab amo et eiusmodi omnibus uerbis oriuntur praesens et futurum ut amans et amaturus, ab eis uerbis tertium quod debet fingi praeteriti, in lingua Latina reperiri non potest: non ergo est analogia. Sic ab amor legor et eiusmodi uerbis uocabulum eius generis praeteriti temporis fit, ut amatus, neque praesentis et futuri ab his fit (*De Lingua Latina* VIII, XXXII).

²⁹ *Téchne Grammatiké*, 15

De *amo* e de todas as palavras desta espécie originam-se o *particípio* presente e o *particípio* futuro, como *amans*³⁰ e *amaturus*³¹. Dessas palavras o terceiro tipo de pretérito que deveria resultar, em língua latina não pode ser encontrado: portanto não há analogia. Assim como de *amor*, de *legor* e de palavras desta espécie provém o vocábulo daquele gênero de tempo pretérito, como *amatus*, não provém deste *o* de presente e *o* de futuro.

Tendo um sistema verbal bem menos complexo do que o Grego, o Latim apresenta três formas de *particípio*, conforme Varrão. De verbos ativos como *amo oriuntur praesens et futurum* (originam-se o *particípio* presente e o *particípio* futuro), respectivamente, *amans* (amante / o que ama) e *amaturus* (que amará); de verbos passivos como *amor* (sou amado) e *legor* (sou lido) *uocabulum eius generis praeteriti temporis fit* (provém o vocábulo daquele gênero de tempo pretérito) como *amatus* (amado), o *particípio* passado.

Em se comparando a língua latina à grega, muita forma participial *in lingua Latina reperiri non potest* (em língua latina não pode ser encontrada); sendo assim, há

³⁰ Que ama, amante.

³¹ Que amará.

certa dificuldade na tradução de textos gregos para o latim, sobretudo, no que tange aos participípios, pois em muitos casos *non est analogia* (não há analogia) entre as formas nas duas línguas, conforme observa A. Ernout (2002, p. 273): “O latim não tem participípio presente passivo (ποιούμενος)³², nem – exceto no deponente (*imitatus*)³³ – participípio passado ativo (ποίησας)³⁴ ou perfeito (πεποιηκώς)³⁵”³⁶. Desse modo, pode-se dizer que o latim apresenta três formas de participípio: o participípio presente ativo, o participípio passado passivo e o participípio futuro.

Apesar da nomenclatura utilizada pela grande parte dos gramáticos, referente aos tempos participiais presente, passado e futuro, em alguns casos os participípios não exprimem nenhuma ideia de tempo especificamente, conforme afirma Franz Blatt (1952, p.210): “Normalmente os participípios não exprimem nenhuma ideia de tempo”³⁷, conjectura que é também observada por A. Meillet (1966,

³² Que está sendo feito.

³³ Imitado/ copiado.

³⁴ Tendo feito/ que fez.

³⁵ Que terminou o ato de fazer/ que fez.

³⁶ Le latin n’a pas de participe présent passif (ποιούμενος), ni non plus – sauf dans le deponente (*imitatus*) – de participe passé actif (ποίησας) ou parfait (πεποιηκώς).

³⁷ Normalement les participes n’expriment aucune idée de temps.

p.610): “O particípio é uma forma verbal que é sempre tirada de um tema verbal e que exprime como todo verbo aspecto e modo, mais raramente o tempo”³⁸.

Na verdade, existem relações semânticas entre as sentenças, coordenadas ou subordinadas, que podem ou não confirmar o esclarecimento da circunstância temporal, anterioridade e/ou posterioridade e/ou simultaneidade, das formas participiais. Como se verifica em Cícero:

Si quidem etiam vos duo tales quid nunc ipsum de se recipienti, quid agenti, quid acturo? (*Ad Atticum VIII, 9, 2*).

Se certamente até vós dois *demonstrastes* tais feitos que coisa agora mesmo de si ao que recebe? Que coisa ao que age? Que coisa ao que agirá?

A sequência de particípios usados por Cícero confirma o que especula Franz Blatt e A. Meillet sobre a condição, certas vezes, de ausência de tempo propriamente dito na forma participial. No trecho da carta a Ático a evidência torna-se clara, pois há o uso de três particípios

³⁸ Le participe est une forme verbal en ce qu’il est toujours tiré d’un thème verbal et qu’il exprime comme tout verbe l’aspect et la voix, plus rarement le temps.

recipienti (que recebe), *agenti* (que age) e *acturo* (que agirá), estando os dois primeiros no particípio presente dativo e o terceiro no particípio futuro dativo, não se pode afirmar que as duas primeiras ações se realizarão ao mesmo tempo, ou seja, no presente e que a última ação se realizará no futuro, uma vez que o autor especula sobre a recepção, *recipienti*, não significa necessariamente que há o recebimento no momento em que Cícero escreve a carta, nem mesmo que a ação, *agenti*, também em forma participial presente realiza-se no momento da recepção e da escrita do autor, por sua vez não se verifica que alguma ação se realizará num momento futuro, *acturo*, após a recepção, *recipienti*, e a ação presente, *agenti*. Sendo assim, parece mais provável que a sequência de particípios se refira semanticamente a um modo optativo ou irreal em que se demonstra uma possibilidade da realização ou uma conjectura de ação, não significando necessariamente um fato que ocorre ou que ocorrerá após determinada ação presente em um determinado verbo.

A ausência de um tempo propriamente dito do particípio conduz à observação de seu uso como oração dependente e de sua relação com a oração principal, o que

pode produzir efeitos significativos diversos que estão diretamente relacionados à coordenação ou subordinação entre as orações. Inúmeras são as relações: temporal, condicional, causal, concessão, modal, relativa.

Temporal:

Omne malum nascens facile opprimitur (*Philippica V, 11, 31*).

Facilmente se oprime todo mal nascente.

Há uma relação direta entre as duas orações, a primeira *omne malum nascens* (todo mal nascente/que nasce) subordinada à segunda *facile opprimitur* (facilmente é oprimido), que é a oração principal. Há uma concordância estreita entre os verbos das duas orações, *opprimitur* (presente passivo) e *nascens* (particípio presente ativo), o que marca uma circunstância de tempo presente entre elas, pois o nascimento de todo mal *omne malum nascens* ocorre, como descreve o autor, no mesmo momento em que facilmente se inicia a sua opressão *facile opprimitur*. Sendo assim, a oração que contém o particípio *nascens* tem valor circunstancial temporal em relação à oração principal *opprimitur*.

Condicional:

Maximas uirtutes iacere omnes necesse est, uoluptate dominante (*De Finibus* II, 35).

É necessário todas as maiores virtudes jazerem, caso o prazer domine³⁹.

Observa-se a correlação entre três orações, sendo a primeira *necesse est* (é necessário) a oração principal em relação à subordinada substantiva subjetiva *maximas uirtutes omnes iacere* (todas as maiores virtudes jazerem) que se complementam sintaticamente e, por sua vez, são complementadas circunstancialmente pela terceira oração *uoluptate dominante* (em havendo prazer dominante / caso haja prazer dominante / dominante o prazer / caso o prazer domine). O particípio *dominante* (particípio ablativo singular) juntamente com o substantivo *uoluptate* (ablativo singular) formam uma estrutura de ablativo absoluto que pode ser traduzida de diferentes maneiras para a língua portuguesa, por isso recorreu-se ao uso de estruturas analíticas como “em havendo prazer dominante”, “caso haja

³⁹ Neste exemplo o sentido também poderia ser temporal em se traduzindo por “quando o prazer domina”.

prazer dominante” etc, porém é notória a relação circunstancial de condição e/ ou temporal que esta estrutura de ablativo absoluto desempenha em relação às duas orações anteriores, mas preferiu-se em língua portuguesa a inserção da conjunção condicional “caso” para que se compreenda melhor a concepção semântica condicionante em que o particípio *dominante* está inserido e sua relação com as orações anteriores no período.

Causal:

Dionysium quo cruciatu timoris angi solitum, qui cultros metuens tonsorios candente carbone sibi adurebat capillum
(*De Officiis* II, 25).

Dionísio, habituado a atormentar-se pela aflição do medo, que por temer navalhas de barbear chamuscava o pelo da barba com carvão ardente.

No período composto por uma sequência de orações, há dois particípios presentes *metuens* (temendo / por temer) e *cadente* (ardente). O primeiro integra a oração *Dionysium cultros metuens tonsorios* (Dionísio por temer navalhas de barbear) demonstrando uma relação

circunstancial de causa referente à oração relativa subsequente *qui cadente carbone sibi adurebat capillum* (chamuscava o pelo da barba com carvão ardente). Assim, *metuens* (particípio presente singular) indica a causa por que *Dionysium* queimava a barba com carvão *candente* (particípio presente ablativo singular), demonstrando indiretamente uma relação de causa e consequência entre os particípios utilizados pelo autor.

Concessão:

Atque ibi uehementissime perturbatus Lentulus tamen et signum et manum suam cognouit (*In L. Catilinam* III, 5).

E aí Lêntulo, embora veementíssimamente perturbado, reconhecia tanto a marca quanto a sua mão.

Dentre as duas orações, a primeira *atque ibi uehementissime et signum et manum suam cognouit* (e aí Lêntulo reconhecia tanto a marca quanto a sua mão) é a oração principal referente à subordinada *uehementissime perturbatus* (*embora* veementíssimamente perturbado) que semanticamente expressa circunstância de concessão e tem por núcleo *perturbatus* (particípio passado). Geralmente, as

orações concessivas que contêm em sua estrutura participípios são introduzidas por conjunções como *etsi...quamquam* (se bem que... conquanto), fator que corrobora para um esclarecimento semântico no que se refere ao valor expresso por este tipo de oração; algumas vezes, devido ao sintetismo da língua latina e a ausência de conectivos entre as orações, o sentido da oração está diretamente associado ao contexto em que foi usada; outras vezes, como se verifica no trecho, as orações participiais são seguidas pela conjunção *tamen*, que facilita a compreensão de que se está diante de uma oração concessiva.

Relativa:

Est enim lex nihil aliud nisi recta et a numine deorum tracta ratio, imperans honesta, prohibens contraria (*Philippica XI, 12, 28*).

Pois nenhuma outra coisa é lei a não ser uma razão correta e extraída do consentimento dos deuses, a qual exige as coisas honestas, *a qual* afasta as coisas contrárias.

Da língua latina para a portuguesa, dentre as estruturas que apresentam formas participiais, geralmente são mais comuns as traduções por orações relativas adjetivas ou, em alguns casos, o uso do gerúndio na substituição do particípio presente, por exemplo. No trecho, há uma sequência de orações, apresentando a primeira o verbo *est* (é) como núcleo que está elíptico nas duas orações subsequentes. O período é finalizado pelo uso de duas orações participiais *imperans honesta* (exige as coisas honestas) e *prohibens contraria* (afasta as coisas contrárias), que foram traduzidas por orações subordinadas adjetivas semanticamente equivalentes pelo fato de preservar o valor do particípio presente dos verbos latinos, já que sua versão para as formas “imperante” e “proibinte” daria à tradução um tom artificioso, sobretudo, no que se refere ao termo “proibinte”, inusual em português.

4.2 Participípio presente ativo

Em geral, o participípio presente ativo expressa ação relativa ao nome a que se refere; quando no ablativo absoluto, concorda com um nome também no ablativo. Em vários períodos o participípio presente ativo pode exprimir por vezes que a ação do verbo da oração principal encontra-se no mesmo tempo que o participípio. Conforme observa Llobera:

Participium praesens notat actionem quae fit eodem tempore quo actio uerbi. Quod si uerbum est temporis praesentis, participium respondet praesenti (*Grammatica Classicae Latinitatis*, p.393).

O participípio presente designa uma ação que acontece no mesmo tempo que a ação do verbo. Porque se o verbo é do tempo presente, o participípio corresponde ao presente.

Inúmeros exemplos podem elucidar a definição de Llobera sobre o participípio presente ativo e sua correlação com o verbo da oração principal, como em *Philippica XI*, 12, 28: *Est enim lex nihil aliud nisi recta et a numine deorum tracta ratio, imperans honesta, prohibens contraria* (Pois

nenhuma outra *coisa* é lei se não *for* justa e a razão *não for* extraída do consentimento dos deuses, que exige *as coisas* louváveis, que afasta as contrárias), observa-se que os participios presentes ativos *imperans* e *prohibens* tanto concordam com o sujeito a que se referem *ratio* quanto estão no mesmo tempo que o verbo da oração principal *est*, ou seja, presente; ou em *Philippica V*, 11, 31: *Omne malum nascens facile opprimitur* (Todo mal nascente, facilmente se oprime) em que o participio presente ativo *nascens* apresenta-se no mesmo tempo que o verbo da oração principal *opprimitur*, ou seja, no presente, e refere-se ao sujeito expresso na oração circunstancial temporal *omne malum*.

4.3 Morfologia

A respeito da formação do particípio presente, o comentador de Prisciano, Martini Hertzii, afirma o seguinte:

Omne participium praesentis quidem temporis in *ns* desinit. Et in prima quidem et secunda coniugatione fit interposita secundae personae *n*, ut *amas amans, doces docens*; in tertia uero et quarta a prima persona fit conversa *o* in *ens*, ut *lego legens, audio audiens*. Excipitur eo et *queo*, quae euphoniae causa *iens* pro *eens* et *quiens* pro *queens* faciunt et genetiui *euntis* pro *ientis*, *queuntis* pro *quientis* (*Grammatici Latini ex Recensione*, p. 456).

Todo particípio de tempo presente certamente termina em *-ns*. E certamente na primeira e na segunda conjugação ocorre intercalada à segunda pessoa *-n-*, por exemplo *ama, amans, doces, docens*; na terceira certamente e na quarta conjugação da primeira pessoa ocorre a mudança de *-o* em *-ens*, por exemplo *lego, legens, audio, audiens*. Excetua-se *eo*⁴⁰ e *queo*⁴¹, por causa da eufonia substituem *iens* por *eens* e *quiens* por *queens*, e no genitivo *euntis* por *ientis*, *queuntis* por *quientis*.

⁴⁰ Particípio presente *iens*.

⁴¹ Particípio presente *quiens*.

É importante frisar que o comentário de Martini Hertzii leva em consideração tão somente o caso nominativo na formação do particípio presente dos verbos, parece um tanto frágil sua explicitação, pois não há evidências de alterações ou transposições fonéticas no interior dos vocábulos. Mostram-se pouco esclarecedores os exemplos usados, como a introdução do fonema nasal *-n-* após a segunda pessoa do presente infectum ativo *ama > amans, doces > docens, lego > legens, audio > audiens*. Apenas no tocante aos verbos *eo* (ir) e *queo* (poder) faz-se menção aos princípios fonéticos *quae euphoniae causa* (por causa da eufonia), o que seria a explicação para a exceção *eens > iens* e *queens > quiens*. O aspecto etimológico mais relevante aparece muito rapidamente no final do trecho, mas o autor não dá continuidade sobre a forma dos genitivos verbais, porque a desinência presente, sobretudo, nos verbos apresentados *euntis* e *queuntis*, informa a regularidade com que se apresenta o sufixo *-nt-* e sua importância para o entendimento do particípio presente.

No que tange à morfologia do particípio presente, é comum aos verbos ativos e aos depoentes que seja utilizado

em sua estrutura participial o sufixo *-nt-*, conforme se observa abaixo:

1ª conjugação:

amans, amantis < ama-*nt-s* > ama-*nt-es* (amar)

Amans: particípio presente nominativo; *amantis*: particípio presente genitivo singular; *amants*: forma primitiva do particípio presente; *amantes*: forma primitiva com vocalização *-e-* na última sílaba.

2ª conjugação:

Delens, delentis < dele-*nt-s* > dele-*nt-es* (destruir)

Delens: particípio presente nominativo; *delentis*: particípio presente genitivo; *delents*: forma primitiva do particípio presente; *delentes*: forma primitiva com vocalização *-e-* na última sílaba.

3ª conjugação:

Legens, legentis < leg-e-nt-s > leg-e-nt-es (ler)

Legens: particípio presente nominativo; *legentis*: particípio presente genitivo; *legens*: forma primitiva do particípio presente com vocalização temática; *legentes*: forma primitiva com vocalização -e- na última sílaba.

Capiens, capientis < capi-e-nt-s > capi-e-nt-es
(pegar)

Capiens: particípio presente nominativo; *capientis*: particípio presente genitivo; *capientis*: forma primitiva do particípio presente com ditongação temática; *capientes*: forma primitiva com vocalização -e- na última sílaba.

4ª conjugação:

Audiens, audientis < audi-e-nt-s > audi-e-nt-es
(ouvir)

Audiens: participípio presente nominativo; *audientis*: participípio presente genitivo; *audiens*: forma primitiva do participípio presente com ditongação temática; *audientes*: forma primitiva com vocalização -e- na última sílaba. Tal demonstração pode explicar a presença da desinência -s do nominativo singular da terceira declinação e a queda da consoante dental após a sibilante.

Verbos atemáticos:

Ferens, ferentis < fer-e-nt-s > fer-e-nt-es (levar)

Ferens: participípio presente nominativo; *ferentis*: participípio presente genitivo; *ferens*: forma primitiva do participípio presente; *ferentes*: forma primitiva com vocalização -e- na última sílaba.

Edens, edentis < ed-e-nt-s > ed-e-nt-es (mostrar)

Edens: participípio presente nominativo; *edentis*: participípio presente genitivo; *edents*: forma primitiva do

particípio presente; *edentes*: forma primitiva com vocalização *-e-* na última sílaba.

É interessante observar que havia formas diferentes para os particípios presentes para os três gêneros em latim, conforme afirma Ernout:

Os particípios presentes do tipo *amans, ferens, etc.*, empregados com valor de adjetivo ou de particípio, e os adjetivos de mesma formação como *prudens* passaram no latim aos temas em *-i-*. Não há aí outra forma primitiva. A pesquisa comparativa nos informa que apenas o feminino dos particípios era em *-i-*: havia então um nominativo M. **ferens* de **ferent-s*, F. **ferentis*, N. **ferent*.⁴² (*Morphologie Historique du Latin*, p.58)

A formação do particípio presente latino em muito se assemelha à formação do particípio em grego, sobretudo, no prefixo utilizado *-ντ-*, diferenciando-se em geral pela vogal temática usada pelo grego que tende a usar *-o-* antes de fonemas nasais. Assim, o grego apresenta o prefixo *-ντ-*

⁴² Les participes présents du type *amāns, ferēns, etc.*, employés avec valeur d'adjectif ou de participe, et les adjectifs de même formation comme *prūdēns* sont passés en latin dans les thèmes en *-i-*. Ce n'est pas là d'ailleurs l'état primitif. La recherche comparative nous apprend que seul le féminin des participes était en *-i-*: on avait donc un nominatif M. **ferēns* de **ferent-s*, F. **ferentīs*, N. **ferent*.

nos três gêneros no particípio presente: M. λυ-ο-ντ-ς > λυοντ > λύον (desligar), F. λυ-ο-ντ-α > λυονσα > λύουσα, N. λυ-ο-ντ > λύον. Em Grego, a forma derivada para o masculino e para o neutro tornaram-se as mesmas λύον, a forma feminina, devido a alterações fonéticas no interior da palavra e a permanência da desinência de gênero -α, conservou uma forma derivada λύουσα aparentemente divergente das demais; em Latim há um processo de transformação da forma feminina *ferentīs* cujo -ī- por ser breve tende a desaparecer foneticamente, aproxima-se da forma masculina *ferents* > *ferens* que se generaliza e se estende aos três gêneros, devido à semelhança fonética. Assim, o particípio nominativo singular masculino é assimilado e passa a ser usado nos três gêneros, conforme se observa em:

Singular:

	Masculino / Feminino	Neutro
Nominativo	<i>Ferēns</i>	<i>Ferēns</i>
Vocativo	<i>Ferēns</i>	<i>Ferēns</i>
Acusativo	<i>Ferentem</i>	<i>Ferēns</i>
Genitivo	<i>Ferentis</i>	<i>Ferentis</i>
Dativo	<i>Ferentī</i>	<i>Ferentī</i>
Ablativo	<i>Ferentī / Ferente</i>	<i>Ferentī / Ferente</i>

Plural:

	Masculino / Feminino	Neutro
Nominativo	<i>Ferentēs</i>	<i>Ferentia</i>
Vocativo	<i>Ferentēs</i>	<i>Ferentia</i>
Acusativo	<i>Ferentēs</i>	<i>Ferentia</i>
Genitivo	<i>Ferentium</i>	<i>Ferentium</i>
Dativo	<i>Ferentibus</i>	<i>Ferentibus</i>
Ablativo	<i>Ferentibus</i>	<i>Ferentibus</i>

O verbo *sum* (ser)

O verbo *sum* especificamente não apresenta particípio presente, apenas algumas de suas formas compostas⁴³:

Forma Composta de <i>sum</i>	Part. Presente Nominativo	Part. Presente Genitivo
<i>Absum</i> (estar ausente)	<i>Absens</i>	<i>Absentis</i>
<i>Praesum</i> (estar à frente)	<i>Praesens</i>	<i>Praesentis</i>

⁴³ Não possuem particípio presente: *adsum* (estar presente), *desum* (faltar a), *insum* (estar em), *intersum* (participar de), *obsum* (prejudicar a), *prosum* (ser útil), *subsum* (estar sob) e *supersum* (sobreviver a).

4.4 Participípio Futuro Ativo

O participípio futuro ativo geralmente indica ação de iminente realização e uma intenção de realizá-la em momento posterior. Conforme afirma Llobera:

Participium futuri denotat actionem subsequentem
(*Grammatica Classicae Latinitatis*, p. 394).

O participípio de futuro denota ação subsequente.

A ação denotada é subsequente geralmente ao verbo com que se correlaciona na sentença. Apresenta como marca o sufixo *-urus, -ura, -urum* para o gênero masculino, o feminino e o neutro, respectivamente, conforme observa-se em:

1ª conjugação

Masculino	Feminino	Neutro
<i>amaturus</i> (havendo de amar)	<i>amatura</i>	<i>amaturum</i>

2ª conjugação

Masculino	Feminino	Neutro
<i>deleturus</i> (havendo de destruir)	<i>deletura</i>	<i>deleturum</i>

3ª conjugação

Masculino	Feminino	Neutro
<i>lecturus</i> (havendo de ler)	<i>lectura</i>	<i>lecturum</i>

Masculino	Feminino	Neutro
<i>capturus</i> (havendo de pegar)	<i>captura</i>	<i>capturum</i>

4ª conjugação

Masculino	Feminino	Neutro
<i>auditurus</i> (havendo de ouvir)	<i>auditura</i>	<i>auditurum</i>

Verbos depoentes

Masculino	Feminino	Neutro
<i>hortaturus</i> (havendo de exortar)	<i>hortatura</i>	<i>hortaturum</i>

Masculino	Feminino	Neutro
<i>imitaturus</i> (havendo de imitar)	<i>imitatura</i>	<i>imitaturum</i>

É evidente a regularidade no uso do sufixo *-urus, -a, -um* na forma do particípio futuro em todas as conjugações verbais, mesmo em verbos depoentes ou atemáticos, o que torna a identificação deste tipo de particípio um tanto quanto simples, porém é válido salientar que em alguns verbos há alterações fonéticas provenientes do contato de consoantes finais do radical verbal com o sufixo *-urus, -a, -um*. Assim, ocorre a alteração /t/ > /s/: *-turus > -surus, -tura > -sura, -tutum > -surum*. Como se verifica nos seguintes exemplos:

Acessurus, -a, -um (accedo: aproximar-se);
aggressurus, -a, -um (aggredior: atacar); *arsurus, -a, -um*
(ardeo: arder); ascensurus, -a, -um (*ascendo: subir*);
aspersurus, -a, -um (*aspergo: espalhar*); *ausurus, -a, -um*
(audeo: desejar); casurus, -a, -um (*cado: cair*); *caesurus, -a, -um*
(caedo: cortar); cessurus, -a, -um (*cedo: andar*); *censurus,*
-a, -um (*censeo: pensar*); *clausurus, -a, -um* (*claudio: fechar*);
comesurus, -a, -um (*comedo: comer*); *confessurus, -a, -um*
(confiteor: confessar); contusurus, -a, -um (*contundo:*

esmagar); *cursurus*, -a, -um (*curro*: correr); *defensurus*, -a, -um (*defendo*: defender); *diuisurus*, -a, -um (*diuiso*: dividir); *esurus*, -a, -um (*edo*: comer); *effusus*, -a, -um (*effundo*: derramar); *elapsurus*, -a, -um (*elabor*: escapar); *euasurus*, -a, -um (*euado*: evadir-se); *expulsurus*, -a, -um (*expello*: expelir); *falsurus*, -a, -um (*fallo*: esconder); *fassurus*, -a, -um (*fateor*: confessar); *fisurus*, -a, -um (*fido*: confiar); *fixurus*, -a, -um (*figo*: fixar); *fossurus*, -a, -um (*fodio*: cavar); *fusus*, -a, -um (*fundo*: derramar); *gauisurus*, -a, -um (*gaudeo*: alegrar-se); *gressurus*, -a, -um (*gradior*: andar); *haesurus*, -a, -um (*haereo*: permanecer); *hausurus*, -a, -um (*haurio*: esgotar); *incensurus*, -a, -um (*incendo*: avançar); *inclusurus*, -a, -um (*includo*: fechar); *ingressurus*, -a, -um (*ingredior*: entrar); *iussurus*, -a, -um (*iubeo*: ordenar); *lapsurus*, -a, -um (*labor*: escorregar); *laesurus*, -a, -um (*laedo*: bater); *lusurus*, -a, -um (*ludo*: jogar); *mansurus*, -a, -um (*maneo*: permanecer); *mersurus*, -a, -um (*mergo*: mergulhar); *mensurus*, -a, -um (*mentior*: mentir); *messurus*, -a, -um (*meto*: ceifar); *missurus*, -a, -um (*mitto*: enviar); *morsurus*, -a, -um (*mordeo*: morder); *mulsurus*, -a, -um (*mulceo*: acariciar); *nexurus*, -a, -um (*neco*: matar); *nisurus*, -a, -um (*nitor*: apoiar-se); *opressurus*, -a, -um (*oprimo*: apertar); *passurus*, -a, -um (*pando*: estender /

patior: sofrer); *parsurus, -a, -um* (*parco*: conter); *pulsurus, -a, -um* (*pello*: impelir); *pensurus, -a, -um* (*pendo*: perdurar); *perculsurus, -a, -um* (*percello*: bater); *perculsurus, -a, -um* (*percutio*: atravessar); *plausurus, -a, -um* (*plaudo*: bater); *possessurus, -a, -um* (*possidio*: possuir); *prehensurus, -a, -um* (*prehendo*: tomar); *pressurus, -a, -um* (*premo*: apertar); *quasurus, -a, -um* (*quatio*: sacudir); *responsurus, -a, -um* (*respondeo*: responder); *risurus, -a, -um* (*rideo*: rir); *scissurus, -a, -um* (*scindo*: rasgar); *sessurus, -a, -um* (*sedeo*: estar sentado); *sparsurus, -a, -um* (*spargo*: espalhar); *sponsurus, -a, -um* (*spondeo*: garantir); *suasurus, -a, -um* (*suadeo*: aconselhar); *suspensurus, -a, -um* (*suspendo*: suspender); *tonsurus, -a, -um* (*tondeo*: cortar); *tunsurus, -a, -um* (*tundo*: bater); *usurus, -a, -um* (*utor*: usar); *uulsurus, -a, -um* (*uello*: puxar); *uersurus, -a, -um* (*uerro*: varrer/ *uerto*: voltar); *uisurus, -a, -um* (*uideo*: ver).

O particípio futuro tende a formar *coniugatio periphrastica* (conjugação perifrástica) com o verbo *esse* (ser), compondo um sintagma verbal em que o auxiliar *esse* indica a relação modo-temporal e o particípio a número-pessoal, principalmente em textos do período clássico, com

exceção das formas *futurus* (particípio futuro de *esse*) e *uenturus* (particípio futuro de *uenio*) que por vezes são empregadas sem o verbo auxiliar, como se encontra em Cícero:

Metus opinio impendentis mali, quod intolerabile esse uideatur, libido opinio uenturi boni, quod sit ex usu iam praesens esse atque adesse (*Tusculanae Disputationes* IV, 14).

Medo *é* a expectativa de ameaçante mal, o que parece ser intolerável; desejo *é* a expectativa de bens vindouros, o que já esteja presente segundo o hábito.

Etenim eo loco, Fanni et Scaevola, locati sumus, ut nos longe prospicere oporteat futuros casus rei publicae (*De Amicitia*, 40).

Com efeito neste local, Fânio e Scévola, fomos postos, de modo que fosse preciso prever de longe as circunstâncias futuras da República.

No primeiro trecho, observa-se o uso de *uenturi* (vindouros / que não de vir) sem o auxílio do verbo *esse*, pois na sentença *libido opinio uenturi boni* (a expectativa *é* o desejo de bens vindouros) o particípio futuro *uenturi*

concorda em gênero, número e caso com o adjetivo *boni*, ambos desempenham função genitiva em relação a *opinio*, assim *uenturi* possui características mais acentuadas de nome adjetivo. No segundo, verifica-se o uso de *futuros* (futuros / que hão de ser) ausente do auxiliar *esse*, pois esse particípio futuro em *prospicere futuros casus* (prever as circunstâncias futuras) é empregado como adjetivo de *casus*, ambos no acusativo plural, pois complementam o verbo *prospicere*. No entanto, explicitadas as exceções, o particípio futuro geralmente é acompanhado do auxiliar *esse* e pode desempenhar inúmeras relações de significado, que vão além de um emprego que tenta instituir a ocorrência de uma ação no futuro, conforme se observar nos exemplos seguintes:

Intenção de se fazer algo:

Teneat oportet uenas cuiusque generis, aetatis, ordinis, et eorum, apud quos aliquid aget aut erit acturus, mentis sensusque degustet (*De Oratore* I, 223).

Convém (*o orador*) mantenha as pulsações do gênero, da idade, da ordem daquele, e daquelas *coisas* junto as quais ele aja ou haverá de agir, e ele deguste as mentes e os sentimentos.

Ação prestes a se realizar:

Quod ad me, mea Terentia, scribis te uicum uendituram, quid, obsecro te, me miserum! Quid futurum est? (*Epistulae ad Familiares* XIV, 1, 5).

O que para mim, minha Terência, escreves, havendo de vender a tua propriedade, por que, suplico-te, ai de mim! Que haverá de ser?

No primeiro exemplo, o verbo no particípio futuro *erit acturus* (haverá de agir) é usado entre duas orações coordenadas pela enclítica *-que* (e) que têm como núcleos verbos no futuro *aget ...que degustet* (aja ...e deguste), porém possuem tais verbos uma carga semântica que diverge do particípio futuro *erit acturus*, porque não há neste uma indicação de ação que se realizará no futuro, apenas uma intenção de que a ação poderá ser realizada posteriormente, relação que é muito bem observada pelo autor, já que ele se utiliza de uma oração coordenada alternativa introduzida por *aut* (ou) e ainda faz uso do mesmo verbo *ago* (agir) na sequência de apresentação de ação *aget aut erit acturus* (aja ou haverá de agir), o que marca bem a relação semântica bastante peculiar entre as

formas de futuro utilizadas: *aget* que indica uma ação que ocorrerá na futuro, *erit acturus* que indica uma possibilidade ou apenas uma intenção de realizar algo. No segundo, exemplo Cícero faz uso do particípio futuro *uendituram* (havendo de vender) de uma forma bem peculiar, diferentemente do exemplo anterior em que este tipo de particípio sugere uma intenção a se realizar, neste caso indica uma ação que não só irá se realizar no futuro, como há de convir aos verbos neste tempo, mas também que a ação da venda *uendituram* está prestes a acontecer, uma vez que o autor havia suplicado *obsecro* a venda da *uicum* (propriedade) de Terência. Tal particípio *uendituram* também difere do uso que se faz do particípio futuro do verbo *esse* (ser) *futurum est* (haverá de ser) usado no mesmo período, pois *futurum est* preserva apenas a relação indicada aos verbos do futuro, ou seja, indica que a ação ocorrerá posteriormente.

4.5 Particípio Futuro Passivo (Gerundivo)

O particípio futuro passivo ou gerundivo é um adjetivo verbal e concorda em gênero, número e caso com o nome a que se refere, e indica geralmente um dever ou obrigação de realização da ação verbal. Sobre este tipo de particípio, afirma Springhetti:

Categoria morphologica linguarum latinae et osco-umbrae, naturam habens adiectiui distincti suffixo -nd- [...] In uerbis transitiuis uim habet passiuam, et significare potest futurum, quare etiam uocatur participium futurum passiuum, et necessitatem, ideo etiam appellatur gerundiuum necessitatis (Latinitas Perennis, p. 259).

Categoria morfológica das línguas latina e osco-umbra, tendo natureza de distinto adjetivo no sufixo *-nd-* [...] Nos verbos transitivos tem voz passiva, tanto pode significar futuro, por isso também é chamado de particípio futuro passivo, quanto necessidade, por causa disto também é chamado de gerundivo de necessidade.

O sufixo *-nd-*, adicionado ao tema do presente, é usado nos três gêneros, acrescido de sua desinência

nominal, sendo *-ndus* para o masculino, *-nda* para o feminino, *-ndum* para o neutro. Conforme se observa em:

1ª conjugação:

Ama-nd-us > amandus (m.), amanda (f.), amandum (n.)

2ª conjugação:

Mone-nd-us > monendus (m.), monenda (f.), monendum (n.)

3ª conjugação:

Leg-e-nd-us > legendus (m.), legenda (f.), legendum (n.)

Capi-e-nd-us > capiendus (m.), capienda (f.), capiendum (n.)

4ª conjugação:

Audi-e-nd-us > audiendus (m.), audienda (f.), audiendum (n.)

A relação da necessidade ou da obrigação de se realizar a ação é de natureza semântica, *etiam appellatur gerundium necessitatis* (por isso também é chamado de

gerundivo de necessidade), o que faz com que esse particípio possua um caráter bem peculiar em se comparando aos demais. Tal natureza semântica faz com que o particípio passivo *et significare potest futurum... et necessitatem* (tanto pode significar futuro... quanto necessidade), como se verifica em Cícero:

Sic sapientia, quae ars uiuendi putanda est (*De Finibus* I, 42).

Assim a sabedoria que deve ser considerada a arte de viver.

Tum Caesar “equidem,” inquit “Crasse, ita sum cupidus in illa longiore te ac perpetua disputatione audiendi” (*De Oratore* II, 16).

Então César disse: “Certamente, Crasso, assim estou desejoso de te ouvir naquela mais larga e contínua disputa”.

No primeiro exemplo, o verbo *puto* (considerar) é utilizado na sua forma de gerundivo *putanda*, concordando em gênero, número e caso com o nome *sapientia* (sabedoria) a que se refere, assim *putanda est* (deve ser considerada) indica uma necessidade ou obrigação daquilo que o autor considera *ars uiuendi* (a arte de viver). No

segundo exemplo, o autor faz uso do verbo *audio* (ouvir) em sua forma de gerundivo *audiendi* (de ouvir), porém não há concordância com um nome como no primeiro exemplo, pois a forma *audiendi* exerce a função genitiva e determina o adjetivo *cupidus* (desejoso), assim o gerundivo *audiendi* tanto indica a necessidade de ouvir do interlocutor quanto uma restrição do adjetivo a que se refere.

Como se observa no trecho citado, *Sic sapientia, quae ars uiuendi putanda est. (De Finibus, I, 42)* (Assim a sabedoria que deve ser considerada a arte de viver), o verbo no particípio futuro passivo geralmente compõe uma perífrase verbal juntamente com o verbo *esse* (ser), como em *putanda est*. De um modo geral, a flexão do verbo auxiliar *esse* indica o modo, o tempo, o número e a pessoa, e a do verbo principal, o gênero, o número e o caso, concordando este com o nome a que se refere, assim há uma conjugação perifrástica do particípio futuro passivo.

Conjugação Perifrástica do Particípio Futuro Passivo

Infinitivo

Presente
<i>Amandum, -am, -um esse</i> (haver de ser amado / ter de ser amado)

Perfeito
<i>Amandum, -am, -um fuisse</i> (haver de ter sido amado / dever ter sido amado)

Indicativo *infectum*

Presente
<i>Amandus, -a, -um sum</i> (hei de ser amado / tenho de ser amado)

Passado
<i>Amandus, -a, -um eram</i> (eu havia de ser amado / eu tinha de ser amado)

Indicativo *perfectum*

Presente
<i>Amandus, -a, -um fui</i> (eu hei de ter sido amado)

Passado

<i>Amandus, -a, -um fueram</i> (houvera / tivera de ser amado)
--

Subjuntivo *infectum*

Presente

<i>Amandus, -a, -um sim</i> (haja / tenha de ser amado)

Passado

<i>Amandus, -a, -um essem</i> (houvesse / tivesse de ser amado)

Subjuntivo *perfectum*

Presente

<i>Amandus, -a, -um fuerim</i> (que eu haja de ter sido amado)
--

Passado

<i>Amandus, -a, -um fuissem</i> (houvera / tivera de ser amado)

4.6 Particípio Passado

O particípio passado geralmente indica uma ação completa, designando um estado acabado. É classificado como os demais particípios como uma forma que transita entre o verbo e o nome, e assim como o particípio futuro passivo recebe a denominação de adjetivo verbal. Muitas vezes associado ao *perfectum*, ele pode tanto indicar uma ação no passado como também uma ação anterior à outra também no passado. Primordialmente, o particípio passado era formado a partir da junção do sufixo *-to-* ao radical, como afirma Ernout:

Primitivamente, o particípio passado era independente do tema do *inflectum* e do *perfectum*; ele era formado do sufixo *-to-* ligado diretamente à raiz verbal, desprovida de sufixo e sob sua forma reduzida⁴⁴ (*Morphologie Historique du Latin*, p. 220).

Este particípio formado primitivamente pelo sufixo hipotético *-to-* designava apenas a voz passiva, posteriormente particípios dessa natureza que se

⁴⁴ Primitivement, le participe passé était indépendant du thème de l'inflectum et du perfectum; il était formé du suffixe **-to-* ajouté directement à la racine verbal, dépourvue de suffixe et sous sa forme réduite.

utilizavam do sufixo *-tus* passaram a indicar tanto a voz passiva quanto a ativa. Como o sufixo unia-se diretamente à raiz verbal ora do *infectum*, ora do *perfectum*, diversas foram as alterações fonéticas sofridas por estas raízes verbais na formação do particípio passado, como demonstra Ernout:

Alternância vocálica /ē/ > /ǣ/

*reor (inf.), reri (perf.)*⁴⁵: *rē -tus > rǣtus*

Alternância vocálica /ō/ > /ǣ/

do (inf.), dedi (perf.): *dō -tus > dǣtus*

nosco (inf.), noui (perf.): *nō -tus > notus*

Alternância vocálica /ā/, /o/ > /ǣ/

sto (inf.), steti (perf.): *sto -tus > stǣtus*

Alternância vocálica /ī/ > /ĩ/

cio (inf.), ciui (perf.): *cī -tus > cĩtus*

Raízes terminadas em consoantes:

clepto: *clept -tus > cleptus*

quesor > queror: *quer -tus > questus*

tingo: *ting -tus > tinctus*

coquo: *coq -tus > coctus*

⁴⁵ *Inf.* e *perf.*: *infectum* e *perfectum*, respectivamente.

scribo: scrib-tus > scriptus

Verbos com sufixos e infixos perdem em geral estes elementos no particípio passado:

apiscor: aptus

nanciscor: nactus

rumpo: ruptus

mordeo: morsus

pando: passus

pinso: pistus

capio: captus

iacio: iactus

rapio: raptus

aperio: apertus

uincio: uinctus

Verbos com radical terminado em vogal:

amo (inf.), amaui (perf.): amatus

planto (inf.), plantaui (perf.): plantatus

pleo (inf.), pleui (perf.): pletus

quaero (inf.), quaesiui (perf.): quaesitus

audio (inf.), audiui (perf.): auditus

statuo (inf.), statui (inf.): statutus

Verbos que fazem o *perfectum* em *-ui* apresentam o particípio passado ora em *-ĭtus*, ora em *-tus*:

domo (inf.), domui (perf.): domitus

moneo (inf.), monui (perf.): monitus

seco (inf.), secui (perf.): sectus

doceo (inf.), docui (perf.): doctus

torreo (inf.), torrui (perf.): tostus

colo (inf.), colui (perf.): cultus

Verbos em terminados em *-uo* ou *-ueo* perdem o *-ĭ-* no particípio passado:

caueo (inf.), caui (perf.): cautus

foueo (inf.), foui (perf.): fatus

moueo (inf.), moui (perf.): motus

lauo (inf.), laui (perf.): lautus

Alterações fonéticas diversas provenientes do contato do sufixo *-tus* com vogais (vocalismo) ou consoantes (consonantismo) da raiz verbal:

I. Vocalismo:

Alteração /i/ > /e/:

efficio > *effectus*

retineo > *retentus*

Raízes terminadas pela gutural /g/ antecedida das vogais breves /ă/, /ĕ/ em contato com o sufixo *-tus* sofrem a seguinte alteração: /ă/, /ĕ/ - /g/ - /t/ > /ā/, /ē/ - /c/ - /t/

ago > *actus*

pango > *pactus*

lego > *lectus*

rego > *rectus*

tego > *tectus*

Raízes terminadas em dental sonora /d/ em contato com o sufixo *-tus* sofrem a seguinte alteração: /d/ - /t/ > /ss/ ou /s/

cado > *cassus*

edo > *esus*

pando > *passus*

sedeo > *sessum*

findo > *fissus*

II. Consonantismo:

Alguns verbos terminados em *-si* no *perfectum* levam o particípio passado de *-tus* a *-sus*

rideo, risi (perf.) > risus

suadeo, suasi (perf.) > suasus

mitto, misi (perf.) > missus

sentio, sensi (perf.) > sensus

Por extensão à assimilação da forma do *perfectum* */tus/ > /sus/*, tem-se

maneo, mansi (perf.) > mansus

flecto, flexi (perf.) > flexus

mergo, mersi (perf.) > mersus

mulceo, mulsi (perf.) > mulsus

tergo, tersi (perf.) > tersus

fluo, fluxi (perf.) > fluxus

Verbos com raiz terminado em *-ll-* fazem o particípio passado em *-ls-*

excello > excelsus

percello > percussus

fallo > falsus

Por extensão da forma anterior, o grupo *-rr-* passa a *-rs-*

curro > cursus

As diversas alterações demonstradas na formação do particípio passado latino confirmam que esta forma verbal era demasiadamente usada tanto pelos falantes da língua latina quanto pelos escritores a partir dos quais se pode fazer uma análise mais aguçada deste tipo de particípio. É evidente que quanto mais se faz uso de determinada construção e/ou palavra, mais elas sofrem alterações geográficas, históricas, socioculturais, fatores esses que desencadeiam na maioria das vezes alternâncias fonéticas acentuadas. Tais alterações, quer vocálicas, quer consonantais ou de natureza diversa, são fruto tanto do uso quanto da importância que este tipo de particípio tinha na comunicação verbal em geral. Fatores que serão observados ao longo da análise das formas participais nos textos de Cícero, não apenas para identificar este ou aquele particípio e demonstrar suas possíveis alterações ou particularidades, mas também para se verificar a importância que os particípios desempenham na construção da argumentação textual ciceroniana.

5 Participípio e Estilo Ciceroniano

Observou-se, na seção anterior, sobre o uso dos infinitivos que o estilo de escrita ciceroniano é marcado por construções sintáticas bastante peculiares, não sendo incomum identificar em sua prosa períodos com elaboração tal que dificilmente seja possível verificar repetições sintáticas, no âmbito da organização discursiva. Tal fato não se refere apenas a inversões sintagmáticas, mas também ao grau significativo que elas ganham em seus textos, fato que demonstra a intenção do autor em pôr em prática o registro de seu pensamento, na maioria das vezes indicando, através de recursos linguísticos usados, os passos a serem seguidos para melhor compreensão textual.

Nesta seção, observar-se-á como o autor se vale do uso do participípio latino, participípios presente, futuro ativo e passivo, e passado, com vistas a garantir tanto melhor apreensão discursiva quanto ampla argumentação. Considerar-se-á não apenas o aspecto sintático de sua composição textual, mas também o semântico, tendo em vista que a prosa do autor apresenta construções precisas sintaticamente, mas que não são meramente alegóricas, quanto à estética de sua criação verbal. É o que se poderia

denominar de uma causa, a poética textual, em prol de sua consequência primordial, a argumentação.

Assim, serão apresentados trechos de obras filosóficas de Cícero que possam elucidar com bastante amplitude o uso do particípio latino, visando a esclarecer tanto a construção sintática, por meio da estruturação textual, quanto o seu caráter semântico, tendo em vista um todo significativo.

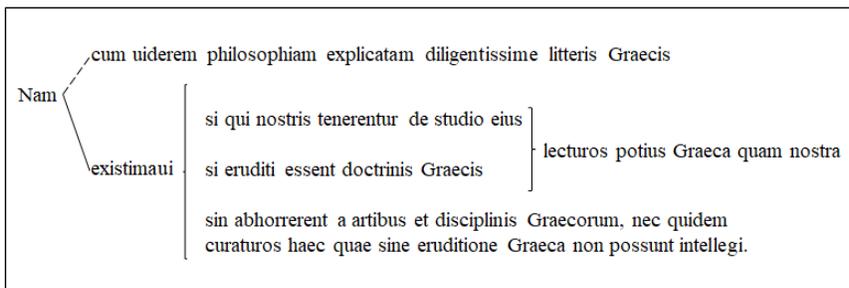
O uso do particípio latino em sua diversidade significativa pode ser observado nos trechos seguintes:

Nam cum philosophiam uiderem diligentissime Graecis litteris explicatam, existimaui si qui de nostris eius studio tenerentur, si essent Graecis doctrinis eruditi, Graeca potius quam nostra lecturos, sin a Graecorum artibus et disciplinis abhorrerent, ne haec quidem curaturos, quae sine eruditione Graeca intellegi non possunt (*Academica* I, 4).

Pois como *eu* visse a filosofia muito cuidadosamente explicada pelas letras gregas, pensei se alguns dos nossos se mantivessem sobre o seu estudo, se tivessem sido instruídos nas doutrinas gregas, havendo de ler antes as *obras* gregas do que as nossas, mas se se afastassem das artes e das disciplinas dos gregos, nem mesmo havendo de cuidar destas coisas que sem a erudição grega não podem ser entendidas.

O início do diálogo *Academica* (Acadêmicas) entre Ático e Marco Varrão aborda as origens do pensamento filosófico entre os gregos e exalta, como é comum entre os escritos latinos, a superioridade dos gregos nas letras, sobretudo, quando se trata da elaboração do pensamento filosófico que, segundo M. Varrão, deveria ser estudado mais cuidadosamente pelos eruditos romanos, já que os estudos filosóficos gregos haviam sido desenvolvidos cuidadosamente, o que garantiria aos romanos que se propusessem ao seu estudo elevado conhecimento e a possibilidade de difundir entre os latinos os ensinamentos provenientes da Grécia, principalmente do pensamento de Sócrates que iria difundir-se, segundo M. Varrão, através de Platão.

Ao estruturar o trecho, nota-se a relevância no uso dos participípios:



Os participípios são relevantes para a compreensão do diálogo entre as personagens e da própria especulação que levanta o autor sobre a obra *Academica* que se inicia. São usados dois participípios passados *explicatam* e *eruditi* (explicada e instruídos), e dois participípios futuros ativos *lecturos* e *curaturos* (havendo de ler e havendo de cuidar), fato que se mostra importante no desenvolvimento textual, já que ao longo dos 46 parágrafos do livro primeiro de *Academica* há apenas cinco participípios futuros ativos⁴⁶, sendo raro o uso dessa forma nominal ao longo do texto ciceroniano. Sendo assim, como se pode observar na estrutura, há uma oração explicativa, introduzida pela conjunção *nam* (pois) que é intercalada por oração causal *cum uiderem philosophiam explicatam litteris Graecis* (como eu visse a filosofia explicada pelas letras gregas), em que se pode observar o uso do participípio passado *explicatam* com o sentido típico dessa forma nominal, ou seja, a situação no passado da ação expressa, pois a personagem já havia sido possivelmente instruída ou tinha visto amplas explicações da filosofia grega e por isso passaria a comentar suas observações a esse respeito. Ao verbo da oração explicativa

⁴⁶ *Venturum* (I, 1); *lecturos, curaturos* (I, 4); *exhibiturum* (I, 18); *meriturus* (I, 26).

nam existimaui (pois pensei) ligam-se três estruturas introduzidas por conjunções condicionais *si* (se), as duas primeiras condições *si qui nostris tenerentur de studio eius* (se alguns dos nossos se mantivessem sobre o seu estudo) e *si eruditi essent doctrinis Graecis* (se tivessem sido instruídos nas doutrinas gregas) conduzem a uma situação esclarecedora acerca do que viria a ser o diálogo iniciado, marcadamente elucidado pelo particípio *eruditi*, que demonstra com clareza o conhecimento falho entre os romanos sobre a filosofia grega, uma vez que estes ainda não haviam sido instruídos com profundidade em seus estudos, não eram eruditos e por isso o autor se valer muito bem do particípio *eruditi* empregado para se referir aos latinos. Conforme a estruturação, observa-se que a oração *lecturos potius Graeca quam nostra* (havendo de ler antes as obras gregas do que as nossas) é empregada como elo finalizador das duas primeiras orações condicionais e que naquela há o emprego do particípio futuro ativo *lecturos*, que muito esclarece sobre a importância do estudo da filosofia grega que, conforme M. Varrão, deveria ser estudada mesmo antes de se estudar a filosofia latina, o que claramente pode ser considerado uma crítica à ausência de

conhecimento sobre diversos assuntos entre os latinos. Tal particípio futuro *lecturos* possui amplo significado na sentença, pois não só evidencia uma possibilidade de leitura futura, já que não havia sido feita até o momento, como também uma possibilidade de que a ação se realize, mas que não há evidências de que o fato irá se consolidar na sequência, o que é marcadamente o uso de uma forma nominal no futuro que extrapola consideravelmente os preceitos gramaticais vigentes. Em seguida observa-se o uso da terceira oração condicional *sin abhorrent a artibus et disciplinis Graecorum* (mas se se afastassem das artes e das disciplinas dos gregos) que é explicitada pela oração que a segue *ne quidem curaturos haec* (nem mesmo havendo de cuidar destas *coisas*) em que se apresenta o particípio futuro ativo *curaturos* e em que se estabelece a conclusão do pensamento da personagem através da retomada dos conceitos e dos argumentos anteriores, sobretudo, no que diz respeito às ações que devem ser realizadas para o desenvolvimento intelectual dos latinos, uma vez que não *curaturos* (havendo de cuidar) das questões que são sublimes à filosofia e que já teriam sido devidamente explicadas pelos gregos, *sine eruditione*

Graeca (sem a erudição grega) muitas coisas *non possunt intellegi* (não podem ser entendidas). Fato é que a personagem dá o devido valor ao conhecimento das questões filosóficas e utiliza-se duas vezes do termo *eruditus*, primeiro em sua forma participial *eruditi* e, em seguida, em sua forma de ablativo singular *eruditione*, demonstrando, portanto, o valor de conhecer para discutir com pertinência.

É possível acrescentar a este trecho outro de valor relevante no uso de participios:

Platonis autem auctoritate, qui uarius et multiplex et copiosus fuit, una et consentiens duobus uocabulis philosophiae forma instituta est Academicorum et Peripateticorum, qui rebus congruentes nominibus differebant. Nam cum Speusippum sororis filium Plato philosophiae quasi heredem reliquisset, duo autem praestantissimo studio atque doctrina, Xenocratem Calchedonium et Aristotelem Stagiritem, qui erant cum Aristotele Peripatetici dicti sunt, quia disputabant inambulantes in Lycio, illi autem, quia Platonis instituto in Academia, quod est alterum gymnasium, coetus erant et sermones habere soliti, e loci uocabulo nomen habuerunt. Sed utrique Platonis ubertate completi certam quandam disciplinae formulam composuerunt et eam quidem plenam ac refertam, illam autem Socraticam dubitanter de omnibus rebus et nulla

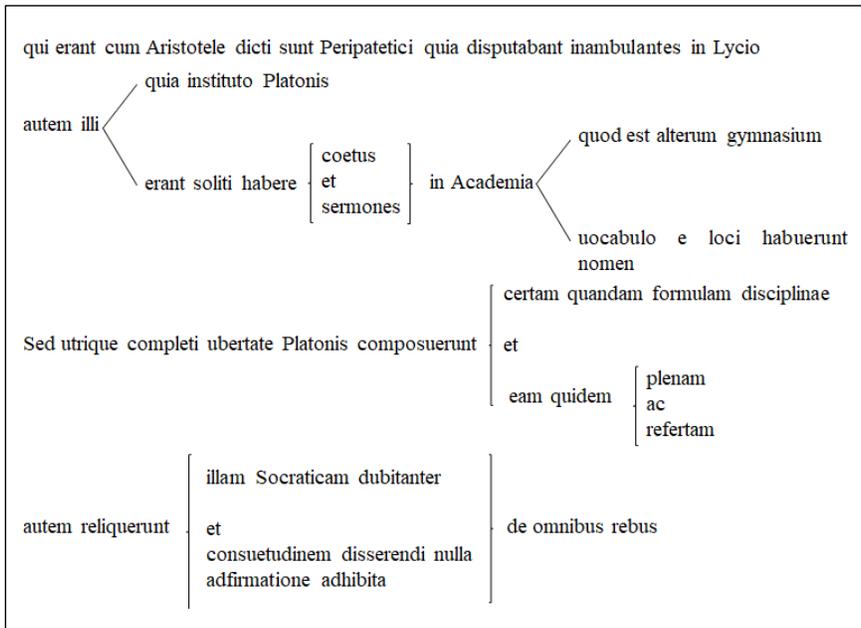
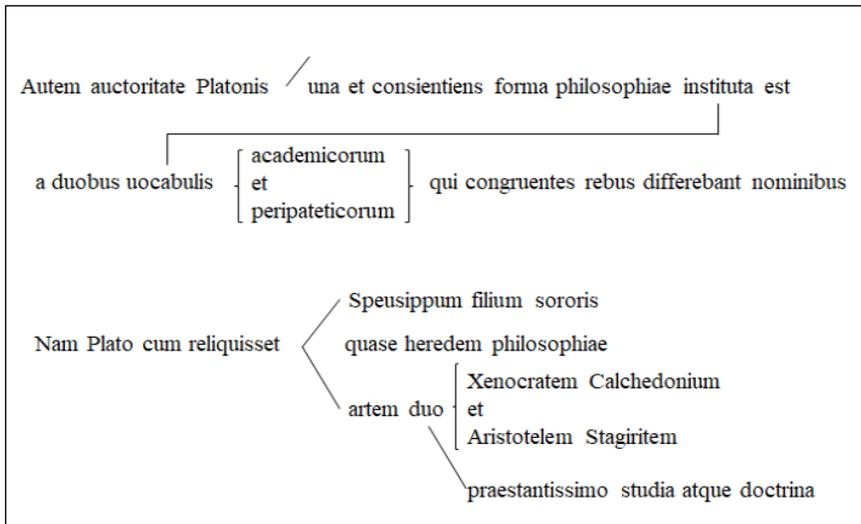
affirmatione adhibita consuetudinem disserendi reliquerunt (*Academica* I, 17).

Mas pela autoridade de Platão, que foi tanto variado quanto abundante, uma única e concordante forma de filosofia foi instituída por dois termos: dos acadêmicos e dos peripatéticos, que coincidentes nas coisas, diferiam nos termos. Pois Platão, embora tivesse deixado a Espeusipo, filho de *sua* irmã, como que herdeiro de *sua* filosofia, *deixou* porém dois com muito estudo e ciência: Xenócrates da Calcedônia e Aristóteles de Estagira; os que estavam com Aristóteles, foram chamados de peripatéticos, porque debatiam caminhando no Liceu, aqueles porém, porque por plano estabelecido de Platão acostumaram-se a ter reuniões e conversações na Academia, que é outro ginásio, do nome do local tiveram o nome. Mas uns e outros preenchidos com a fecundidade de Platão reuniram um determinado sistema de disciplina e este certamente pleno e acabado, deixaram porém aquela *afirmação* socrática com dúvida sobre todas as coisas e o costume de dissertar sem nenhuma afirmação ser acrescentada.

O início do diálogo *Academica* (Acadêmicas) entre Cícero e Marco Varrão aborda as origens do pensamento filosófico entre os gregos, exaltando, sobretudo, a figura de Sócrates, que entre os filósofos antigos teria sido o primeiro a ter-se desviado das coisas ocultas e envoltas pela

natureza, com as quais todos os filósofos estavam ocupados até o momento, e ter-se direcionado às coisas comuns da vida humana, como a virtude e o vício, os bens e os males, acrescentando temáticas necessárias ao bem comum e ao bem viver. M. Varrão afirma no trecho que a origem das duas principais escolas filosóficas gregas é proveniente do pensamento socrático, diferindo ambas apenas na nomenclatura, *Peripatetici et Academici* (peripatéticos e acadêmicos), porém questiona a funcionalidade da prática filosófica de Platão, já que *dubitanter de omnibus rebus et nulla affirmatione adhibita consuetudinem disserendi reliquerunt* (deixaram com dúvida sobre todas as coisas e o costume de dissertar sem nenhuma afirmação ser acrescentada). Assim, M. Varrão afirma posteriormente que, devido ao método empregado por Aristóteles, a escola peripatética estaria à frente daquela antiga Academia platônica, embora houvesse existido para as duas escolas a mesma origem de pensamento.

Ao estruturar o trecho, é possível perceber o uso dos participípios como qualificativos acerca da ideia defendida por M. Varrão sobre os peripatéticos e os acadêmicos:



Utilizam-se, no trecho, três participípios presentes *consientiens* (concordante), *congruentes* (coincidentes), *inambulantes* (caminhantes), e sete participípios passados *instituta* (instituída), *dicti* (chamados), *soliti* (acostumados), *completi* (preenchidos), *plenam* (pleno), *refertam* (acabado), *adhibita* (acrescentada) com valor qualificativo. No primeiro período, há duas estruturas em relação ao ablativo *auctoritate* (autoridade) especificado pelo genitivo *Platonis* (de Platão), estruturas singulares e determinantes para a compreensão do que será explicado por M. Varrão, primeiramente, o uso de uma oração adjetiva *qui fuit et uarius et copiosus* (que foi tanto variado quanto abundante) usada como determinante da autoridade de Platão, pois este era *uarius et copiosus* quanto aos assuntos abordados em sua filosofia que tinha *una et consientiens forma* (única e concordante forma) e apesar dessa unidade *instituta est a duobus uocabulis* (foi instituída por dois termos); em segundo lugar ressalta-se o uso do termo *consientiens* na qualificação da filosofia platônica, uma vez que o seu método era concordante e uno, não haveria assim a possibilidade de surgimento de escolas distintas a partir dele, porém sua filosofia *instituta est* e originou o que

viriam o ser aparentemente escolas divergentes *Academicorum et Peripateticorum* (dos acadêmicos e dos peripatéticos). A segunda oração adjetiva, introduzida por *qui* (que), determina *duobus uocabulis* (dois termos) *Academicorum et Peripateticorum* e demonstra que eles apenas *differebant nominibus* (diferiam nos termos), fato que é significativa para a compreensão do argumento de M. Varrão de que ao seu entendimento não havia diferença ideológica entre as duas filosofias, afirmação que é acentuada pelo uso do particípio presente *congruentes* (coincidentes), que marca tanto um argumento visivelmente crítico quanto indica que naquele momento, ou seja, no presente textual, as ideias dos peripatéticos e dos acadêmicos coincidiam.

Em seguida, M. Varrão passa a explicação etimológica dos nomes atribuídos às duas escolas, destacando os seus principais representantes *Xenocratem Calchedonium et Aristotelem Stagiritem* (Xenócrates de Calcedônia e Aristóteles de Estagira), através de uma oração adjetiva *qui erant cum Aristotele* (os que estavam com Aristóteles), afirma como *diciti sunt* (foram chamados), usando o particípio passado *dicti* na antecipação da oração

explicativa que se segue *quia disputabant inambulantes* (porque debatiam caminhando) no Lyceu, sendo o particípio *inambulantes* o correspondente direto do termo que nomeava a escola grega, pois o termo περιπατητικός (peripatético) é proveniente do verbo περιπαθέω (circular, ir e vir, passear conversando); o segundo comentário é introduzido por uma conjunção adversativa *autem* (porém), indicando o plano estabelecido de Platão e *illi erant soliti habere coetus et sermones* (acostumaram-se a ter reuniões e conversações) *in Academia* (na Academia), estando o particípio *soliti* (acostumados) determinando certa frequência dos seguidores da escola de Platão em visitar o local para as discussões filosóficas, sendo assim *e loci uocabulo habuerunt nomem* (do vocábulo do local tiveram o nome).

Seguindo o comentário, M. Varrão, mesmo que de forma indireta, sobrepõe os peripatéticos à Academia, apesar de afirmar categoricamente que *utrique* (uns e outros) foram *completi* (preenchidos) com os ideais platônicos e que *formulam* (sistema) era *plenam ac refertam* (pleno e acabado), fazendo uso dos particípios *completi, plenam ac refertam* para demonstrar que a

filosofia platônica seria superior a outras correntes filosóficas existentes na Grécia naquele momento, mas que foi prejudicada pelos acadêmicos pelo *consuetudinem disserendi nulla adfirmatione adhibita* (costume de dissertar sem nenhuma afirmação ser acrescentada), fato que, segundo M. Varrão desagradava a Sócrates e que por este motivo a corrente filosófica peripatética se sobrepunha à acadêmica.

É possível também observar o uso de participípios, sobretudo, de gerundivos, nos seguintes trechos:

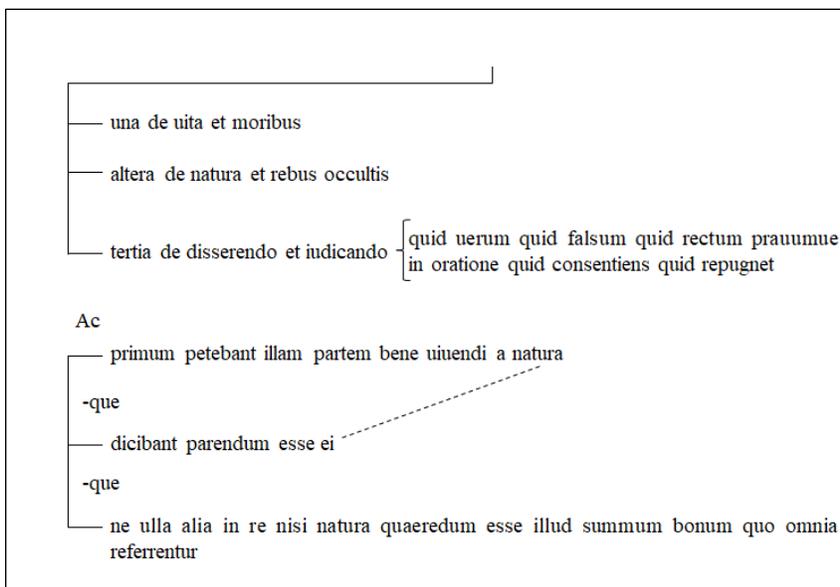
Fuit ergo iam accepta a Platone philosophandi ratio triplex, una de uita et moribus, altera de natura et rebus occultis, tertia de disserendo et quid uerum quid falsum quid rectum in oratione prauumue quid consentiens quid repugnet iudicando. Ac primum illam partem bene uiuendi a natura petebant eique parendum esse dicebant, neque ulla alia in re nisi in natura quaerendum esse illud summum bonum quo omnia referrentur (*Academica I, 19*).

Foi então já aceito a partir de Platão o método tríplice de filosofar: primeiro, sobre a vida e os costumes; segundo, sobre a natureza e coisas ocultas; terceiro, sobre raciocinar e julgar o que *seja* verdadeiro, o que *seja* falso, o que *seja* reto ou torto no discurso, o que *seja* coerente, o que *seja* incompatível. E

primeiramente procuravam atingir aquela parte do bem viver a partir da natureza e diziam ser necessário obedecer a ela, e em nenhuma outra coisa a não ser na natureza dever ser buscado aquele sumo bem a que tudo se referisse.

Como afirmado por M. Varrão, os princípios filosóficos eram os mesmos entre os peripatéticos e os acadêmicos, pois ambos se baseavam na filosofia platônica como ponto de partida para reflexão sobre variados assuntos. É interessante verificar a importância dada à natureza no que se refere ao *ratio triplex* (método tríplice) de filosofar; a natureza era vista como um ponto de referência em que todos deveriam basear-se a respeito do desenvolvimento individual tanto nas coisas de alma quanto do corpo como da vida.

A tripartição proveniente de Platão, sugerida por M. Varrão, pode ser facilmente verificável na estruturação do discurso:



Ao visualizar a estrutura, observa-se uma dupla tripartição dos elementos enumerativos que são cuidadosamente distribuídos ao longo do parágrafo. A primeira sentença *fuit iam accepta a Platone ratio philosophandi triplex* (foi já aceito a partir de Platão o método tríplice de filosofar) introduz tanto a enumeração sugerida quanto o primeiro participio futuro passivo ou gerundivo, marcado pelo uso de *philosophandi*, traduzido por “de filosofar”, mas que semanticamente revela tanto uma articulação discursiva, já que o gerundivo é usado seis vezes ao longo do trecho, quanto a necessidade ou

obrigação que o uso desse tipo de forma participial indica; assim o método tríplice não revelaria apenas a filosofia platônica, mas a necessidade e/ou obrigação que há na prática da filosofia, o que demonstra claramente a sua relevância, sobretudo, para as personagens do discurso. A primeira sequência enumerativa é coordenada por *una... altera... tertia* (um... outro... o terceiro) que elucidam os termos importantes à prática filosófica e lança mão de uma coordenação aditiva entre os termos de cada item que são interligados pela conjunção *et* (e), o que demonstra um paralelismo sintático muito bem articulado dos termos e põe os gerúndios *disserendo et iudicando* (pelo raciocinar e pelo julgar) em simetria com os nome coordenados nos itens anteriores; assim tem-se *uita et moribus... natura et rebus... disserendo et iudicando* (vida e costumes... natureza e coisas... raciocinar e julgar), nessa sequência, o autor evita o uso de outras conjunções aditivas com o intuito de evitar possíveis ambiguidades. Os dois gerúndios *disserendo et iudicando*, que indicam o dever e a obrigação de raciocinar e de julgar, são seguidos por uma sequência enumerativa dos termos que precisam de tal verificação, desde *quid uerum até quid repugnet* (o que seja verdadeira “até” o que

seja incompatível), sendo relevante observar que a sequência não é conectada por conjunções, já que o autor desloca o gerundivo *iudicando*, que está coordenado com *disserendo*, para o fim do período, demonstrando claramente que os termos da enumeração referem-se aos gerundivos. A segunda sequência enumerativa liga-se à anterior pela conjunção *ac* (e), construindo-se em torno de uma sequência de gerundivos ligados pela enclítica *-que* (e) respectivamente *uiuendi... parendum... quaerendum* (viver... submeter-se... buscar). Há então a introdução do conceito de total relevância da natureza, pois é vista como *illam partem bene uiuendi* (aquela parte do bem viver), ou mais especificamente como sugere o gerundivo, como a parte a partir da qual se tem a obrigação e a necessidade de viver bem, assim como tudo *parendum esse ei* (ser necessário obedecer a ela), não como uma sugestão, mas como uma necessidade inevitável, ou que nada *quaerendum esse* (ser necessário obedecer) a não ser à natureza cuja importância, para a filosofia retomada por M. Varrão, é, sobretudo, garantida no uso que faz a personagem dos gerundivos no trecho.

Há gerundivos também no trecho:

Post argumentis quibusdam et quasi rerum notis ducibus utebantur ad probandum et ad concludendum id quod explanari uolebant. In qua tradebatur omnis dialecticae disciplina id est orationis ratione conclusae; huic quasi ex altera parte oratoria uis dicendi adhibebatur, explicatrix orationis perpetuae ad persuadendum accommodatae (*Academica* I, 32).

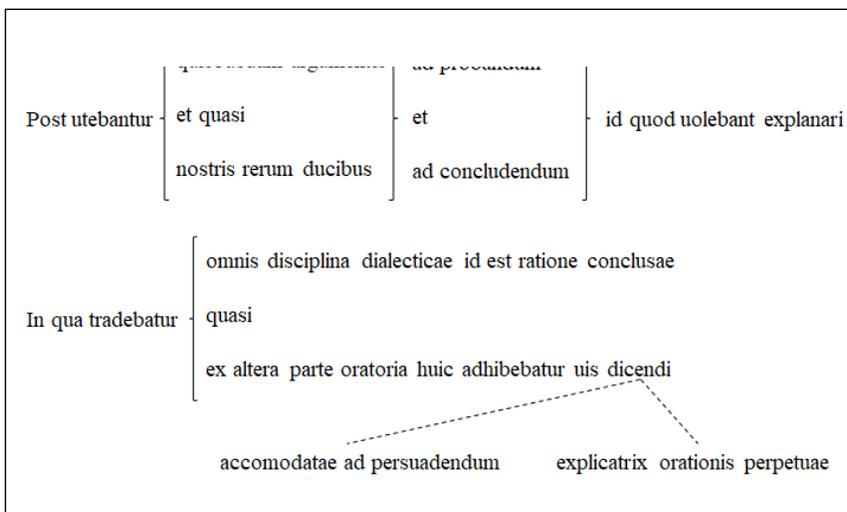
Em seguida usavam de certos argumentos e por assim dizer notas das coisas guiadas para provar e para concluir o que queriam que fosse explicado. Nisso era transmitida toda a disciplina da dialética, isto é do discurso concluído com razão; por assim dizer de outra parte oratória *lhe*⁴⁷ era adicionada a força do dizer, intérprete do discurso contínuo, adequado para persuadir.

M. Varrão explicita que a terceira parte da filosofia acadêmica estava na razão e na arte de dissertar sobre diversos assuntos em busca de uma verdade que fosse plausivelmente discernida como tal pela mente, a única capaz de realizar um julgamento de tamanha importância, a qual os gregos davam o nome de ἰδέα (ideia) e que os

⁴⁷ Ratione.

latinos traduziam frequentemente por *species* (vista, aspecto, ideia). É interessante observar que tal *species* de opiniões era subordinada à capacidade que o indivíduo tem de perceber as coisas externas, que por vezes são minúsculas, impossíveis de ser captadas por algum sentido, e que outras vezes estão em movimento constante, o que impossibilitaria qualquer *ἰδέα* sobre si, dado que qualquer percepção momentânea seria um recorte ínfimo de um movimento transitório e que poderia produzir conclusões precipitadas e incoerentes. Desse modo, os acadêmicos atribuíam à percepção sensorial e à captação que a alma tem das coisas sensíveis uma forma de chegar ao conhecimento e à ciência. A isto estava associada a definição que se fazia das coisas através do discurso, descrição de termos e até mesmo explicações etimológicas de argumentos e notas usadas na argumentação.

A importância do discurso é perceptível segundo a estrutura seguinte:



A oração principal *post utebantur* (em seguida usavam) é complementada pela coordenação de dois dativos através da conjunção *et* (e) *quisbusdam argumentis et quasi notis rerum ducibus* (de certos argumentos e por assim dizer notas das coisas guiadas), *argumentis* e *notis rerum* esclareceriam sobre as *species* do conhecimento das coisas observáveis pelos acadêmicos, assim o autor utiliza-se de uma segunda coordenação de gerundivos *ad probandum et ad concludendum* (para provar e para concluir) para explicitar a necessidade de argumentos e de notas descritivas, assim se percebe uma real necessidade

tanto de provar por argumentos alguma tese sobre determinado assunto quanto de concluir o que se estabeleceria como conhecimento ou ciência; por isso sempre se utilizam do discurso para comprovar *id quod uolebant explanari* (o que queriam que fosse explicado). Uma oração relativa adjetiva *in qua tradebatur* (nisso era transmitida) é usada como segundo núcleo tanto para o desenvolvimento do argumento quanto para sua retomada, àquela estão relacionados dois argumentos coordenados por *quasi* (por assim dizer) *omnis disciplina dialecticae... ratione conclusae* (toda a disciplina da dialética... do discurso concluído com razão) e *altera parte oratoria huic adhibebatur uis dicendi* (de outra parte oratória lhe era adicionada pela força do dizer). Este último é finalizado por gerundivo *dicendi* que reforça a ideia empregada anteriormente e a importância do discurso para a filosofia acadêmica; e, de modo semelhante à composição anterior, duas estruturas agem como aposto da *uis dicendi* e a segunda é finalizada por gerundivo, respectivamente *explicatrix orationis perpetuae* (intérprete do discurso contínuo) e *accomodatae ad persuadendum* (adequado para persuadir). Em se observando o paralelismo da construção

do trecho, observam-se dois complementos coordenados para cada ideia central, sendo os dois últimos de cada complemento finalizado por gerundivo de verbos relativos ao discurso *dicendi* e *persuadendum*, o que demonstra a necessidade não só de descrever, argumentar ou dialogar sobre determinada categoria de conhecimento mas também a obrigação e o dever de persuadir e convencer através da percepção pelos sentidos das *species* examinadas.

Dentre os tipos de participípios usados por Cícero em suas obras filosóficas, o que se mostra mais presente é o participípio passado, devido às suas características semânticas que frequentemente são atribuídas a ações realizadas no passado ou anteriores a outras ações passadas, fatores que colaboram para a explicitação tanto de teorias filosóficas, que geralmente são retomadas dos gregos, quanto para o exercício da dialética, através da retomada de discursos proferidos por personagens ao longo do texto, como para a exemplificação por meio de fatos históricos, que se mostram presentes ao longo de suas obras. Como se verifica em:

Feci ut essent nota nostris; a Graecis enim peti non poterant ac post L. Aelii nostri occasum ne a Latinis quidem. Et tamen in

illis ueteribus nostris, quae Menippium imitati non interpretati quadam hilaritate conspersimus multa admixta ex intima philosophia multa dicta dialectice quae quo facilius minus docti intellegerent iucunditate quadam ad legendum inuitati; in laudationibus, in his ipsis antiquitatum prooemiis philosophiae more scribere uoluimus, si modo consecuti sumus (*Academica* I, 8).

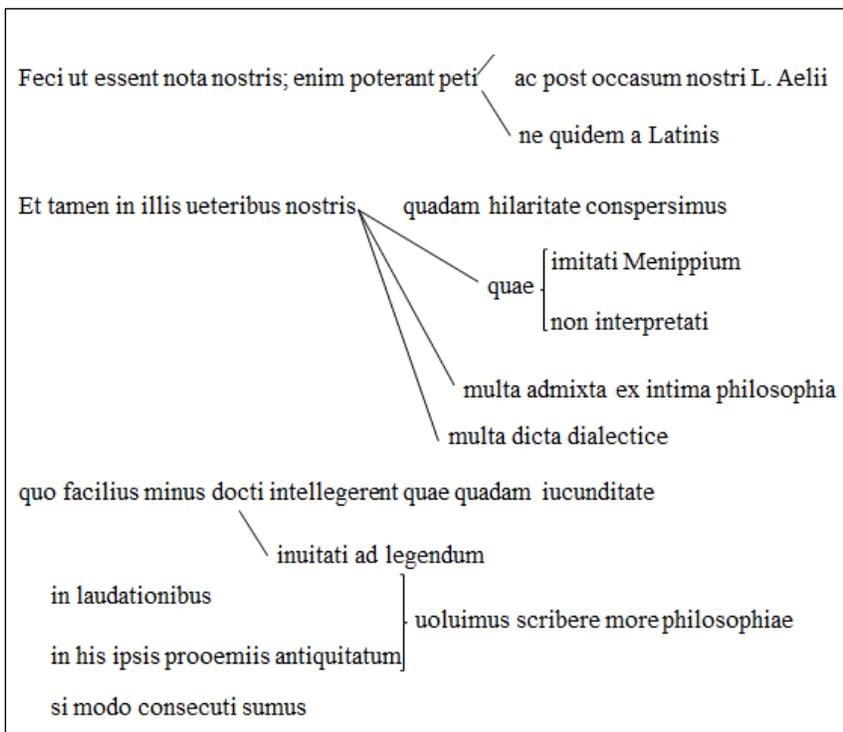
Fiz com que fossem conhecidas dos nossos; pois não podiam ser procuradas a partir dos gregos e, depois da morte de nosso L. Élio, nem mesmo dos latinos. No entanto, naquelas nossas obras antigas, que foram imitadas de Menipo, não traduzidas, com certa alegria aspergimos, muitas coisas foram misturadas a partir da íntima filosofia, muitas coisas foram ditas dialeticamente para que mais facilmente os menos doutos as entendessem com certo prazer, convidados para ler; nas *Louvações*, naqueles próprios proêmios das *Antiguidades*⁴⁸, quisemos escrever pelo costume da filosofia, se ao menos tivéssemos conseguido.

Segundo M. Varrão, Platão teria sido o maior presente dado aos homens pelos deuses, já que desenvolvera diversos ensinamentos sobre as coisas da natureza e, sobretudo, a aplicação da filosofia no modo de viver do homem. Seria necessário, segundo a personagem

⁴⁸ *Louvações e Antiguidades*, obras de Varrão.

M. Varrão, ir até às fontes da filosofia, ou seja, ir até à Grécia para entender substancialmente os seus princípios filosóficos, a constância a vida e o deleite do ânimo que em suma maioria se afastava dos costumes romanos, que certas vezes buscavam apenas os afluentes, não a verdadeira fonte, assim a personagem menciona que fez com *ut essent nota nostris* (fossem conhecidas dos nossos), principalmente através de seus escritos *Laudationibus* (Louvações) e *Antiquitatum* (Antiguidades). No entanto, é perceptível a crítica a certa incapacidade romana sobre o saber filosófico, tanto que a personagem afirma que foi preciso aspergir as obras com certa alegria *quadam hilaritate conspersimus* (com certa alegria aspergimos) *quo facilius minus docti intellegerent iucunditate quadam* (para que mais facilmente os menos doutos as entendessem com certo prazer), demonstrando certa inabilidade romana para o saber filosófico.

Ao estruturar o trecho, temos:



No primeiro período, a oração principal *feci* (fiz) é complementada por uma oração substantiva, introduzida pela conjunção *ut* (que) e faz uso da primeira forma participial, que é abundantemente usada no trecho, *nota* (conhecidas), formando a voz passiva passada do subjuntivo com o verbo *essent* em *nota essent* (fossem conhecidas), o que semanticamente se coaduna com o uso que comumente se faz do participípio passado, já que retoma

uma ação verbal que se refere a um fato anterior, ou seja, as questões filosóficas que até o momento não haviam sido ensinadas, pois *non poterant peti* (não podiam ser procuradas), menção que é complementada por uma coordenação de ablativos pospostos à preposição *a* (a partir de) *a Graecis... ne quidem a Latinis* (a partir dos gregos... nem dos latinos) intercalados pela construção *post occasum nostri L. Aelii* (depois da morte de nosso L. Élio). Em seguida, usa-se uma oração adversativa *et tamen in illis ueteribus nostris quadam hilaritate conspersimus* (no entanto, naquelas nossas (*obras*) antigas com certa alegria aspergimos) a qual está relacionada a uma série de participios passados, coordenados duplamente; primeiro os que fazem parte da relativa iniciada por *quae* (que), *imitati et interpretati* (imitadas e traduzidas); em seguida os que fazem parte das sentenças iniciadas por *multa* (muitas (*coisa*)), *admixa et dicta* (misturadas e ditas). É interessante perceber que todos os participios usados na dupla coordenação *imitati et interpretati*, e *admixa et dicta* referem-se a *ueteribus nostris* (nossas *obras* antigas) e indicam ações passadas típicas dessa forma de participio. A forma *dicta* é seguida pelo advérbio *dialectice*

(dialecticamente), que corrobora o uso do participípio passado, já que a dialética é um movimento oposto à retórica, sendo um discurso proferido após outro e assim sucessivamente, o que possibilita a retomada do que foi dito pela personagem anterior, permitindo frequentemente o uso do participípio passado. Na sequência, usa-se uma oração adverbial final *quo facilius minus docti intellegerent quae quadam iucunditate* (para que mais facilmente os menos doutos as entendessem com certo prazer), o que denota ironia da personagem M. Varrão em relação aos latinos, que são considerados, no primeiro momento, desinteressados da busca pelas fontes da filosofia, em seguida, julgados como parcialmente capazes para seu entendimento, necessitando de que a filosofia fosse explicada *facilius* (mais facilmente), sobretudo, aos *minus docti* (menos doutos); a ironia fica mais evidente com o uso do participípio passado *inuitati* (convidados) regido pelo gerundivo *ad legendum* (para ler), ou seja, se se observa o valor semântico de ambas as formas participiais *inuitati* e *ad legendum*, nota-se evidentemente que nem sempre os latinos se preocupavam com os estudos filosóficos, *inuitati* deixa clara essa afirmação, pois indica possibilidade,

condição a qual nem sempre os romanos estavam sujeitos; além disso o gerundivo indica necessidade, obrigação de realização da ação, ou seja, os dois participios indicam uma possibilidade em caso de uma obrigação, nessas circunstâncias aos romanos poderia ser impostos à busca pelo saber filosófico. M. Varrão cita ainda suas duas obras *Laudationibus, Antiquitatum* (Louvações, Antiguidades) como referências à tentativa de introduzir as discussões filosóficas entre os latinos *uoluimus scribere more philosophiae* (quisemos escrever pelo costume da filosofia) e finaliza o trecho com uma suposição, introduzida pela conjunção condicional *si* (se), finalizada pelo participio passado *consecuti* (conseguido), demonstrando sua preocupação em fazer com que o saber filosófico fosse difundido mais intensamente entre os romanos.

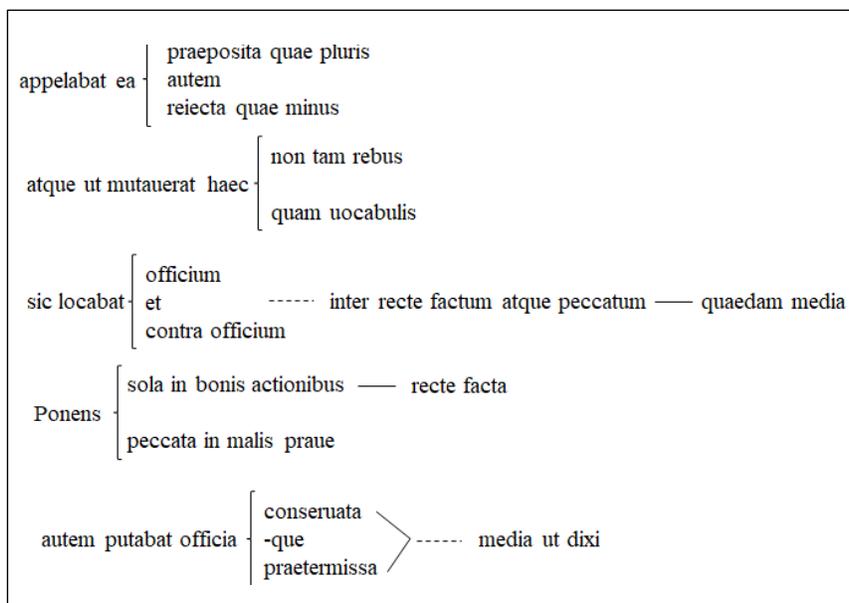
Há vários participios passados também no trecho:

Quae pluris ea praeposita appellabat, reiecta autem quae minoris. Atque ut haec non tam rebus quam uocabulis mutauerat, sic inter recte factum atque peccatum officium et contra officium media locabat quaedam, recte facta sola in bonis actionibus ponens, prae id est peccata in malis; officia autem conseruata praetermissaque media putabat ut dixi (*Academica* I, 37).

Chamava-as prepostas as que mais, porém *chamava* rejeitadas as que menos. E como mudara estas *coisas* não tão na essência quanto nos vocábulos, assim colocava, entre a ação corretamente *feita* e a falta, o dever e o contrário do dever, algo intermediário, colocando só nas boas ações as corretamente feitas, perversamente, isto é, as faltas nas más; porém os deveres conservados e os negligenciados colocava como intermediários, como eu disse.

M. Varrão explicita que dentre os estoicos Zenão tentou desvincular a concepção de virtude, como fizera Teofrasto, que a associava unicamente à vida ditosa. Zenão percebia que havia a possibilidade de diferentes categorizações e que entre as virtudes e as coisas contrárias a ela havia as coisas interpostas e as medianas; assim considerava ele que as virtudes deveriam ser assumidas, as coisas contrárias à virtude deveriam ser negligenciadas e as que estivessem em posição mediana não deveriam ser consideradas importantes em sua totalidade. Assim, certas coisas deveriam ser mais estimadas que outras, pois estariam diretamente relacionadas à virtude.

Em se observando a estrutura do trecho, percebe-se a importância do uso dos participios passados para a categorização das ações mencionadas por M. Varrão:



A oração principal *appelabat* (chamava) é complementada pelo neutro acusativo plural *ea* (as / aquelas coisas) que se referem às ações que são explicitadas por M. Varrão acerca da teoria de Zenão, por sua vez *ea* é complementada por duas estruturas justapostas paralelas de que fazem parte os participios passados *praeposita et reiecta* (prepostas e rejeitadas) que são seguidos pelos pronomes relativos neutros *quae* (as que); *praeposita et reiecta* estão diretamente relacionados à concepção que Zenão tinha da virtude, tanto que *quae pluris*

(as que mais), ou seja, as mais importantes, as melhores deveriam ser colocadas antes *praeposita*, e as inferiores *quae minus* (as que menos) deveriam ser rejeitadas *reiecta*, pois não conduziam a uma vida ditosa. A oposição entre a classificação da virtude é bem marcada pelo uso da conjunção *autem* (porém), que demonstra o contraste entre *praeposita quae pluris* e *reiecta quae minus*. Em seguida, a oração *ut mutauerat* (como mudara) é complementada por *haec* (estas coisas) que se referem ainda à virtude e há uma tentativa de sua diferenciação através da comparação estabelecida entre os termos *rebus* (essência) e *uocabulis* (palavras); porém há uma nítida percepção de M. Varrão de que as diferenças não haviam sido estabelecidas, existindo apenas mudança de nomenclatura. A oração seguinte *sic locabat* (assim colocava) tenta elucidar a anterior e o termo *haec*, utilizando uma estrutura simetricamente construída, como se percebe na estruturação, já que os termos *officium et contra officium* (dever e contra dever), que se espera que sejam elucidados, são interpostos pelo meio termo *quaedam media* (algo intermediário) que se explica subjetivamente como *recte factum atque peccatum* (uma ação corretamente *feita*) e a falta). O argumento continua

na oração seguinte com o particípio presente *ponens* (colocando) que é complementado por duas estruturas com ideias opostas *sola in bonis actionibus... recte facta* (só nas boas ações as corretamente feitas) e *peccata in malis prae* (as faltas nas más perversamente). O trecho é finalizado por uma oração adversativa *autem putabat* (porém colocava), complementada por *officia* (os deveres), que neste momento são duplamente qualificados por particípios passados semanticamente distintos *conseruata praetermissaque* (conservados e negligenciados) colocados como *media* (intermediários).

Cícero faz uso excessivo do particípio passado, no trecho seguinte:

Nulla res per triennium nisi ad nutum istius iudicata est, nulla res tam patria cuiusquam atque auita fuit quae non ab eo imperio istius abiudicaretur. Innumerabiles pecuniae ex aratorum bonis nouo nefarioque instituto coactae, socii fidelissimi in hostium numero existimati, ciues Romani seruillem in modum cruciati et necati, homines nocentissimi propter pecunias iudicio liberati, honestissimi atque integerrimi absentes rei facti indicta causa damnati et eiecti, portus munitissimi, maximae tutissimaque urbes piratis praedonibusque patefactae, nautae militesque Siculorum, socii

nostri atque amici, fame necati, classes optimae atque opportunissimae cum magna ignominia populi Romani amissae et perditae (*In C. Verrem* I, 5).

Por três anos nada foi julgado a não ser segundo a ordem dele, nada foi herdado do avô e de algum pai tal que não fosse julgado pelo poder dele. Muito dinheiro de bons lavradores foi retirado a partir do novo e abominável hábito; aliados fidelíssimos foram julgados no número dos inimigos, cidadãos romanos de modo servil foram crucificados e mortos, homens perniciosíssimos foram liberados da sentença por causa de dinheiro, ausentes honestíssimos e íntegros por feitos foram condenados e expulsos por causa de denúncias, asilos foram preparados, muitas e desprotegidas cidades foram abertas a piratas e ladrões, marinheiros e soldados da Sicília, nossos companheiros e amigos, foram mortos com violência, ótimos e proveitosos exércitos com grande vergonha ao povo romano foram perdidos e arruinados.

No exórdio da obra, há a demonstração que C. Verres foi a causa da ruína da Sicília, em seguida tem-se a proposição do discurso contra Verres em que Cícero constata que muitos planos audaciosos foram preparados por Verres para evitar o seu julgamento por improbidade administrativa e por inúmeras ações perniciosas contra o povo romano, contra as nações estrangeiras aliadas, contra

a ordem senatorial, contra o próprio Cícero que, para preparar devidamente seu discurso de acusação, percorreria durante cinquenta dias a Sicília a fim de tomar conhecimento de todas as atrocidades administrativas firmadas por Verres. Segue-se às duas primeiras partes do discurso a narração em que Cícero questiona se a oratória estaria em defesa de qualquer circunstância e se haveria a possibilidade de defesa mesmo contra vícios evidentes como seriam os cometidos por Verres que teria levado a Sicília à ruína em apenas três anos de sua administração.

A partir da estruturação do trecho, pode-se verificar com mais clareza o uso dos participípios passados em função da argumentação:

Per triennium	{	nulla res auita atque cuiusquam patria fui	}	tam quae non abiudicaretur ab eo imperio istius
innumerabiles pecunia ex bonis aratorum instituto	{	nouo -que nefario	}	coctae
socii fidelissimi in numero hostium existimati				
ciues Romani in modum seruilem	{	cruciati et necati	}	
homines nocentissimi propter pecunias iudicio liberati				
absentes	{	honestissimi atque integerrimi	}	rei facti causa indicta
				{
				damnati et eiecti

portus munitissimi	{	maximae -que Tutissimae	}	urbes	{	piratis -que praedonibus	}	patefactae
nautae -que milites	{	siculorum, socii nostri atque amici, fame necati	}					
classes	{	optimae atque opportunitissimae	}	cum magna ignominia populi Romani	{	amissae et perditae	}	

A locução temporal *per triennium* (por três anos) é explicitada por duas estruturas iniciadas por *res nulla* (nada) que demonstram a ineficiência da administração de Verres, principalmente por todas as coisas serem julgadas *ad nutum istius* (segundo a ordem dele), ambas as estruturas são finalizadas pela correlação *tam quae* (tal que) que introduz a oração *tam quae non abiudicaretur ab eo imperio istius* (tal que não fosse julgado segundo a ordem dele), reforçando assim a influência que Verres tinha sobre todas as instâncias na Sicília. A primeira estrutura iniciada por *res nulla* apresenta o primeiro particípio passado do trecho *iudicata* (julgado), junta-se a este uma sequência de particípios dispostos como fechamento das ideias que serão expostas. A oração iniciada por *innumerabiles pecunia ex bonis aratorum* (muito dinheiro de bons lavradores foi retirado) é finalizada pelo particípio passado *coctae* (retirado) ao qual se segue a oração *socii fidelissimi in numero hostium* (aliados fidelíssimos no número dos inimigos) que é finalizada pelo particípio *existimati* (julgados); no mesmo viés organizativo estruturam-se todas as orações da sequência, ou seja, as ideias iniciais propostas pelas orações são sempre finalizadas por um

particípio passado, respectivamente *cruciati et necati* (crucificados e mortos), *liberati* (liberados), *damnati et eiecti* (condenados e expulsos), *patefactae* (preparados) e *necati* (arruinados), e estes particípios denotam sempre aspectos negativos associados a Verres, sendo assim, neste momento da narração, são de suma importância para o julgamento do caso, pois Cícero utiliza-se dessas formas nominais para recapitular os feitos negativos e os danos causados por Verres *per triennium*, enquanto ele estava na administração da Sicília. Os particípios enumeram distorções administrativas que precisam ser punidas com uma pena severa, conforme demandariam as instituições romanas.

6 Conclusão

Diante do exposto ao longo do livro, é simples identificar múltipla possibilidade de estudo para a estilística latina, principalmente no que se refere ao autor Cícero, quer pela ampla obra publicada e que permanece até a atualidade, quer pela multiplicidade de composição textual e por ampla habilidade no uso da língua latina. É evidente que o estilo ciceroniano é marcado por construções sintáticas bastante peculiares, já que não é incomum encontrar na sua obra, desde a mais curta sentença até o mais longo período, elaborações ímpares, que visam a indícios e até mesmo a pistas textuais para melhor compreensão do que seria a concretização do pensamento do autor, fato que resulta em textos em ampla maioria distribuídos com precisão estruturativa e vocabular, de modo que são raras as repetições sintáticas. Não são apenas as inversões sintagmáticas que são dignas de louvor, mas também o grau significativo que elas ganham na escrita e que tornam visível a intenção do autor na elaboração textual. Toda essa construção sintática demonstra a intenção de pôr em prática de forma bastante técnica e com amplo conhecimento o registro de

pensamento do autor, o que na maioria das vezes indica, através de recursos linguísticos utilizados, os passos a serem seguidos para melhor compreensão textual.

Essa estética de criação verbal através de recursos linguísticos variados é verificada amplamente no uso que Cícero faz das formas nominais do verbo, infinitivo e particípio, conforme foi verificado nos inúmeros trechos apresentados. Tanto sobre o uso dos infinitivos quanto sobre o uso dos particípios, é ampla a possibilidade de apresentação dessas formas nominais utilizadas pelo autor, pode-se afirmar acertadamente que todos os trechos analisados apresentam estruturação sintática diferente, o que seria bastante improvável ou até mesmo impossível de conseguir, a não ser em uma língua provida de tamanha possibilidade de flexão e declinação como o Latim, fato que é perfeitamente perceptível ao autor, já que ele lança mão frequentemente da multiplicidade estruturativa de sua língua materna em seus textos. São estruturações planejadas minuciosamente como a coordenação pela conjunção *et* de infinitivos ativos em oposição à coordenação pela conjunção *atque*, de mesmo valor semântico, no mesmo trecho, com o intuito de evitar

ambigüidade interpretativa; infinitivos deslocados no período, mas usados como complemento de um mesmo verbo escrito uma única vez no período; infinitivos ativos e passivos, coordenados pela conjunção *et*, apresentados como complementos verbais de uma mesmo verbo ativo, com o intuito de demonstrar uma sequência enumerativa em momentos distintos; trechos extremamente complexos na elaboração discursiva em que, apenas através de uma organização por meio de estruturas interligadas demonstradas em gráficos, é possível verificar amplo planejamento, com inúmeras sequências de conjunções alternativas *aut* referentes ao mesmo verbo ativo que é complementado por várias estruturas oracionais que têm por núcleo infinitivos passivos; sequências de infinitivos objetivos antepostos ou pospostos ao verbo que complementam, mas que informam com precisão devido à sua disposição no trecho; verbos transitivos que são complementados diretamente por sequências de duplos acusativos, que têm seus pares unificados por infinitivos que finalizam a ideia em questão; orações adverbiais temporais infinitivas interligadas em dois pares – o primeiro interligado pela enclítica *-que*, o segundo

interligado pela conjunção alternativa *aut* – complementos de uma mesmo verbo ativo, intercalado por uma oração relativa; amplos são os recursos estilísticos conseguidos por Cícero através do uso do infinitivo em seus textos.

A mesma amplitude de estilo é garantida pelo autor no uso da forma nominal do particípio, já que esta forma é bastante usual nas obras; nos trechos analisados verifica-se ampla variação estilística, sendo raras as repetições sintáticas, assim é perceptível de um modo mais comum o uso do particípio como adjetivo flexionado no mesmo gênero, número e caso do nome a que se refere, mas há variados usos em que são considerados os aspectos semânticos envolvidos no processo de criação textual, como particípios futuros usados na síntese de sequências de orações adverbiais condicionais, garantindo a apreensão significativa pretendida pelo autor; particípios passados usados como vocábulos enunciativos de uma sequência por vir ou usado com um movimento inverso, formando a sequência enunciativa que determina um gerundivo, ou mesmo gerundivos usados como enunciadores de termos coordenados entre si pelos sequenciadores *una*, *altera*, *tertia* que são sintetizados por outro gerundivo em uma

construção sintática ímpar; duplas estruturas nominativas propositalmente pospostas ao verbo principal com o intuito de garantir paralelismo sintático com os seus gerúndios determinantes, ambas as estruturas coordenadas pela mesma conjunção *et* para garantir a coerência interna do trecho; coordenação de estruturas participiais em pares, ligadas a um mesmo referente, sendo a primeira relacionada por pronome relativo, e a segunda pela repetição do termo *multa*, o que garante ao autor maior especificação no primeiro caso e adição de atributos no segundo; participípios usados paralelamente, ora coordenados por adversidade, ora por adição, a fim de dar ao trecho uma sequência de paralelismos sintáticos através da junção de termos que desempenham a mesma função sintática na sentença em que estão presentes; descrição de ações e atributos negativos desempenhados por personagem ao longo do trecho, através da finalização de cada sentença do parágrafo por um participípio passado com valor depreciativo.

Apenas um autor ciente das possibilidades sintáticas, que sua língua materna oferece, seria capaz de organizar trechos tão bem elaborados e de dar ampla

significação elaborativa a sua estética de criação verbal. Nos primeiros contatos com o texto ciceroniano, há um sentimento de certa impotência diante do jogo de palavras que é apresentado, tanto que várias edições bilíngues apresentam além da tradução do Latim, também o texto latino em ordem dita “direta”, com o intuito de promover a compreensão do original, o que em nossa concepção apenas falseia a percepção textual: por um lado, faz com que o leitor se torne dependente de tais edições; por outro, desfaz toda a poética significativa que o autor consentiu ao texto, ou seja, o jogo de ideias, a organização sintática, o destaque a uma ou outra forma verbal, os paralelismos sintáticos, entre tantas outras possibilidades estruturativas concebidas por Cícero na organização de seu pensamento e nas pistas dadas ao leitor para a compreensão de seu discurso.

7 Referências

- ALFRED, Ernout et François Thomas. **Syntaxe Latine**. Klincksieck, 2002.
- A. MEILLET et J. Vendryes. **Traité de Grammaire Comparée des Langues Classiques**. 4.ed. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1966.
- ARISTOTE. **Poétique**; traduction, introduction et notes de Barbara Gernez. Paris : Les Belles Lettres, 2002.
- _____. **A poética clássica**: Aristóteles, Horácio e Longino; introdução de Roberto de Oliveira Brandão, tradução do grego e do latim de Jaime Bruna. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2005.
- _____. **Retórica**; tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior et alii. Lisboa: Imprensa Nacional, 1998.
- _____. Poética (1447a-1462b).
- _____. Retórica (1337a-1420a).
- ASSIS, Machado de. “A Cartomante”. **Várias histórias**. In: Obras Completas; org. Afrânio Coutinho. 3. ed. Rio de Janeiro: Aguiar, 1974.
- AUDAX, **Excerpta de Scauro et Palladio**. Grammatici Latini, ex recensione Henrici Keilii GL vol. 7, 320-361,12: Lipsiae, 1855-1880.

BESSELAAR, José Van Den. **Propylaeum Latinum: Sintaxe Latina Superior**. Editora Herder: São Paulo, 1960.

BLATT, Franz. **Précis de Syntaxe Latina**. Paris: Lyor, 1952.

CAESAR, C. Julius. **C. Iuli Commentarii Rerum in Gallia Gestarum VII** A. Hirti Commentarius VII. T. Rice Holmes. Oxonii. E Typographeo Clarendoniano. 1914.

CÍCERO. **De Natura Deorum I**; tradução, introdução e notas de XXXXXX. João Pessoa: Ideia, 2017.

_____. **De Natura Deorum II**; tradução, introdução e notas de XXXXXX. João Pessoa: Ideia, 2018.

_____. **De Divinatione**. With An English Translation. William Armistead Falconer. London: Harvard University Press, 1923.

_____. **Orationes**. Recognovit brevisque adnotatione critica instruxit Albertus Curtis Clark Collegii Reginae Socius. Albert Curtis Clark. Oxonii: E Typographeo Clarendoniano, 1908.

_____. **Orationes**. Recognovit brevisque adnotatione critica instruxit Albertus Curtis Clark Collegii Reginae Socius. Albert Curtis Clark. Oxford: E Typographeo Clarendoniano, 1918.

_____. **Catilinárias**. Tradução de Nicolau Firmino. 3.ed. Rio de Janeiro: Depositárias, 1953.

_____. **Letters to Atticus**. L. C. Purser, Ed.

_____. **De Re Publica**. C. F. W. Mueller. Leipzig : Teubner, 1889.

_____. **Acadêmicas**; tradução, introdução e notas de José R. Seabra. Belo Horizonte: Nova Acrópole, 2012.

_____. **In C. Verrem**; Recognovit brevisque adnotatione critica instruit Gvlielmus Peterson Rector Universitatis MacGillianaee. Oxford: Scriptorum Classicorum Bibliotheca Oxoniensis, 1917.

_____. **L'Orateur**; traduction par A. Yon. Paris: Les Belles-Lettres, 1967 (3 vol.).

_____. **La invención retórica (De inuentione)**; introducción, traducción y notas de Salvador Núñez. Madrid: Editorial Gredos, 1997.

_____. **Tusculanae Disputationes**. M. Pohlenz. Leipzig. Teubner. 1918.

_____. **Epistulae ad Familiares**. L. C. Purser, Sd.

DIOMEDES Grammaticus. **Ars Grammatica**. transcodifica di base da rtf a xml-tei piero colombo - step srl. Testo Marinone, GL-CD Controllo marcatura XML-TEI Ermanno

Malaspina Source with summary and bibliography digilibLT: Vercelli, 2016.

DONATUS, **Ars Minor**. Louis Holtz, Donat et la tradition de l'enseignement grammatical: étude sur l'Ars Donati et sa diffusion (IVe-IXe siècle) et édition critique (Documents, études et répertoire), pp. 585-602: Paris, 1981.

EGÉRIA. **Viagem do Ocidente à Terra Santa, no séc. IV**. 2.ed. Lisboa: Colibris, 2009.

FARIAS, Ernesto. **Dicionário escolar latino-português**. FAE: Rio de Janeiro, 1992.

_____. **Gramática Superior da Língua Latina**. FAE: Rio de Janeiro, 1995.

MALTBY, Robert. **A Lexicon of Ancient Latin Etymologies**. Francis Cairns: Cambridge, 2006.

MAROUZEAU, Jules. **Lexique de la Terminologie Linguistique**. Geuthner: Paris, 1951.

_____. **A ordem das palavras em latim**. 1.ed. Rio de Janeiro: Autografia, 2017.

_____. **Traité de Stylistique appliquée au Latin**. Paris: les Belles-Lettres, 1935.

PERROCHAT, Paul. **L'Infinitif Subordonné en Latin**. Les Belles Lettres: Paris, 1932.

QUINTILIANO. **Instituição Oratória**; tradução e notas Bruno Fregni Basseto. Campinas: 2015.

RAVIZZA, P. João. **Gramática Latina**. 11 ed. Dom Bosco: Niterói, 1940.

SPRINGHETTI, Aemilius S. I. **Latinitas Perennis, VI Lexicon Linguisticae et Philologiae**. Pontificiae Vniversitatis Gregoriana: Roma, 1962

SERVIUS, **Seruius in Donati artem minorem**. Grammatici Latini, ex recensione Henrici Keilii GL vol. 4, 405-420: Lipsiae, 1855-1880.

SOBRE O AUTOR

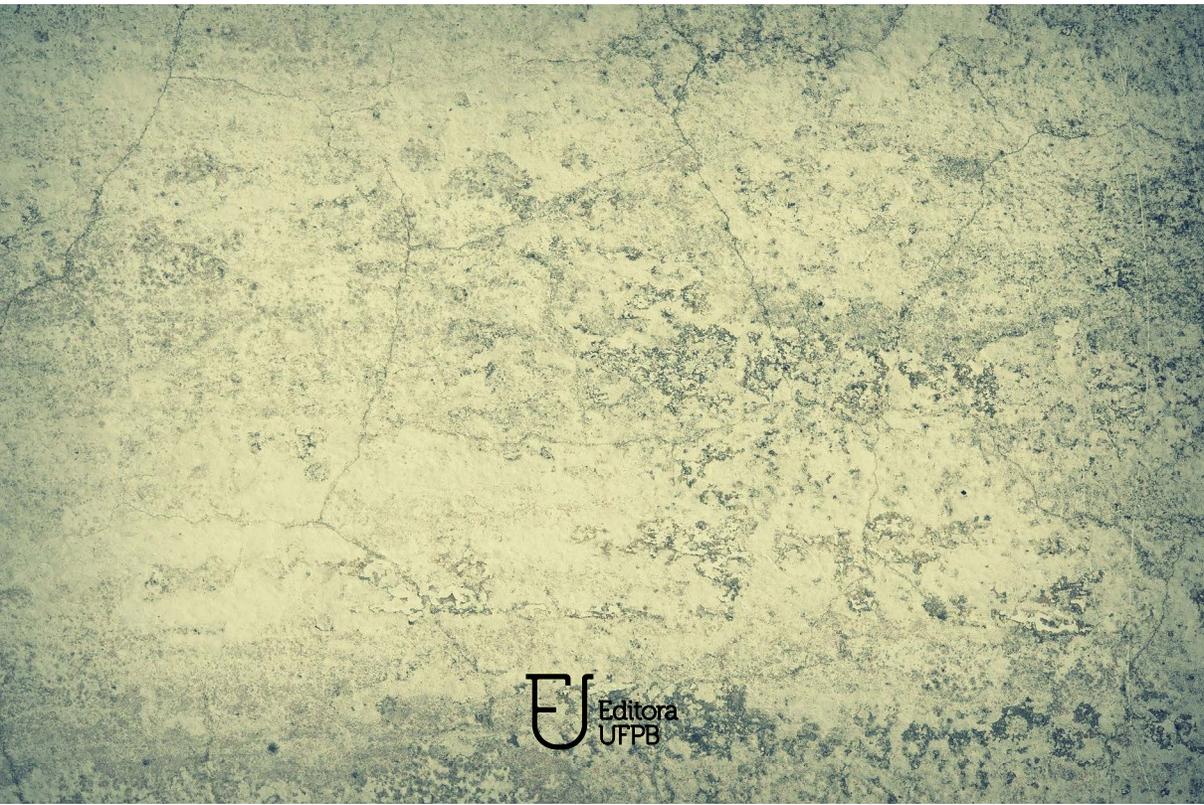
Willy Paredes Soares

Professor de Letras Clássicas da Universidade Federal da Paraíba (UFPB); Doutor em Letras (UFPB/PPGL); Pós-Doutor em Letras (USP/FFLCH).



Este livro foi diagramado
pela Editora UFPB
em 2020

NON SEPT. PASSIONE MARI
ORVM HORTENSIVM MARIAN
IACOBI DATI IAPI RUSTICI CR
TAT METTVNIBICTORIS SILBANI EC



EJ Editora
UFPB

IACOBI DATI IAPI RUSTICI CR
TAT METTVNIBICTORIS SILBANI EC
THI SCIBI MEMORAMINI IN CONSPETV
VARVM NOMINA SCITIS QVIFECIT IN